



LIVRARIA
OLISIPO

R. da Trindade, 17
1200 LISBOA

OXFORD UNIVERSITY



ST. GILES', OXFORD OX1 3NA

Vet Park, Oxford, UK



LIÇÕES ELEMENTARES

DE

ELOQUENCIA NACIONAL,

OFFERECIDAS

À MOCIDADE DE AMBOS OS HEMISPHERIOS,

QUE FALA O IDIOMA PORTUGUEZ,

POR

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO,

CÓNREGO DA SÉ ARCHIEPISCOPAL METROPOLITANA

DA PROVINCIA DA EXTREMADURA,

PROFESSOR DE ORATORIA, POETICA E LITTERATURA CLASSICA

PRINCIPALMENTE A PORTUGUEZA NO LYCEO

NACIONAL DE LISBOA,

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,

MEMBRO DA SOCIEDADE D'INSTRUÇÃO PRIMARIA,

E DO CONSERVATORIO REAL

DA ARTE DRAMATICA DA MESMA CIDADE,

MEMBRO DA SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO ELEMENTAR

DO RIO DE JANEIRO, ETC.

SEGUNDA EDIÇÃO.



LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1840.

... *Hæc ipsa sine doctore perito, studio pertinaci,
scribendi, legendi, dicendi, multa et continua
exercitatione, per se nihil prosunt.*

« Isto mesmo, sem um bom mestre, sem
» perseverante applicação, sem muito, e continuado
» exercício de escrever, de ler, de falar, por si
» so de nada aproveitará. »

M. F. Quintil. de Institut. Orator. Proæmium,

~~~~~

Pelas varedas da Razão dirige  
O Dom maior, que a Natureza outorga,  
Do humano affecto a despota ELOQUENCIA.  
*Meditação, Poema de Macedo;*

.....

# PREFAÇÃO

## DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

---

*Propuz-me a escrever um Compendio de Principios geraes sobre a Eloquentia, do qual é um curto epitome, a Obra, que debaixo do titulo de Lições Elementares de Eloquentia Nacional agora vai sahir á luz, por não ter encontrado em nenhum dos idiomas, que conheço, Obra alguma elementar desta Disciplina, que satisfaça ao alto conceito, que della tenho formado depois de alguns annos empregados no seu estudo, e ensino.*

*As poucas, que me consta haverem sido compostas no idioma Portuguez, são pelo ordinario copias mais, ou menos servís, de alguns Capítulos das Instituições Oratorias de Quintiliano; abrangendo por consequencia um complexo de doutrinas nimiamente acanhado, e algumas destas mal apropriadas ao estado actual da Eloquentia moderna: e as, que Escriptores estrangeiros tem composto sobre o mesmo assumpto, e que tem chegado ao meu conhecimento, ou laborão em iguaes defeitos, ou por sua dilatada extensão não podem ter applicação accommodada ao muito limitado espaço de tempo, que entre nós costuma ser dedicado ao ensino elementar desta aliás importantissima Disciplina.*

*Era por isso necessario abranger em pequeno espaço quanto de melhor se tivesse escripto ácerca da Eloquencia ; a fim de proporcionar aos , que se applicão ao seu estudo , quanto fosse bastante para della adquirirem em pouco tempo noções claras , exactas , e adequadas aos seus usos actuaes.*

*Talvez que eu não tenha sido tão feliz , como desejava , na escolha dos principios , a que , entre muitos outros , hei dado a preferencia para entrarem neste Resumo ; bem como na deducção , com que nelle vão apresentados. Se assim parecer a algum entendido na materia , livre e desembaraçado lhe fica o campo , para o fazer melhor , do que eu ; que aliás presumo tão pouco de mim , que de certo estou muito longe de julgar , que esta minha Obra seja perfeita.*

*Facilmente conhecerá , quem tiver manejado o assumpto , que tudo , quanto ha de bom neste Escripto , me foi subministrado pelas Obras dos Autores excellentes , que consultei , e que até em grande parte copiei : foram elles principalmente Cicero , e Quintiliano ; entre os antigos ; Blair , Jeronimo Soares Barboza , e Francisco José Freire , entre os modernos. Segui , mais do que de nenhum outro , as pisadas de Quintiliano ; porque na opinião geral dos cruditos , que é também a minha , é elle o grande Mestre desta Disciplina , maiormente no que diz respeito aos seus principios fundamentaes , com pequenas excepções ; se-o não segui em tudo ,*

foi porque tive para mim, que elle, como homem, podia errar; ou ver as cousas menos claramente, do que outros as podem ver: alem de que nos logares, em que me afastei da sua opinião, não o fiz, sem dar as razões, que a isso me conduzirão, as quaes desejo sejam pesadas na balança da imparcialidade.

Uma das cousas, que espero me levarão em conta neste meu trabalho os verdadeiros amadores da bella lingua Portuguesa, é a grande copia de exemplos extrahidos dos *Classicos Nacionaes*, com que apóio a totalidade dos preceitos, maiormente na parte da *Elocução*, o que me não consta tenha sido praticado até agora por nenhum dos que entre nós tem escripto sobre a *Eloquencia*. E declaro, que, se confirmei com tão poucos *Escreptores Classicos Portuguezes* os principios, neste epitome por mim colligidos, foi porque escrevendo longe da *Patria*, e em *Paiz*, onde as *Obras* desses *Escreptores* são rarissimas, só pude lançar mão do pequeno numero das que me foi possivel trazer comigo para o logar do meu refugio, longe das garras da tyrannia.

No modo de escrever os sobreditos exemplos segui a *Orthographia* das edições, que me acompanhavão, cuja correção não abono; pois é bem sabido, que á maior parte das edições ainda dos nossos melhores *Classicos* tem infelizmente presidido ou a ignorancia, ou a incuria, ou a prevenção, ou todas estas cousas de mãos dadas. No caso porem que a for-

tuna me torne a abrir as portas da minha cara Patria, e de poder lá dirigir alguma edição deste meu *Escripto*, prometto ser nella mais copioso, mais vasto, e por ventura mais *felix* na escolha de exemplos dos nossos bons *Autores*; sendo ao mesmo tempo mais *escrupuloso* na selecção das edições, donde os *extrahir*.

Se o *Publico illustrado* fizer o devido *apreço* deste meu primeiro trabalho original, que vai ser posto debaixo das suas vistas, tencio no *fazel-o seguir* de outro não menos *interessante*, qual é o que terá por titulo *Lições Elementares de Poetica Nacional*, e de *Critica Litteraria*, obras estas que se achão ja *promptas para sahir igualmente a lume*; e todas juntas formarão um *Curso completo de Principios de Litteratura Nacional*.

Rematarei a final com os seguintes versos de ouro do meu fiel *Companheiro* na peregrinação, ou no *desterro*:

*Si qua meis fuerint, ut erunt, vitiosa libellis,  
Excusata suo tempore, lector, habe:  
Exsul eram. . . . .*

Se nos *escriptos* meus alguns defeitos,  
Como he de *crer terão*, *Leitor*, achares,  
No tempo, em que os *compuz*, *desculpa encontrem*;  
Foi do *desterro* nas *pesadas horas*.

*Ovid. Trist. Lib. IV. Eleg. I.*

PREFACÃO  
DA SEGUNDA EDIÇÃO.

---

*Achando-se inteiramente exhausta a primeira edição das Lições Elementares de Eloquencia Nacional, feita no Rio de Janeiro no anno de 1834; e, á vista da extracção, que tem tido esta obra nestes ultimos tempos, julgando o seu Autor, que ella começára a obter alguma aceitação do Publico, pois lhe consta, que até serve ja de compendio em algumas aulas do mesmo Publico; deliberou-se por isso a fazer nesta Capital de Lisboa uma nova edição da sua obra, e é a que agora apparece á luz. — Esta segunda edição, com quanto contenha a mesma série de doutrinas, que se têm nos exemplares da primeira, sahe agora não só corrigida dos não poucos erros typographicos da antecedente; porém vai de mais a mais alterada para melhor (na opinião do Autor) em differentes logares, e augmentada com um capitulo sóbre a*

*Historia da Eloquencia tanto antiga, como moderna, outro sôbre a Pronunçiação e Gestos, e outro finalmente sôbre a Memoria, como requisitos essentialissimos para o bom desempenho da Oratoria. — Na parte muito importante dos exemplos, extrahidos dos Classicos Nacionaes, offerece tambem esta nova edição notaveis melhoramentos, assim quanto á mais apropriada substituição de alguns, como ao accrescimo de muitos outros, todos elles dedicados a confirmarem praticamente os preceitos da Arte : advertindo que taes exemplos, quando são curtos, seguem-se immediatamente depois dos mesmos preceitos ; mas, quando pela sua extensão interromperião consideravelmente a série das doutrinas theoricas, vão indicados na pagina respectiva, para haverem de ser procurados no fim do volume, onde se encontrarão por appendice. — A' vista do exposto espera o Autor, que esta segunda edição das suas Lições Elementares de Eloquencia Nacional, em véz de desmerecer o bom conceito da primeira, antes ella tornará a Obra mais credôra*

*da estima da sua Patria, para quem a tem trabalhado, e a quem muito particularmente a offerece : accrescendo de mais disto, para facilitar a acquisição da mesma Obra, a diminuição do seu custo, muito inferior ao da primeira edição, attenta a barateza da mão d'obra, e do papel em Lisboa, comparada com a do Rio de Janeiro.*

*Em seguimento a esta segunda edição das Lições Elementares de Eloquencia Nacional vai o Autor publicar tambem desde ja, e pela primeira vez as suas Lições Elementares de Poetica Nacional, e com ellas no mesmo volume um Breve Ensaio sôbre a Critica Litteraria, ambos apropriados para uso das Aulas de Oratoria, Poetica e Litteratura Classica principalmente a Portugueza; e estes dous volumes, promettidos na Prefação da primeira edição da sua Obra impressa no Rio de Janeiro, formarão, como ali se diz, um Curso completo de Litteratura Nacional, de que ha tanto se carecia entre nós, escripto em Portuguéz e para Portuguezes.*

*O Autor não confia tanto de si,*

*que se persuada ter concluido esta empreza com o primór e perfeição, que o assumpto demanda, e merece : todavia resta-lhe a satisfação de ser o primeiro, que tem levado a effeito este importante trabalho, que com elle tem aberto caminho a outros mais illustrados, e felizes Nacionaes Ingenhos; e que, trilhando-o estes com melhor desempenho, como é de esperar, grande será a copia de honra e gloria, que dahí poderá resultar não só para si proprios, como para a Patria.*

*Lisboa 28 de Agosto de 1840.*

---

## ADVERTENCIA.

---

Todas as regras , que vão ser dadas neste Epitome , além da sua applicação particular aos tres Generos de discursos da Eloquencia de apparatus , que são aquelles em que a mesma Eloquencia ostenta o seu poder irresistivel em occasiões , e assumptos de maior importancia ; tem igual applicação a todo e qualquer discurso , feito de viva voz , ou por escripto , ainda ás proprias conversações particulares , e cartas familiares : como facilmente o poderá mostrar o professor habil , que for encarregado de expôr estas *Lições* aos seus alumnos.



# LIÇÕES ELEMENTARES

DE

## ELOQUENCIA NACIONAL.

---

### CAPITULO I.

#### DEFINIÇÕES DE ELOQUENCIA E DE RHETORICA :

EM QUE SE DIFFERENÇÃO UMA DA OUTRA.

§. 1. ELOQUENCIA é o dom ou o poder da intelligencia dominando pela voz as intelligencias e as vontades alheias. — Ou mais desenvolvidamente é a faculdade de significar os pensamentos por meio da palavra debaixo do ponto de vista mais proprio para produzir a convicção e a persuasão, acompanhadas do deleite.

§. 2. Por este nosso modo de definir a Eloquencia ja se deixa vêr, que não sômos da opinião d'aquelles criticos, que definem a Eloquencia restrictamente pelo dom ou poder ou faculdade de persuadir por meio da palavra : Por quanto todo o homem sensato, quando fala, ou escreve, quer sem duvida uma de tres cousas, ou convencer, ou persuadir, ou simplesmente deleitar ; isto é, o que pretende, é influir por algum dos tres modos indicados sôbre os seus semelhantes.

—— É por isso que entendemos, que todo e qualquer, que falando, ou escrevendo, chega melhor a adaptar às suas palavras ao fim, que se tem propôsto, esse é o que deve ser havido por mais eloquente. —— Pode por consequencia, qualquer que seja o assumpto, sôbre que se fale, ou escreva, ser tratado com Eloquencia, ou seja uma Oração estudada para a Tribuna, para o Fôro, para o Pulpito; ou um Tratado philosophico, ou uma Historia, ou uma Carta, &c., como deixámos tocado na Advertencia, que precede a este Capitulo I.

§. 3. Isto não obstante, não deixaremos de convir em que, de todos os assumptos do discurso, sendo de maior importancia os, que tem por objecto o manejo ou direcção dos negocios publicos, sôbre estes é que se faz mais ostensivo e importante o poder da Eloquencia; isto é, quando ella tem por fim o influir sôbre o regimen dos negocios, ou o induzir alguém a alguma acção: Considerada pois somente debaixo deste especial ponto de vista, é que a Eloquencia tem sido definida pela generalidade dos criticos *a faculdade de falar de um modo adequado para persuadir*, definição todavia, que, em o nosso entender, comprehende apenas uma das especies, mas não todo o genero de Eloquencia.

§. 4. RHETORICA é a arte, que dirige as disposições naturaes do homem no uso ou emprego da Eloquencia.

§. 5. Diferença-se pois a Rhetorica da Eloquencia, em ser esta a faculdade de exprimir os pensamentos por meio da palavra de sorte que se consiga o fim, para que se fala, prescindindo da origem, a que é devida uma tal faculdade: e em ser a Rhetorica o complexo de preceitos ordenados a dirigir e a aperfeiçoar a Natureza no uso da Eloquencia: a primeira pode ser effeito de um méro talento natural; a segunda é a Arte, que lhe corrige os defeitos e extravios, ou que o aperfeiçôa.

---

## CAPITULO II.

### HISTORIA DA ELOQUENCIA E DA RHETORICA.

#### ARTIGO I.

§. 1. Os homens começarão a ser eloquentes, logo que se lhes offereceo occasião de o serem, e as repetições destes ensaios fôrão melhorando pouco a pouco os fructos da faculdade de exprimir os pensamentos por meio da palavra da maneira mais adequada para haverem de produzir o effeito desejado.

— A observação dos bons ou maos effeitos dos ensaios da Eloquencia natural fêz que se aproveitasse o, que a mesma observação mostrou haver sido proveitoso; e que se indicasse como nocivo o que lhe fôra contrario,

ou sequer inutil : Daqui a razão por que Quíntiliano diz, que á Eloquencia dêo origem a Natureza, e á Rhetorica a observação, *initium ergo dicendi dedit natura, initium artis observatio.* ( Lib. III. Cap. 2. ).

§. 2. Até o estabelecimento das republicas na Grecia não encontrâmos vestigio algum seguro da Rhetorica, como arte de persuadir; porém estas lhe abrirão um campo tal, como nunca antes tivera, nem depois jamais teve. — Nos tempos anteriores aos, de que a Historia nos fala, havia sim Eloquencia de certo genero, mas era antes poetica, do que prosaica; por isso que o estado inculto dos homens, agitados de paixões sem freio, e surprehendidos por acontecimentos novos para elles, fazia acordar o arrebatamento e o enthusiasmo, verdadeiros pais da Poesia. Alem de que as primeiras monarchias, taes como a dos Assyrios e dos Egypcios, fôrão despoticas; nellas os homens estavam costumados a uma submissão cega, e são arrastados antes pela obediencia, do que pela persuasão, ou pela convicção.

§. 3. De todas as republicas Gregas Athenas foi sem comparação a mais celebre na Elòquencia, assim como nas mais Disciplinas, e Artes : os Athenienses são ingenhosos, vivos, e penetrantes; práticos em os negocios, e amestrados com as repentinas e frequentes revoluções, que acontecêrão no seu governo. Daqui se deixa ver, que em tal estado de cousas a Eloquencia devia ser muito

estudada, por ser o meio mais seguro de alcançar autoridade, ou sequer influencia : a sua Eloquencia porêm não era brilhante e pomposa, era sim aquella que a experiencia tinha mostrado ser a mais efficaz para interessar, convencer, e persuadir aos ouvintes.

§. 4. Em huma nação tão illustrada, e penetrante, e que attendia sobremaneira a tudo, quanto era elegante nas differentes Artes, o juizo do publico forçosamente havia de ser muito apurado; e chegou effectivamente a aperfeiçoar-se de sorte, que o gôsto Attico, e o modo de falar Attico passarão em proverbio. Cabeças de partido ambiciosos, e oradores corrompidos deslumbrarão por vezes o póvo com a sua eloquencia pomposa; porêm, quando algum interesse importante attrahia a sua attenção, quando algum grande perigo os despertava, pode dizer-se em geral que distinguirão com exacção a Eloquencia genuina da que era meramente espuria.

§. 5. Pisistrato, contemporaneo de Solon, e o mesmo que transtornou o seu plano de governo, foi, segundo Plutarcho, o primeiro, que se distinguiu entre os Athenienses por sua applicação ás Artes, que regulão o exercicio da Eloquencia. — A Historia não faz menção dos Oradores, que florecerão entre este tempo e a guerra do Peloponeso.

§. 6. Periclês, que morreo no principio desta guerra, foi propriamente o primeiro, que elevou a Eloquencia ao seu ponto de

B

perfeição, do qual, pode dizer-se, não passou depois : governou os Athenienses por espaço de quarenta annos com poder absoluto ; e os historiadores attribuem a sua influencia não tanto aos seus talentos politicos, como á sua eloquencia, a qual foi tão vehemente e energica, que levava após si quanto se lhe offerencia deante, e o fêz triumphar dos affectos e das paixões do póvo : foi daqui que lhe proveio o appellido de *Olympico*, que é o mesmo que dizer, que, semelhante a Jupiter, trovejava, quando falava. — Suidas refere, que Periclês foi o primeiro dos Athenienses, que compôz um discurso para o publico.

§. 7. Depois de Periclês, e durante a guerra do Peloponeso, vivêrão Cleon, Alcibiades, Cricias e Teramenes, eminentes cidadãos de Athenas, e apontados por sua eloquencia. Estes não tiverão outra escola, senão a utilissima e muito instructiva dos negocios e dos debates publicos, nos quaes se forma o homem pelo trato com os seus semelhantes, e onde os negocios civis e politicos ventilados pela Eloquencia põem em movimento todas as faculdades da alma. O seu modo de dizer, segundo nos consta de Cicerro, foi energico, vehemente, mas apanhado ao ponto de chegar a ser algum tanto obscuro.

§. 8. Augmentando-se depois de Periclês a importancia do poder da Eloquencia, dêo isto origem a uma nova classe de homens,

antes desconhecidos, denominados *rhetoricos*, e algumas vezes *sophistas*, que apparecêrão em grande numero durante a guerra do Peloponeso : taes fôrão Protágoras, Pródicas, Trasimo e Gorgias de Leontium, que sobresahio entre todos. — Não contentes estes rhetoricos com darem aos seus discipulos regras geraes sôbre a Eloquencia, professavão ao mesmo tempo a arte de fazer toda e qualquer especie de discursos, e de falar *pro* e *contra* sôbre qualquer materia. Ora ja se deixa ver, que nas mãos de homens taes a Eloquencia havia de descahir daquelle tom magestoso, que até então havia sustentado, e vir a parar em um emprego subtil e sophistico; donde podemos reputal-os pelos primeiros corruptôres da verdadeira Eloquencia. — A estes se oppôz o grande Sócrates, rebatendo os seus discursos sophisticos com arrazoados profundos, posto que singelos; e desviando a attenção do abuso da Razão e da Eloquencia para a linguagem natural, e para as idéas sãs e proveitosas : a substancia destes arrazoados de Sócrates foi-nos conservada pelo seu discipulo Platão nos dous Dialogos intitulados *Gorgias* e *Phedro*, que são igualmente os Tratados mais antigos, que temos sôbre Rhetorica.

§. 9. No tempo deste ultimo philosopho florecêo Isócrates, cujos escriptos ainda existem : foi professôr de Rhetorica, mas nunca se envolvêo em negocios publicos, nem defendeendo pleito algum; por issa as suas ora-

ções são boas somente para ostentação, como diz Cicero. — Parece que a grande reputação de Isócrates fôra quem movêo Aristoteles a escrever as suas *Instituições sobre Rhetorica*, primeira obra methodica sôbre esta Disciplina, que nos transmittio a antiguidade : o intento, com que a escrevêo, dizem, foi chamar a attenção dos oradores antes para convencerem, e para persuadirem a seus ouvintes, do que para lisongear-lhes os ouvidos. — Deste mesmo tempo são também Isêo, e Lisias, dos quaes existem alguns Discursos. A eloquencia de Lisias foi pura, athica, singela e sem affectação; falta porém de vigôr e fria em algumas composições. Isêo é apenas conhecido por ter sido mestre do grande Demóstenes, em quem a Eloquencia brilhou com lustre muito maior, do que em todos, quantos depois de Periclês possuirão o nome de Oradores.

§. 10. As circumstancias da vida de Demóstenes são muito conhecidas : o desejo, que manifestou de sobresahir na Eloquencia, o pouco fructo de suas primeiras tentativas, sua constancia infatigavel em vencer todos os obstaculos pessoaes, o encerrar-se em uma caverna para estudar sem distracção, o ir declamar ás praias do mar, para afazer-se ao murmurio das assembleas tumultuosas, mettendo na bôcca umas pedrinhas, a fim de corrigir a sua pronunciação defeituosa, e pendurando de um dos hombros uma espada, para reformar um vicio, que havia contrahi-

do, são circumstancias, que sabemos por Plutarcho, e que devem animar grandemente aos que se applicão á Eloquencia; porque fazem ver, o quanto pode servir a applicação e a arte, para conseguir superioridade na Eloquencia, ainda quando pareça, que a isso se oppõe a Natureza.

§. 11. Demóstenes, desprezando o modo de dizer flórido e affectado dos rhetoricos, voltou-se todo para a vigorosa e varonil eloquencia de Periclês; por isso é que a força e a vehemencia são os principaes caracteres da sua eloquencia. Nenhum Orador teve um campo mais formoso, que Demóstenes, nas suas Olintiacas e Filipicas, que são as suas principaes Orações: ellas são mui animadas, e estão cheias de impetuosidade, de fôgo e de patriotismo.

§. 12. A superioridade de Demóstenes descobre-se principalmente na sua competencia com Éschines, e della é uma prova irrefragavel a famosa Oração *sobre a Corôa*.

—— Éschines foi seu émulo e inimigo pessoal; e ao mesmo tempo um dos mais célebres oradores do seu tempo; porém os seus Discursos são fracos, comparados com os de Demóstenes: seus arrazoados sôbre as leis são mui delicados, porém as suas invectivas contra o rival são vagas e mal sustentadas.

—— Demóstenes pelo contrario é uma torrente irresistivel, arrasta com violencia o seu antagonista, pinta-lhe o character com as côres mais fortes; e o seu particular mereci-

mento consiste em que todas as suas descrições são sobremaneira pinturescas, e em todas ellas domina um certo ar de nobreza e de magnanimidade : o Orador fala com a dignidade, força e concisão, que é só inspirada pelas grandes acções, e pelo patriotismo : Ambos estes Oradores se atacão com a maior liberdade; mas o despejo illimitado dos costumes daquelles tempos, e que se descobre igualmente nas Filipicas de Cicero, offende os nossos ouvidos.

§. 13. O modo de falar de Demóstenes é nervoso e conciso, e ás vezes áspero e despi-do de todo o enfeite : com tudo as suas palavras são muito expressivas e vigorosamente coordenadas : a sua pronunciação e acção consta que erão muito animadas ; e se algum defeito pode pôr-se na sua maravilhosa eloquencia, será, que algumas vezes é dura e árida ; este defeito porém desaparece á vista do nervo admiravel e magistral da sua robusta eloquencia, a qual não pode lêr-se ainda hoje sem commoção.

§. 14. Mórto Demóstenes, desmaiou a Eloquencia com a perda da liberdade da Grecia, e tornou a cahir no modo de falar debil, introduzido pelos rhetoricos ou sophistas. — Demétrio Phalerêo adquirio alguma reputação de eloquente ; mas parece, que foi mais flórido, que persuasivo ; e que attendeo mais ás graças da Eloquencia, do que á substancia das cousas : Tal é pelo menos o juizo de Cicero.

## ARTIGO II.

§. 1. Os Romanos fôrão por muito tempo uma nação grosseira, inteiramente rude e sem conhecimento algum das Artes. Somente depois da conquista da Grecia foi que estas tiveram entrada no meio delles; e os mesmos Romanos reconhecerão os Gregos como seus mestres em todas as Artes e Sciencias, como se colhe de Horacio Liv. II. Epis. I, Vers. 156 :

*Gracia capta ferum victorem cepit, et artes  
Intulit agresti Latio . . . . .*

Do fero vencedor captiva a Grecia  
O ingenho captivou, e o agreste Lacio  
Vio entradas em si as gregas artes.

Os Romanos não tiveram a viveza, nem a sensibilidade dos Gregos, e comparativamente a estes fôrão uma nação fleugmatica. A sua lingua foi análoga ao seu character, compasada, firme, e grave; mas sem a sensível naturalidade, e sem a flexibilidade necessarias para accommodar-se a toda a sorte de composições, partes estas que distinguem a lingua grêga de todas as mais, como lemos no mesmo Horacio, Epist. aos Pisões, Vers. 323 :

*Gratis ingenium, Gratis dedit ore rotundo  
Musa loqui . . . . .*

A Musa deo aos Gregos nobre ingenho,  
E sublime linguagem. . . . .  
*Traduç. de Cand. Lusit.*

Assim, comparando as obras grêgas com as latinas, ver-se-ha sempre que naquellas ha mais ingenho, e nas Romanas mais regularidade, e mais arte : o que os Gregos inventárão, foi polido pelos Romanos ; um era original, tôsko, e ás vezes incorrecto ; o outro era huma copia perfeita.

§. 2. Posto que Cicero no seu Tratado *De claris Oratoribus* se esforça por dar alguma reputação a Catão o Censôr e aos seus Contemporaneos, reconhece sem embargo dis- so o seu *asperum et horridum genus dicendi* ; e até pouco antes do mesmo Cicero, os Ora- dores Romanos não fizeram figura alguma.

— Crasso e Antonio, dous dos interlo- cutôres do Dialogo *De Oratore*, forão os que nesta epocha sobresahirão mais, e vê-se a differença do seu modo de dizer nesta Obra de Cicero, e em outros seus Tratados sôbre a Rhetorica : não nos resta porêm nenhuma de suas producções, nem das de Hortensio, contemporaneo de Cicero, e seu émulo no Fô- ro.

§. 3. O objecto mais digno da nossa at- tenção na eloquencia romana é Cicero. As suas prendas, comó Orador, são sem disputa relevantes, ha muita arte nas suas Ora- ções, as suas introducções são regulares, e nellas com muita preparação e insinuação previne os seus ouvintes, e procura grangear- lhes a affeição : o seu methodo é claro, e a ordem das provas a mais adequada : no pla- no dellas é mais claro, do que Demóstenes :

pois tudo está no seu devido lugar : nunca se propõe a movêr , sem que tenha procurado convencêr ; e é felicissimo na moção , especialmente dos affectos brandos ; nem jamais houve escriptor , que melhor conhecesse o podêr das palavras : caminha sempre com muita belleza , e pompa , e na contextura das frases é em extremo pulchro , e exacto. — Verdade é , que o seu modo de dizer é em geral diffuso , porêin ao mesmo tempo variado com acêrto e accommodado ao assumpto , o que sôbre tudo se deixa vêr nas suas quatro Orações contra Catilina. Quando algum objecto publico despertava a sua indignação , deixando o modo declamatorio , a que era propenso , mostrava-se em extremo forte e vehemente , como bem o patenteão as suas Orações contra Antonio , contra Verres e contra Catilina.

§. 4. Como são brilhantes as bellezas deste modelo de Eloquencia , convêm apontar os seus defeitos , para se não confundirem com aquellas. — Particularmente nas Orações , que compôz nos seus primeiros annos , ha muita arte , e esta encaminhada ao applauso : visivelmente faz alardo da sua eloquencia , e parece haver cuidado mais em captar a admiração dos seus ouvintes , do que em convencêl-os : ha occasiões , em que é mais pomposo , que sólido ; e é diffuso , quando deveria ser conciso : não pode ser accusado de monotonia , por que os seus periodos tem variedade , e cadencia ; mas pelo de-

masiado empenho de ser magnifico, é ás vezes frouxo; e, offerecida que seja a occasião de falar da sua pessoa, apresenta-se cheio de si mesmo. — Estes defeitos não escapãrão á perspicacia dos seus contemporaneos, particularmente do Autor do Dialogo *De causis corruptæ eloquentiæ*, e de Quintiliano, o qual, depois de enumerar estes mesmos defeitos, todavia o justifica de muitos delles, como pode ver-se, lendo o Capitulo X. do Livro XII. das suas Instituições Oratorias.

§. 5. Acerca do paralelo entre Demóstenes e Cicero tem escripto muito os Criticos, desde Quintiliano até os nossos dias; falando porém somente dos modernos, a pluralidade dos Criticos Francezes inclina-se a dar preferencia ao ultimo: com tudo do commun sentir dos seus nacionaes se separou Fenelon nas suas Reflexões sôbre a Rhetorica e sôbre a Poetica, que é um curto Tratado, o qual serve de continuação aos seus *Dialogos sôbre a Eloquencia*, e são tão bellas, e felizes as suas expressões, que merecem ser aqui copiadas: » Não me demorei em dizer, que Demóstenes me parece superior a Cicero: Protesto, que ninguem tanto, como eu, admira Cicero; elle aformosêa tudo quanto toca, ennobrece a fala, e faz das palavras o, que nenhum outro poderia fazer: possui diferentes especies de ingenho; é copioso e vehemente, quando quer, como contra Catilina, contra Verres e contra Antonio; nota-se porém demasiado adorno nos

seus Discursos : nelles se deixa ver uma arte maravilhosa, a qual é pena, tanto se dê a conhecer : o Orador, ainda quando pensa em salvar a Republica, não se esquece da sua pessoa, nem deixa que os outros della se esqueçam. — Demóstenes, pelo contrario, parece sahir de si mesmo, e não ver mais do que a patria : não trata de aformosear o assumpto ; mas consegue-o, sem nisso pensar : é em extremo admiravel : serve-se das palavras, como um homem modesto se serve dos vestidos para cobrir-se : troveja, lança raios, é uma torrente que tudo arrebatava : não se lhe pode pôr defeito ; porque a todos extasia : faz pensar no que diz, e não nas palavras com que o diz : foge da vista dos olhos, e faz que só se tenha presente Filipe, que tudo invade. — Ambos estes Oradores me arrebatão ; porém confesso, que me move mais a rapida singeleza de Demóstenes, do que a arte infinita de Cicero, e a sua magnifica eloquencia. »

§. 6. Depois de Cicero ficou obscurecida a Eloquencia entre os Romanos, ou, para melhor dizer, morrêo com elle : nem deve isto causar estranheza ; por quanto começãrão logo a fazerem-se sentir todas as vexações e oppressões do poder mais arbitrario. Conservárão-se ainda por algum tempo algumas daquellas artes, que não tem connexão tão intima com a liberdade ; mas não podia ja encontrar-se aquella Eloquencia varonil, que reinava antes no Senado e em os negocios

publicos : o luxo, a effeminação e a lisonja corrompêrão tudo : o Fôro, onde se tratavão antes os negocios de maior interesse, ficou deserto, e o publico não dava ja attenção alguma ás causas particulares, como assegura o Autor do Dialogo *De causis corruptæ eloquentiæ*, atrás citado.

§. 7. A Eloquencia acabou de viciar-se nas escholas dos Declamadores, ou dessa especie de rhetoricos, que, á semilhança dos Sophistas grêgos, professavão ensinar a falar sôbre todos os assumptos, maiormente extraordinarios, extravagantes, e que não tinham connexão alguma com os negocios communs da vida ; fazendo consistir toda a graça da Eloquencia em um modo de dizer empolado, arrojado e vãamente pomposo.

— Contra esta nova seita de corruptôres da boa Eloquencia se elevou com grande fôrça o célebre satyrico Petronio Arbiter, e o proprio Quintiliano ( Lib. II. Cap. 10. in princip. ), porêm debalde : este modo vicioso de tratar a Eloquencia começou a deixar-se ver em Séneca, e se observa tambem no famoso panegyrico a Trajano de Plinio o môço, ultimo esforço da Oratoria Romana.

§. 8. Na decadencia do Imperio a propagação do Christianismo dêo origem a uma nova especie de Eloquencia nas Apologias, nos Sermões e nas Homilias dos Padres da Igreja. Entre estes os mais notaveis pela pureza do seu modo de dizer são Lactancio e Minucio Felix ; depois destes Santo Agosti-

nho teve muito calôr e energia : mas nenhum delles nos apresenta um modelo cabal de Eloquencia ; pois á proporção que vamos descendo , a sua linguagem é aspera , e se observa em geral inficionada pelo amor a pensamentos requintados e nimamente estudados , e a trocadilhos de palavras. — Entre os Grêgos o , que se distingue incomparavelmente , é S. João Chrysostomo ; a sua linguagem é pura , o seu modo de dizer muito ornado , copioso , fluido , até ás vezes pathetico , porém algum tanto diffuso e redundante , e não poucas vezes empolado e trabalhado em demasia.

### ARTIGO III.

§. 1. Não tendo que dizer , durante a Idade media , cousa alguma , que mereça attenção particular , passemos a encarar a Eloquencia depois do renascimento das Letras na Europa , a cujo respeito começaremos por declarar desde ja , que de nenhuma das suas Nações temos noticia , na qual por longo tempo se tenha feito o devido apreço deste maravilhoso dom natural , que a arte aperfeiçoa , como entre os illustres povos da Grecia e de Roma livres.

§. 2. Falando porém dos tempos proximoamente anteriores ao recente e mais diffundido estabelecimento dos governos representativos , á excepção da Inglaterra , onde a natureza da sua forma de publica adminis-

tração abriu um campo livre á Eloquencia da Tribuna, em todos os mais paizes da Europa fêz ella até ha pouco mui acanhados progressos; visto achar-se a Eloquencia de apparato quasi exclusivamente limitada aos Discursos Sagrados ou do Pulpito.

§. 3. Quanto á mesma Inglaterra, posto que as ventagens do seu governo, ha longos tempos popular, lhe proporcionassem todos os meios para um grande desenvolvimento oratorio; nunca a Eloquencia chegou a attin- gir neste paiz o subido gráo de esplendôr, com que brilhou nas Republicas Grêga e Ro- mana. — Verdade é, que entre os In- glezes alguns Oradores figurárão com distin- ção nos seus debates parlamentares; porê m isto tem sido effeito antes da sua pericia em os negocios publicos, do que do seu talento oratorio. Tambem é certo, que contárão no Fóro um grande numero de Advogados ha- beis; mas poucas são as suas allegações ju- ridicas, que tenham chegado á posteridade, ou que tenham attrahido a publica attenção, como entre os Francezes em tempos mais an- tigos as de *Lemaitre* e de *Patru*, e em tem- pos menos distantes e com muito mais razão as de *Lenormant*, de *d'Aguesseau*, de *Ger- bier*, de *Cochin* e sôbre todos de *La Chalotais*. — Ultimamente poucas artes ha, que entre os Inglezes estejam mais distantes da perfeição, do que a arte de prégar; ao mes- mo tempo que nos Sermões de *Bossuet*, de *Massillon*, de *Bourdaloue* e ainda do proprio

*Flechier*, vemos que estes aspirarão a um genero verdadeiramente sublime, e que muitas vezes o chegarão a attingir.

§. 4. Neste ultimo paiz a importancia, que a Academia Franceza obteve depois de Luiz XIV, deo origem a muitos generos subalternos de Eloquencia: taes fôrão os Discursos pronunciados pelos novos Socios em o acto da sua recepção naquella illustre Academia, os Elogios dos Academicos vivos ou fallecidos, mais que tudo os Elogios dos grandes homens, e as questões philosophicas e litterarias propostas para assumptos de curso. — A este genero de Eloquencia foi que devêrão a sua celebridade *Monsieur Thomas*, *La Harpe*, *Chamfort*, e bem assim *J. J. Rousseau* nos seus Discursos *Sôbre a igualdade e desigualdade dos homens*, e *sôbre Se as Artes e Sciencias são ou não uteis á boa moral*; o de *Voltaire* na sua recepção para a Academia, os Elogios biographicos de *Fontenelle*, aos quaes se pode ajuntar o de *d'Alembert*, que anda á frente da *Encyclopedia*.

§. 5. *Pascal* ja longo tempo antes tinha falado nas suas *Cartas Provinciaes* a linguagem energica e irresistivel de Demóstenes, e *Bossuet* tinha escripto a *Historia Universal* em bellissimos Discursos oratorios. — No reinado seguinte mostrarão-se grandemente eloquentes em seus escriptos *Montesquieu*, *Diderot*, *Voltaire*, e superior a todos o *Autor do Emilio*, que nesta sua Obra inimita-

vel, considerada pelo lado da Eloquencia, intimou com força, e persuadió ás mulheres um devêr natural, ao qual se havião mostrado antes tão criminosamente rebeldes.

§. 6. Mas nem a França, nem outro algum paiz Europêo tinhão reproduzido cabalmente ainda até os fins do seculo passado os prodigios oratorios da Grecia e do Lacio; para isto era preciso, que a Eloquencia fosse convidada a dar os seus pareceres sôbre os negocios de utilidade publica; ella carecia de outro theatro, que não fosse o Fóro, e o Pulpito; carecia de uma Tribuna nacional; Para haver porê m uma Tribuna nacional era indispensavel, que apparecesse um póvo, o qual começasse por ser uma verdadeira Nação. — Uma tal felicidade, como atrás deixamos tocado, era gozada apenas pela Inglaterra; e por isso é que nella havião ja figurado com certo gráo de louvor e de admiração os nomes de *Bolingbroke*, de *Chatan*, de *Pitt*, de *Fox* e de *Burke*, e mais proxivamente a nós os nomes de *Erskind*, de *Brougham*, e de *Canning*. — Com tudo é innegavel, que somente á França é que a Oratoria da Tribuna deve os grandes modelos, dignos dos bons tempos da antiguidade, que hoje honrão este genero de Eloquencia, o que foi devido á sua tão famigerada revolução do anno de 1789.

§. 7. Na sua primeira Assemblêa deliberativa brilharão logo desde o principio como Oradores mui. distinctos *Casalès*, *Rabaut de*

*Saint-Etienne*, *Maury* e sôbre todos elles o facundissimo *Mirabeau*. — As Assemblêas seguintes não forão menos fecundas em talentos oratorios, em prova do que bastará apontar os nomes de *Vergniaux*, de *Barbaroux*, de *Barnave*, de *Gensonné*, de *Guadet* e de *Louvet de Couvray*. Verdade é, que o despotismo militar do Grande Homem, deslumbrando tudo com o brilho assombroso das suas victorias, distrahiu os espiritos das idéas de Liberdade, e fêz emmudecêr a Tribuna : mas, eclipsada que foi a sua estrella, com o governo Constitucional trazido pela restauração começou outra vêz na França uma era nova para a Eloquencia da Tribuna, e nella desde o anno de 1815 apparecêrão outra vêz, e se fizeram distinctos nas duas Câmaras Oradores, que nada tem que invejar aos mais famosos antigos e modernos ; podendo citar-se, entre os mais illustres, os nomes de *Lanjuinais*, de *Boissy d'Anglas*, de *Camille Jordan*, de *Foy*, de *Manuel* &c.

§. 8. As Hespanhas chegou tambem a sua vêz de apresentarem na Tribuna politica Oradores dignos de emparelharem com os melhores das Nações mais adiantadas em illustração : E com effeito nas suas Côrtes primeiramente de Cadis, e depois nas de Madrid de 1820, e ultimamente nas que forão restauradas nestes annos mais chegados a nós, tem adquirido nome credôr de illustre recordação nos annaes da Eloquencia, entre muitos outros, os *Arguelles*, os *Calatravas*, os

*Antilons, os Torreros, os Martinez de la Rosa, os Alcalás Galiano, &c. &c.*

§. 9. Finalmente em o nosso Portugal, desde a gloriosa época da politica regeneração nacional do anno de 1820, tem ostentado tambem mui distinctos talentos oratorios grande numero de Deputados ás suas Assembléas Legislativas, entre os quaes merecem particular memoria (sem falar dos que ainda vivem, e residem na patria (\*)) um *Xavier Monteiro*, um *Moira*, um *Trigôso*, um *Antonio Carlos*, um *A. J. Freire*, um *Borges Carneiro*, um *Fernandes Thomaz*, um *Soares Castello-Branco*, &c., nomes illustres e dignos de passarem á posteridade assim por seu honrado patriotismo, como por sua facundia oratoria.

#### ARTIGO IV.

§. 1. Deduz-se do que fica expellido nos tres Artigos antecedentes, que o periodo mais brilhante da Eloquencia entre os Grêgos, e Romanos foi aquelle, em que estes pòvos, *cæteris paribus*, gozárão de mais liberdade; em Athenas, por exemplo, desde o estabelecimento da Legislação de Solôn, até a sua sujeição aos monarchas da Macedonia; em

---

(\*) *Sed parco nominibus viventium; veniet eorum laudi suum tempus, ad posteros enim virtus durabit, non perveniet invidia.*

Quintil. Instit. Orator. Lib. III. Cap. I.

Roma principalmente nos derradeiros tempos da sua Republica. — Deduz-se igualmente, que a Eloquencia tem começado a florecer entre os povos modernos desde o estabelecimento da sua liberdade politica, como claramente o dão a mostrar as Collecções das suas discussões deliberativas nas Assembleas populares d'Inglaterra, da França, d'Hespanha e de Portugal. — Advertiremos porém em remate, relativamente ao nosso Paiz, que não é somente desde poucos annos a esta parte que tem sido naturalizada entre nós a Eloquencia tomada na sua maior generalidade; por quanto dos seus muito abundantes e variados fructos dão testemunho irrefragavel o grande numero de excellentes Composições escriptas, que ennobrecem os fastos da Litteratura Nacional.

---

### CAPITULO III.

#### PARTES DA ELOQUENCIA, E DA RHETORICA.

§. 1. As partes da Eloquencia, ou antes os requisitos essenciaes ao Orador para preencher os fins, a que se propõe, são seis: *Invenção, Disposição, Elocução, Memoria, Pronunciação ou Declamação, e Acção*: É isto o mesmo que dizer, que o Orador, se quizer desempenhar qualquer dos tres fins, a que particularmente se propõe, fazendo uso

da Eloquencia, que são *o convencer, o persuadir, e o deleitar ou recrear*, deve infallivelmente esforçar-se por descobrir os pensamentos mais adequados para o fim proposto; esta é a *Invenção*: arranjal-os depois na melhor ordem, tendo sempre em vista o mesmo fim; esta é a *Disposição*: fazer escolha das palavras, e da sua collocação na frase pelo modo mais accommodado para exprimir os seus pensamentos; esta é a *Elocução*: conservar-as á sua disposição de maneira, que dellas se recorde inteiramente, como as preparou, quando houver de as apresentar aos seus ouvintes; esta é a *Memoria*: pronuncial-as ou declamal-as bem, para que preenchão o effeito desejado; esta é a *Pronunciação*: finalmente acompanhar a sua declamação dos gestos convenientes, isto é, que estejam em harmonia com a natureza do discurso em geral, e de cada uma das suas partes, e com as circumstancias das pessoas, do lugar, do tempo &c.; e esta é a *Acção*.

§. 2. As partes da Rhetorica, ou aquellas, para que esta arte pode subministrar alguns preceitos, que dirijão, e aperfeiçõem a Eloquencia, são a *Invenção*, a *Disposição*, e mais particularmente a *Elocução*; por quanto para a *Memoria*, que de mais a mais é commua a todas as Disciplinas, a regra unica, subministrada pela experiencia, é o exercicio: e quanto á *Pronunciação*, e *Acção*, estas mais se aprendem, e melhorão com a observação e estudo dos bons modelos, do que por via dos preceitos theoreticos.

§. 3. Importa todavia advertir, que entre todas as regras subministradas pela Rhetorica, para dirigir, e aperfeiçoar o talento natural no uso da Eloquencia, mui poucas ha que sejam universaes e invariaveis; mas que entre estas as principaes são, a observancia do *Decóro*, e do *Util*: mais claro, o Orador deve sempre falar o que é *util*, e o que é *decoroso*, ou *decente*. Quanto á totalidade das regras da Rhetorica; para serem empregadas no discurso oratorio, depende isso das circumstancias, que o bom senso deve conhecer, e avaliar.

---

## CAPITULO IV.

### ASSUMPTOS DA ELOQUENCIA.

§. 1. É objecto, e pode servir de assumpto á Eloquencia tudo aquillo, que serve para preencher os seus tres fins, isto é, tudo quanto pode *deleitar*, *convencér*, e *persuadir* os ouvintes, ou os leitores; em uma palavra, tudo aquillo sôbre que pode tecer-se um discurso. Mas como nem tudo, quanto pode recrear, e servir para a convicção, e para a persuasão, é decente que se offereça, como assumpto de um discurso, a quem escuta, ou lê; por isso o Orador só deverá tomar para materia de sua Eloquencia, o que fôr *justo*, ou *honesto*, ou *util*, ou *decorosamente deleitavel*.

---

 CAPITULO V.

 MEIOS, QUE A ELOQUENCIA EMPREGA PARA  
 CHEGAR AOS SEUS FINS.

§. 1. Dous são os meios universalmente empregados pela Eloquencia para chegar aos fins, que se propõe, a saber : *Pensamentos*, alma, para assim dizer, de todo o discurso oratorio ; e *Palavras*, acompanhadas dos adequados tons e gestos, as quaes são a forma externa, ou o corpo, que reveste os Pensamentos, e por via do qual elles se fazem sensíveis, e capazes de ser percebidos pelas pessoas, a quem, ou perante quem falâmos.

§. 2. Os meios porém, de que faz uso mais particularmente a Eloquencia, e de que o Orador deve lançar mão ; conforme o fim, a que se propõe, e as circumstancias dos seus ouvintes, empregando-os ja todos, ja um, ja outro, são tres : *Instrucção*, *Moção*, e *Recreio*. Esta divisão deriva-se dos tres fins da Eloquencia ; assim como dos tres estados, ou circumstancias, em que podem achar-se os espiritos dos ouvintes em relação ao assumpto do discurso, de que o Orador vai tratar, que são, *estado de ignorancia*, *estado de paixão*, e *estado de indifferença ou de inercia* : pois é claro, que o unico meio para tirar o ouvinte do estado de ignorancia, é

sem duvida o ensinal-o pela via da *Instrucção*, convencendo-o; para o arrancar da paixão, que o domina, é excitar-lhe outra paixão em contrario, a qual lhe móva o coração, persuadindo-o; para o tirar da indifferença ou inercia, é excital-o, ou, para assim dizer, despertal-o do somno da indifferença com o prazer, deleitando-o. Daqui se deixa ver, que por cada um destes meios se dirige o Orador a diferentes faculdades ou acções da alma dos seus ouvintes, a saber, com a *Instrucção* fala ao Entendimento, com a *Moção* á Vontade, e com o *Recreio* á Imaginação.

---

## CAPITULO VI.

### QUESTÕES CONTROVERTIDAS EM ELOQUENCIA.

§. 1. Todas as questões, que podem ser tratadas em Eloquencia, reduzem-se a duas classes, designada cada uma dellas por nomes diversos, a saber : *Questões universaes*, *indeterminadas*, ou *théses*; e *Questões particulares*, *determinadas*, *causas*, ou *hypótheses* : as primeiras são as, que podem tratar-se absolutamente, isto é, abstraindo de todas e quaesquer circumstancias; as segundas são limitadas por circumstancias de pessoas, de logares, de tempos, &c. Importa porém advertir, que a questão *indeterminada*

é sempre mais extensa, do que a *determinada*, como universal que é em comparação da segunda, ou da particular : consequentemente fica sendo manifesto, que toda a questão *particular* tem referencia, e faz avivar a idéa da questão *universal*, de que é parte; é por isso que, tendo de discutir-se oratoriamente alguma questão *particular*, ou *hypóthese*, convém examinar primeiro, qual seja a questão *universal* ou *thése*, de que aquella é parte; e estabelecida que seja a verdade da *thése*, progredir depois a estabelecer a verdade da *hypóthese*.

~~~~~

CAPITULO VII.

○ QUE SEJA ESTADO EM ELOQUENCIA, E A QUANTAS ESPECIES PODEM SER REDUZIDOS OS ESTADOS.

§. 1. Tem em Eloquencia o nome de *Estado* aquelle ponto, que constitue o assumpto principal do discurso oratorio : isto é, o ponto, que, prescindindo de todos os mais accessorios, que se ventilão em um discurso qualquer, se discutiria em todo o caso : ou (definição de Quintiliano) — o ponto, que o orador se propõe principalmente a tratar, e o ouvinte principalmente a escutar. — O ponto ou pontos, que são ventilados nas questões accessorias ou accidentaes de

qualquer discurso oratorio, chamão-se *Estado ou Estados de questão* : o ponto fundamental denomina-se *Estado do discurso*.

§. 2. Os *Estados* de um discurso oratorio, conforme a generalidade dos Rhetoricos, são tres : *Estado de Conjectura*, *Estado de Definição*, e *Estado de Qualidade* ; por quanto o ponto da questão principal pode versar ja sôbre a existencia, ou possibilidade de um objecto, e eis o *Estado de Conjectura* ; ja sôbre o nome, que deve dar-se ao mesmo objecto, e eis o *Estado de Definição* ; ja sôbre as qualidades moraes, que o caracterisãm, e é este o *Estado de Qualidade*. Ora é manifesto, que ácerca de um objecto nada mais do que isto pode offerêcer-se de questionavel em um discurso oratorio.

CAPITULO VIII.

GRA'OS E GENEROS DIVERSOS DA ELOQUENCIA.

§. 1. Dos tres meios, empregados particularmente pela Eloquencia em attenção a algum dos fins, a que a mesma se propõe, (Cap. V. §. 2.), se deduz, que tres são tambem os grãos da mesma Eloquencia. — Destes o primeiro e mais inferior é o que tem por objecto o agradar para causar deleite aos ouvintes ou leitores : tal é em geral a Eloquencia dos panegyricos, das

Orações inauguraes, dos discursos dirigidos a algumas pessoas para as cumprimentar, e d'outras orações da mesma especie, a das cartas ou conversações de mera civilidade e recreio &c.

§. 2. O segundo gráo de Eloquencia tem logar, quando o Orador ajunta ao desejo de agradar o de instruir para convencer : tal é a Eloquencia do Fóro, bem assim a que é propria da Historia, de um Tratado philosophico, litterario &c.

§. 3. O terceiro e mais elevado gráo da Eloquencia é o que, não se contentando só de convencêr, quer de mais a mais interessar deleitando, e mover para persuadir : a este gráo de Eloquencia abrem um campo vasto os debates das Assemblêas politicas ou populares em geral, denominada Eloquencia da Tribuna.

§. 4. É de advertir, que a Eloquencia ecclesiastica ou do Pulpito pode pertencer a algum dos tres gráos da Eloquencia em geral, que ficão apontados : por quanto nos panegyricos propõe-se ella particularmente a deleitar, sem que todavia deixe de ter em vista o convencêr e persuadir : nos Sermões de mysterio o convencêr : nos Sermões de moral o persuadir.

§. 5. Quanto aos generos de Eloquencia de ostentação ou de apparatus, ja nella se trate de théses, ja de hypótheses, estes podem tambem reduzir-se a tres, que são : Genero de Eloquencia proprio das *Assemblêas*

populares, quer sejam politicas, quer litterarias, ao qual se dá a denominação de *Eloquencia da Tribuna* : Genero de Eloquencia das *Assembléas civis* ou *do Foro* : Genero de Eloquencia das *Assembléas ecclesiasticas* ou *do Pulpito* ; cada um dos quaes generos tem seu character particular, de que adiante extensamente se tratará.

§. 6. Segundo Quintiliano, seguido cegamente pelo vulgo dos rhetoricos, a tres se reduzem tambem os generos de hypótheses, que em Eloquencia se podem tratar, e são denominados, *Genero Demonstrativo*, *Laudativo*, ou *Theorico* ; *Genero Deliberativo*, ou *Suasorio* ; *Genero Judicial*, ou *Forense* : Destes tres Generos de hypótheses o primeiro, conforme a doutrina do mesmo Autor, serve para *louvar*, ou *vituperar* ; o segundo para *suadir*, ou *dissuadir* ; e o terceiro serve para *intentar em Juizo huma Acção*, ou para *della dar a defensa*. Esta segunda divisão porêem é defeituosa : 1.º por não comprehender todas as questões, que podem ser tratadas em Eloquencia : 2.º por predicar exclusivamente de um dos generos (o Deliberativo) a *suasão*, e a *dissuasão*, que aliás são commuas a todos : 3.º porque restringe o assumpto do Genero Demonstrativo ao simples *louvor*, ou *vituperio* por um modo de ostentação, o que é erro manifesto, &c.

CAPITULO IX.

PARTES DO DISCURSO ORATORIO REGULAR,
E SUA DEDUCÇÃO.

§. 1. O discurso oratorio regular, pertencente a qualquer dos tres Generos de Eloquencia, consta de quatro partes mui diversas, que são designadas pelos nomes de *Exordio*, *Narração*, *Confirmação*, inclusa a *Refutação*, e *Peroração* ou *Conclusão*. — Serve o *Exordio* para dispor e preparar os ouvintes, a fim de que por todo o discurso escutem favoravelmente o Orador, de maneira que este possa colher o fructo, a que se propõe falando. — Após elle deve seguir-se immediatamente a *Narração*, a qual é dedicada para inteirar os ouvintes da materia do discurso. — A *Confirmação*, que é a terceira parte na boa ordem, occupa-se em provar com razões apresentadas ao entendimento, dos que escutam, a doutrina enunciada na *Narração*; e em refutar, quando assim convenha, as objecções suscitadas, ou que podem suscitar-se acerca do ponto ou pontos fundamentaes do discurso. — Ultimamente a *Peroração* serve de remate ou de fecho a todo o discurso, empregando-se nella tudo o que se julgar a proposito, para que o assumpto ja desenvolvido fique mais firmemente impresso na me-

moría dos ouvintes ; e para que á vista dos motivos , que nesta ultima parte se ponderão , se lhes mova , e arrebate a vontade a quere-rem aquillo mesmo , de que o seu entendimen- to deve estar ja convencido pelas razões apre- sentadas na Confirmação.

§. 2. Segue-se da doutrina do §. ante- cedente , que todo o discurso regular não po- de constar de mais de quatro partes , a que correspondem outros tantos pensamentos ge- raes , a saber : Pensamento , que sirva para preparar os animos dos ouvintes , primeira parte denominada *Exordio* : Pensamento de- dicado a informar-os sufficientemente do as- sumpto , segunda parte , ou *Narração* : Pen- samento empregado em provar directa ou in- directamente a verdade , e a importancia do mesmo assumpto , terceira parte , ou *Con- firmação* : Pensamento dirigido a radicar-lhes na memoria o que ficou dito nas partes an- tecedentes ; e mais que tudo a remover-lhes da vontade todos os obstaculos , que poderião estorvar a practica , que se lhes inculca , ou , falando em geral , o fim a que o Orador se propoz , quarta parte denominada *Perora- ção*.

§. 3. Esta ordem que é a que deve se- guir-se na pronunciação das partes de um discurso oratorio , não é a mesma , que con- vem presida á sua composição. O orador , que medita , ou compõe um discurso , de- pois de haver examinado , a que Genero de Eloquencia pertence o discurso , que vai fa-

ser ; qual o seu ponto, ou pontos fundamentaes ; qual o seu Estado ; a primeira parte, a que deve applicar-se, é a *Confirmação*, fazendo valer do melhor modo possível as razões, que provão o ponto fundamental, e as respostas ás objecções, que podem ser-lhe offerecidas, e contrapostas. Feito isto, passará a examinar o melhor modo de fazer a *Narração* isto é, a exposição, ou a simples enunciação da materia do discurso. Tem logar depois o occupar-se do *Exordio*, quero dizer, dos meios, que melhor podem servir-lhe, a fim de dispôr, e conciliar os seus ouvintes para o assumpto ja conhecido, estudado, confirmado, e enunciado, ou explicitamente desenvolvido. E como a *Conclusão* ou *Peroração* deva referir-se a tudo quanto fica exposto nas tres partes antecedentes ; pede a boa Razão, que esta parte fique para o ultimo logar na ordem da meditação, como o ha de tambem occupar no acto da pronunciação.

CAPITULO X.

DO EXORDIO.

§. 1. *Exordio* ou *Proemio* é aquella parte do discurso, na qual o orador dispõe, como lhe convêm, os seus ouvintes, para o esautarem favoravelmente em todo elle. Os

rhetoricos admittem duas especies de Exordio, a um chamão *Principio*, e ao outro *Insinuação* : O Exordio Principio é aquelle, com que o orador prepara os seus ouvintes, expondo-lhes clara e directamente o fim, a que se dirige : o Exordio Insinuação é aquelle, com que por meio de rodeios e indirectamente prepara os ouvintes para o fim proposto ; isto é, aquelle com que vai pouco a pouco dispondo-os, para que o escutem favoravelmente, antes de declarar-lhes os seus intentos, por ter suspeitas de que o espirito do seu auditorio lhe não será favoravel.

— Serve por consequencia a primeira especie de Exordio para toda a occasião, em que o orador não tem desconfiança de que os seus ouvintes deixarão de dar-lhe facilmente ouvidos, ou porque os não sente predispostos ja contra a sua pessoa, ja contra a materia, que tomou para assumpto do seu discurso : Serve a segunda especie de Exordio para as occasiões contrarias áquellas, ou tambem quando vai falar diante de ouvintes ja cansados de escutar os discursos antecedentes.

§. 2. É pois o fim do Exordio dispôr os ouvintes, para que sejam favoraveis ao orador nas outras partes do discurso ; Mas, para alcançar este fim, tres são os meios, que elle deve empregar, a saber, a conciliação da *benevolencia*, da *attenção*, e da *docilidade* ou da boa disposição intellectual para receberem as impressões, que o orador intenta

communicar-lhes por via do seu discurso. Pelo que, se o orador souber ganhar a *benevolencia* dos seus ouvintes, isto é, tocar-lhes os corações em seu favor; se souber fazer-lhes comprehender com facilidade a natureza e a importancia do assumpto, que isto é o que quer dizer aqui a palavra *docilidade*; se finalmente souber interessar-lhes ao mesmo tempo o entendimento, e o coração ácerca do que vai dizer-lhes, com o que se desperta a *attenção*; é fóra de duvida que obterá o fim para que faz o seu Exordio. — De mais disto os ouvintes podem achar-se indispostos no principio de um discurso ou contra o orador, ou contra a materia sôbre que vai falar-lhes, ou contra a occasião em que lhes pretende falar: Vencerá pois o orador a primeira indisposição, tratando de fazer *benevolos* os seus ouvintes: vencerá a segunda, trabalhando por fazel-os *doceis*; vencerá a terceira, cuidando em os fazer *attentos*.

§. 3. Supposta a necessidade de fazer-se o Exordio, ha ainda outros casos, derivados simplesmente da materia do discurso, em que o orador deve com particularidade usar de cada um dos tres meios, que ficão apontados para alcançar o fim, por que faz o mesmo Exordio: Dimana esta doutrina da natureza diversa dos assumptos, que podem propor-se ao orador para falar. — Em tamãha diversidade de assumptos uns podem ser sôbre materia *obscura*, outros sôbre materia *duvidosa*, outros sôbre materia *baixa*: outros

finalmente sobre materia *vergonhosa*, ou sequer *apparentemente má*: Sendo *obscura* a materia, deverá sobre tudo o orador esforçar-se por inspirar a *docilidade* aos seus ouvintes, fazendo-lhes comprehender a natureza e importancia do assumpto por meio da boa ordem, clareza, e precisão, que der ás suas idéas: Sendo *duvidosa*, deverá conciliar-lhes a *benevolencia*; por isso que em tal caso achando-se em equilibrio o juizo dos mesmos ouvintes, deverá a decisão propender para onde os fizer inclinar a affeição benevola: Sendo *baixa*, trabalhará por despertar-lhes a *attenção*, representando o seu assumpto de maneira, que o faça interessante pelo modo possivel: Quando porém a materia fôr *vergonhosa*, ou sequer *apparentemente má*, não devendo esperar o conciliar a *docilidade*, nem a *attenção*, e menos a *benevolencia* do seu auditorio, neste caso servir-se-ha do *Exordio insinuativo*; ficando advertido de que toda a arte das *Insinuações*, ou de occultar com rodeios uma verdade áspera, vergonhosa, ou apparentemente má, consiste em começar o Orador o seu discurso por uma cousa, que agrade aos seus ouvintes, ou que mereça a sua approvação, e assenso, na qual vá implicitamente envolvida a proposição áspera, que gradualmente e com plausiveis côres venha depois a desenvolver.

§. 4. As fontes, para o Orador conciliar a *benevolencia* do seu auditorio, são quatro, a saber: as *pessoas*, o *assumpto*, as *circ*

D

substancias assim das pessoas como do assumpto, e o discurso do outro Orador, que com elle concorre a falar sobre a mesma materia, e na mesma occasião, quando assim aconteça. — As pessoas, de quem poderá extrahir a benevolencia, são a do proprio Orador : a do seu antagonista ou sequer concorrente, havendo-o, como se verifica nos discursos forenses, e nos pronunciados perante as Assembléas populares em geral : e as pessoas dos ouvintes.

§. 5. Conciliará o Orador a *benevolencia* dos seus ouvintes por motivos derivados das suas pessoas : 1.º louvando-os com moderação, e sem que cheire a baixa lisonja : 2.º condescendendo com o seu genio, costumes, e opiniões : 3.º trabalhando por destruir as suas preocupações, quando ellas forem contra o Orador ; e confirmando-lhas, no caso de lhe serem favoraveis, &c. — Conciliará a *benevolencia* por motivos deduzidos da sua propria pessoa : 1.º esforçando-se por ganhar no conceito de seus ouvintes a opinião de homem de bem, desinteressado, e modesto : 2.º desviando de si toda a idéa de insolencia, de malignidade, de orgulho, de maledicencia, &c. — Finalmente o modo honroso, com que o orador falar no Exordio da pessoa do seu antagonista, ou só concorrente ; as demonstrações que der, de que se receia da força da sua eloquencia, e de tudo quanto o pode fazer, mais do que elle, recommendavel, será

apto para grangear-lhê a *benevolencia* dos seus ouvintes.

§. 6. O assumpto do discurso, com tanto que seja bem examinado, e meditado, poderá tambem subministrar ao Orador motivos para conciliar a *benevolencia* do seu auditorio; até aproveitando ja desde o Exordio, porém só para o tocar aqui levemente, tudo quanto o mesmo assumpto poder em seu favor offerecer capaz de abalar com vehemencia os corações dos ouvintes: Dissêmos, *para o tocar aqui levemente*; porque, como atrás ja fica notado, o logar proprio para em um discurso oratorio se falar com toda a extensão, e calor ao coração, empregando a mais animada linguagem das paixões; é, em regra geral, a ultima parte do mesmo discurso, ou a Peroração.

§. 7. As circumstancias das pessoas, de que pode extrahir-se a *benevolencia* no Exordio, são os *parentes* em geral, os *amigos*, ainda a mesma *patria* considerada como uma pessoa moral, &c. As circumstancias do assumpto são a *ocasião*; o *logar*, a *opinião publica*; a *expectação universal*, &c.

§. 8. Em fim conciliará vivamente a *benevolencia* dos ouvintes um Exordio tirado do discurso do Orador ou Oradores, que falarão antes sôbre a mesma materia; porque (como diz mui sensatamente Quintiliano): « Por isso que não sendo taes Exordios compostos em casa, mas ali mesmo, e nascidos das circumstancias que occorrem, augmentão

a reputação do Orador que os faz, á vista da facilidade com que os inventa; e fazem-se mais acreditaveis, por parecerem simplicis, e formados naturalmente daquillo que primeiro se offerece : chegando até o ponto de fazer crer, que todo o discurso, não obstante ser meditado e escripto em casa, é feito de repente; por se ver claramente, que o seu Exordio nada teve de preparado. »

§. 9. O orador, que quizer conciliar a *attenção* dos seus ouvintes no Exordio, deverá observar, como principaes, as regras seguintes : 1.^a fazer-lhes ver, que o assumpto, ou sequer o modo de o tratar, é novo, grande, atroz, e importante por suas consequencias : 2.^a interessal-os na materia com a esperança do bem, ou com o receio do mal, ou ja lisongeando-os, quando assim convenha, nunca porêem com baixaza : 3.^a prometter-lhes não molestal-os com a demasiada extensão, limitando-se restrictamente ao ponto ou pontos, que é de necessidade entrem no seu discurso.

§. 10. Para grangear-lhes a *docilidade*, ou para fazer-lhes comprehender a natureza e importancia do assumpto, é innegavel que concorre primeiro que tudo a *attenção* : posta a qual, lhes deverá dar uma idéa summaria, brevissima, e precisa do assumpto, sobre que vai falar; trabalhando ao mesmo tempo por desvanecer-lhes todas as prevenções, que elles tiverem concebido contra a materia do seu discurso.

§. 11. Os vícios do Exordio são sete, a saber : o *Vulgar*, o *Commum*, o *Commutavel*, o *Separado*, o *Transferido*, o *Longo*, e o que é feito *contra as regras*. — Incorre no vício de *Vulgar* o Exordio, que pode accommodar-se a muitos assumptos : é *Commum* aquelle, de que o Orador contrario pode servir-se : é *Commutavel*, o que o mesmo adversario pode converter em sua utilidade : é *Separado*, o que não tem connexão com o assumpto, ou ligação com a parte do discurso a que está unido : é *Transferido* o Exordio, no qual se usa de um meio diverso, do que convinha para alcançar o fim, e que era destinado : é *Longo*, quando não tem justa proporção com o corpo do discurso : é finalmente *contra as regras*, o que não faz o ouvinte nem benevolo, nem attento, nem docil ; ou, o que é ainda peor, o que indis põe os ouvintes, em vez de os conciliar.

§. 12. Como a falta de proporção no Exordio com o todo do discurso constitue um dos seus sete vícios, importa declarar, que o Exordio, como introdução ao discurso, deve ter uma extensão proporcionada ao mesmo discurso ; a fim, como diz Quintiliano, de não parecer, que elle só medrou na cabeça ; e de não vir o orador a fatigar com aquillo mesmo, com que devia preparar.

CAPITULO XI.

DA NARRAÇÃO.

§. 1. *Narração* é a parte do discurso oratorio, dedicada para informar os ouvintes ácerca do assumpto do mesmo discurso da maneira mais adequada ao fim proposto.

—— Para que a narração oratoria mereça a qualificação de perfeita, ha tres requisitos, denominados virtudes, que devem infallivelmente revestil-a, que são : *clareza, brevidade, e verosimilhança.*

§. 2. A Narração será *clara*, se o Orador observar as seguintes regras : 1.^a Se empregar nella palavras proprias, com tanto que não sejam sórdidas, deshonestas, ou ainda demasiadamente baixas : 2.^a Se se servir de palavras expressivas, nunca porém exquisitas, e desusadas : 3.^a Se fizer a devida distincção das cousas, das pessoas, dos tempos, dos logares, das causas : 4.^a Se usar de uma pronuncia intelligivel.

§. 3. Será breve a Narração : 1.^o Se o Orador a começar donde rigorosamente convêm, e não de mais longe : 2.^o Se o Orador não introduzir nella objectos extranhos ao assumpto : 3.^o Se cortar tudo o, que lhe não fizer sensivel falta. —— É porém de advertir, que podendo a Narração ser viciosa

tanto por demasiada concisão, como por superfluidade; a ter de cahir em algum destes dous extremos, seja antes no da superfluidade, embora com isso produza tédio, do que lhe falte o necessario. ← Mas como a natureza do assumpto pode demandar uma Narração longa, para que ella se não faça fastidiosa, e para que seja escutada com attenção, observará o orador as regras seguintes: 1.^a Disporá ja desde o fim do Exordio os seus ouvintes para a longa Narração, que vão escutar: 2.^a Differirá para o logar da Confirmação o que poder ser, fazendo em todo o caso menção disso, que para lá guarda o relatar: 3.^a Omittirá na ordem da Narração as particularidades, que forem menos importantes: 4.^a Fará a devida partiçáo dos pontos, em que a materia pode ser naturalmente dividida: 5.^a Finda que seja, recapitulará em poucas palavras tudo quanto nella houver de essencial.

§. 4. Para que retuza na Narração a virtude da *ecronimização*, eis as regras, que o Orador deverá observar: 1.^a Consultará a boa razão, a fim de não dizer cousas contrarias á Natureza: 2.^a Porá as razões, e os motivos antes dos factos, que lhe forem relativos, maiormente quando essés factos forem extraordinarios, e por consequencia menos creditos: 3.^a Dará ás pessoas os seus respectivos e convenientes caracteres: 4.^a Attenderá ás circumstancias dos logares, dos tempos, &c. 5.^a Disporá o enredo dos inci-

dentés da Narração de sorte, que de um se passe naturalmente a outro : 6.^o Lançará nella as sementes de provas, que servem para confirmal-a : 7.^o Usará das competentes Preparações oratorias. É de saber que em Rhetorica tem a denominação de *Preparações Oratorias* certos accessorios de pessoas, de tempo, e de logar, os quaes, posto que pareçam inuteis, dispõem com tudo os espiritos para melhor acreditarem certas cousas, que com os ditos accessórios tem connexão.

§. 5. Os vicios, contrarios a uma Narração bem feita, são todos aquelles em geral, que estão em opposição com as suas tres virtudes, *clareza, brevidade, e verosimilhança.* — Falando porém em particular, são contrarias á *brevidade* as *Digressões*, e as *Argumentações*: as primeiras por serem *passagens, em que o Orador se aparta do fio da oração, e trata cousas, que parecem não dirigir-se ao fim do discurso, ainda que se encaminhem ao que o Orador teve em vista.* e as segundas por serem *desenvolvidos de provas*, cujo logar proprio no discurso é outro muito diverso. — São contrarias á virtude da *clareza* as *expressões tomadas em sentido improprio*, como são as *tropologicas*, e as *figuradas*, de que em devido logar trataremos; e bem assim o *emprego de uma linguagem apaixonada*, a qual sendo dirigida ao coração, offusca as mais das vezes o entendimento. — Devemos com tudo advertir, que, supposto em regra geral, sejam vi-

cios, applicados á Narração, todos os que deixamos apontados: ha casos em que esta regra tem suas excepções, ficando ao bom senso do orador o conhecer estes casos, para assim fazer uso ja da regra geral, ja das suas excepções, quando ellas mais concorrerem para o fim, a que se propõe.

§. 6. A Narração, isto é, aquella parte do discurso oratorio, que serve para inteirar os ouvintes ácerca da materia do mesmo discurso, pode fazer-se ou por meio de uma simples *Proposição*, ou por uma *Partição*, ou por uma *Narração*, (tomada esta palavra a'um sentido mais restricto). — Chama-se *Proposição* a informação do assumpto, quando elle consta de um só ponto, feita por meio de uma simples enunciação, e de um modo conciso: Chama-se *Partição* a informação de um assumpto, que consta de pontos diversos, feita concisamente por meio de outras tantas proposições: Chama-se *Narração* em sentido restricto a informação explicita do assumpto, com todas suas mais importantes circumstancias, feita por grande numero de palavras. — Vê-se em consequencia do que fica dito, que nenhuma differença essencial existe entre *Proposição*, *Partição*, e *Narração*; pois qualquer dellas serve para o Orador informar a seu modo os ouvintes do assumpto, sôbre que lhes vai falar: e por isso, não obstante o serem designadas por tres nomes differentes, não constituem outras tantas partes diversas do dis-

curso oratorio, porêm uma só, que vem a ser a segunda, conforme atrás deixámos expellido; sendo que a sua differença é meramente accidental, ou na fórma.

§. 7. Quando a materia do discurso é simples, por constar de um só ponto, e não se faz preciso desenvolvê-lo, para ser entendido dos ouvintes, e pelo modo que convêm ao Orador; bastará que ella seja enunciada por meio de uma só e simples *Proposição*.

—— Quando fôr complexa a materia do discurso, isto é, composta de muitos pontos, haverá mister informar os ouvintes por meio de outras tantas proposições, quantos são os pontos, queo dizer, por meio de uma *Partição*. —— Quando finalmente a natureza do assumpto require, para ser bem entendido, que elle seja desenvolvido com grande copia de palavras, as quaes fação ver as diferentes circumstancias, que importa apresentar ao conhecimento dos ouvintes; em tal caso deverá o Orador empregar a *Narração* no sentido restricto desta palavra, para a boa composição da qual Narração ficão dadas as regras nos primeiros §§. deste Capitulo. As mesmas regras tem applicação á simples *Proposição*, particularmente as que dizem respeito ás virtudes da *clareza*, e da *brevidade*.

§. 8. Quanto porêm á *Partição*, esta, para ser bem feita, deve ser : 1.º *exacta*, isto é, não deve constar de maior, nem de menor numero de proposições ou de membros, do que são os pontos, em que se di-

vide naturalmente o assumpto : 2.º Deve seguir-se na sua deducção a ordem da Natureza, começando pelos pontos mais singelos, e passando depois aos que destes dependem para serem entendidos : 3.º Cada um dos diferentes membros deverá comprehender toda a sua materia ; quando não, seria incompleta a divisão, &c. — É porém de advertir que, com quanto a materia de um discurso, por ser complexa, pareça exigir *Partição* ; casos ha todavia, em que não é conveniente o fazel-a, como, por exemplo : 1.º Quando o discurso ha de ser curto : 2.º Quando importa não advertir os ouvintes ácerca do plano, que o Orador se propõe seguir, ou do fim a que os pretende encaminhar : 3.º Quando a *Partição* tiraria ao discurso a graça da novidade, &c.

CAPITULO XII.

DA CONFIRMAÇÃO.

§. 1. A Eloquencia, para chegar aos seus fins, isto é, para por meio da instrucção *convencêr* o entendimento, por meio da moção *persuadir* a vontade, e por meio do recreio *deleitar* a imaginação, ha mister servir-se de *Provas* ou *Razões* para convencêr, de *Motivos* para persuadir, e de *Elocução apropriada* para simultaneamente convencêr,

persuadir, e deleitar. — Neste Capitulo trataremos das *Provas* ou *Razões*; reservando-nos para tratarmos com a devida extensão dos *Motivos*, e da *Elocução apropriada* á verdadeira Eloquencia, desde o Capitulo seguinte até o XXIII. inclusive.

§. 2. Do emprego, para que são dedicadas as *Provas* ou *Razões*, claramente se deixa ver, que o seu lugar proprio no Discurso Oratorio é depois da *Narração*. — Após as *Provas*, que gerão a convicção, e sem a qual não pode haver persuasão, segue-se naturalmente a moção dos *Affectos*, apresentando á vontade os *Motivos*, dos quaes dimana a persuasão, e cujo lugar proprio é a ultima parte do Discurso, ou a *Peroração*. — Quanto porêm á *Elocução adaptada para deleitar*, essa deverá encontrar-se difundida por todas as partes do Discurso; accommodando o orador as differentes maneiras de dizer, que a cada uma das mesmas partes convêm, conforme as regras, que adiante daremos no Capitulo do *Estilo*.

§. 3. A divisão mais geral, e talvez a menos imperfeita, das *Provas* é, em *Provas extrinsecas*, e em *Provas intrinsecas* ao assumpto sobre que são produzidas. As principaes especies de *Provas extrinsecas* são: os *Exemplos em geral*, os *Casos julgados*, a *Fama ou Opinião publica*, os *Titulos ou Documentos*, o *Juramento*, e as *Testemunhas*. As principaes especies de *Provas intrinsecas* são: os *Sinaes*, e os *Argumentos*.

§. 4. *Exemplo em geral* é uma especie de Prova, que tem o seu fundamento na relação conhecida entre dous objectos, a saber, aquelle ácerca do qual o Orador pretende convencêr o entendimento dos seus ouvintes, e o que por elle é produzido, para obrar esta convicção, confrontando-os um com outro. — Os objectos, que entre si tem relação, e dos quaes costumâmos servir-nos para prova uns dos outros, são : *Individuos em geral da mesma especie* : *Individuos de differente especie*, e *até de differente natureza* : *Factos* : *Leis* : *Ditos*. Tem o nome de *Similhança* a prova derivada da confrontação entre individuos e individuos da mesma especie : o de *Parábola*, a que é derivada da confrontação entre individuos de differente especie, ou ainda natureza : o de *Exemplo*, em accepção mais particular e restricta, a que se deriva da confrontação entre factos e factos : o de *Paridade de Direito*, a que se deriva da confrontação de leis umas com outras : o de *Autoridade*, a que se deriva da confrontação de ditos com ditos.

§. 5. *Casos julgados*, são as Sentenças proferidas em differentes Tribunaes, que o Orador pode produzir para provas do seu assumpto. — Ha delles tres especies : 1.^a Casos ja decididos em causas analogas á de que se trata : 2.^a Casos decididos anteriormente, relativos ao mesmo assumpto : 3.^a Casos julgados sôbre a mesma causa em anteriores instancias.

§. 6. Quanto ás especies de provas extrinsecas, designadas pelas denominações de *Fama* ou *Opinião publicã*, de *Titulos* ou *Documentos*, de *Juramento* e de *Testemunhas*, á Jurisprudencia propriamente compete o determinar-lhes a devida significação, assim como a força para servirem de provas em Juizo.

§. 7. *Sinal* é um indicio ou vestigio sensivel, que tendo origem da cousa, que pretendemos descobrir, por meio della vimos no conhecimento desta. — Dividem-se os *Sinaes* em necessarios, ou que tem connexão intima com a cousa significada; e em não necessarios, ou que com ella tem só uma connexão remota. Os primeiros, verificada que seja a realidade da sua existencia, são per si sós prova infallivel da existencia do facto, que indicão: os segundos, juntos com outras provas, quando não gerem certeza, tornão grandemente crível o facto, a que são applicados.

§. 8. *Argumento* é uma prova, que conduz ao conhecimento da verdade por meio de deducções logicas. — Esta prova é de todas a mais terminante, por ser derivada do bom uso das faculdades intellectuaes; e até por meio della é que o Orador chega a dar o justo valôr a todas as mais provas. — Dividem-se os *Argumentos* em *certos*, e em meramente *criveis*. Os primeiros subdividem-se em *Argumentos de certeza physica*, taes são os que nos são subministrados pelo

testemunho bem averiguado dos nossos proprios sentidos : 2.º em *Argumentos de certeza moral*, a qual é fundada no testemunho ou consenso universal dos outros homens : 3.º em *Argumentos de certeza legal*, e estes tem a sua origem nas leis estabelecidas : 4.º em *Argumentos de certeza convencional*, isto é, naquelles principios, em que os outros concordão conosco, e é este o chamado *Argumento ad hominem* : 5.º em *Argumentos de certeza ja provada*, a qual por isso mesmo não admitte ja contestação : 6.º finalmente em *Argumentos de certeza não contradicta*; cuja força é igual aos da quarta especie.

— Os *Argumentos crivcis*, ou meramente *provaveis* subdividem-se em *probabilissimos*, em *mais provaveis*, e em *simplesmente provaveis*, conforme o maior ou menor numero de razões, ou de forças, em que se estribão entre a certeza e a duvida.

§. 9. Para que as provas produzão no discurso oratorio o effeito desejado, cumpre que o Orador observe as quatro regras seguintes : 1.ª Evitará com todo o cuidado a mistura confusa de provas de differente natureza; porque o contrario dará infallivelmente em resultado um modo de confirmar confuso, e sem elegancia.

§. 10. Regra segunda : Quando a materia do discurso parece clara, e por isso o Orador julga, que pode contar inteiramente com a força das suas provas, deverá seguir na deducção das mesmas uma gradação tal,

que ellas vão augmentando sempre em força umas em relação ás outras. — Todavia esta regra tem suas excepções em alguns casos, como por exemplo, nos dous seguintes : 1.º Quando o Orador desconfia do bom exito do seu discurso, e tem apenas uma só prova, sôbre que possa fazer firmeza, inspirando-lhe as outras pequena confiança, fará bem, se apresentar logo no principio da Confirmação esta prova principal, esforçando-se em produzir com ella uma viva impressão no espirito dos seus ouvintes ; a fim de dissipar-lhes as prevenções, de os dispor em seu favor, e de induzil-os a que escutem com imparcialidade as outras suas provas : 2.º Quando entre as diferentes provas tem o Orador uma ou duas que conhecer serem um pouco fracas, e que sem embargo disso julga não devem ser omitidas, aconselha Cicero, que o mesmo Orador as colloque no meio das outras, onde a sua fraqueza se fará menos sensível, do que no principio, ou no fim.

§. 11. Regra terceira : Quando as provas forem fortes, e concludentes, deverão ser apresentadas separadamente, e pelo modo mais distincto ; visto que cada uma dellas não se arrisca em supportar um exame particular, sendo offerecidas distinctamente á reflexão dos ouvintes. Porém se as provas forem duvidosas, e extrahidas de méras presumpções ; o mais seguro será apresental-as juntas em massa, para se apoiarem reciprocamente.

§. 12. Regra quarta : As provas não devem multiplicar-se em demasia, nem ser desenvolvidas com sobejo numero de palavras : 1.º Porquanto as provas muito numerosas farão suspeita a materia do discurso, e inculcarão pequena confiança na sua justiça e bondade : 2.º Porque um numero de provas maior, do que é necessario, sobrecarrega a memoria dos ouvintes, desperta-lhes o tédio, e diminue alguma cousa da convicção produzida pelo pequeno numero de provas bem escolhidas. — Não devem as provas ser desenvolvidas com grande numero de pala-

avras : 1.º Porque a extensão, que se dá a uma prova, quando ella passa além dos limites de uma arrasoadá explicação, não deixa nunca de a enfraquecer; pois com isso lhe faz perder a força, e a agudeza, que devem constituir o caracter desta parte de todo o discurso oratorio : 2.º Porque o Orador, que insta em demasia com uma prova, e que se propõe a apresental-a debaixo de todas as faces possiveis, pelo ordinario cança-se, e o resultado do seu cançasso é arrefecêr, e acabar friamente, tendo começado com força.

§. 13. A Refutação, isto é, aquella parte da prova, na qual o Orador destroe os fundamentos contrarios á sua proposição, que lhe forão oppostos, ou que o podem vir a ser, deve ser feita tendo em vista os diversos Estados, a que pode pertencer a materia do discurso.

— Reduz-se tudo em geral a negar a existencia, ou a possibilidade da cousa con-

E

traposta, assim como o nome que se lhe dá, quando o *Estado é de Conjectura*, ou de *Definição*; ou a defendel-a da qualificação, que se lhe attribue, quando o *Estado é de Qualidade*. — Accresce porêem ainda outro modo de refutar, só proprio dos discursos forenses, denominado refutação por *Translação* ou por *Excepção*, o qual tem logar, quando o facto controvertido em Juizo se não pode negar, nem defender; e consiste em mostrar, que tal facto não deve ser discutido perante aquella autoridade, ou naquelle tempo, ou naquelle logar, &c., fundando-se para isto o Orador nas leis, ou nas formalidades de julgar do paiz, onde se pretende intentar aquella Causa ou Acção.

§. 14. Pelo que pertence á Refutação das provas contrarias em particular, consideradas como fortes, ou como fracas, importa observar as regras seguintes: 1.^a Devem refutar-se todas juntamente, quando forem tão fracas, que com um só impulso se possam derribar; ou quando forem tão fortes, que o Orador não julgue conveniente medir as suas forças com cada uma dellas de per si: pois em tal caso será melhor expediente o atacal-as, por assim dizer, em esquadrão cerrado, e sem ordem de batalha, do que uma a uma. A mesma regra convirá seguir, quando as provas forem impertinentes, ja por serem superfluas, ja por terem sido produzidas fora de proposito. 2.^a Devem refutar-se separadamente, quando se conhecer que a for-

ça, que ellas tem, lhes resulta da sua mesma união. 3.º O melhor modo de refutar as objecções, propostas pelo Orador contrario, é pelos seus mesmos ditos, vendo se na sua oração se descobre alguma expressão contradictoria, alheia da materia, incrível, escusada, ou mais a favor do refutante, do que do seu antagonista.

§. 15. Todas as vezes que a prova em geral de um discurso, ou ainda a sua mesma Narração constar de diferentes partes, pede a boa Razão que o Orador as ligue umas com outras de maneira, que dellas resulte um todo bem unido e perfeito, o que se conseguirá fazendo uso de accomodadas *Transições* :

—— É pois *Transição oratoria*, a passagem, que o Orador faz no meio do discurso de uma materia para outra, pela qual liga naturalmente o pensamento antecedente com o seguinte, ja fazendo menção simultanea do que tratou, e vai tratar; ja indicando só a materia, para que passa a entrar.

§. 16. Os Argumentos depois de mais ou menos desenvolvidos, a que se dá vulgarmente o nome de Argumentações, podem reduzir-se a cinco fórmãs, designadas pelos nomes seguintes : *Synacoluthos*, *Enthymemas*, *Syllogismos*, *Epicheiremas*, e *Dilemmas*.

§. 17. Os *Synacoluthos*, chamados tambem *Pensamentos enthymematicos*, são formados de simples proposições, que contêm em si mesmas as suas provas, isto é, nas quaes se apresenta em um só ponto de vista

o Principio, e a Conclusão : taes são os seguintes : « Mal se quieta pôvo faminto » (Souza. Vida do Arcebispo Liv. III. Cap. 20) : « Quem duvida, que todos os offendidos serão nossos soldados. » (Freire Vida de Castro Liv. II. na fala de Coge Çofar, &c.)

§. 18. O *Enthymema*, chamado tambem *Syllogismo imperfeito*, consta de duas proposições, uma das quaes é a controversa, e tem o nome de *Intenção*, por ser a que o Orador intenta provar; e a outra tem o nome de *Assumpção*, por ser a que elle toma para prova da primeira. Todas as orações ou falas, que se encontram nos Classicos Portuguezes, offerecem frequentes exemplos desta especie de Argumentações, tal é a que se lê em Freire (Vida de Castro Liv. IV.) em uma fala posta pelo autor na bôca do mesmo D. João de Castro : « Maior poder he o nosso, que o do inimigo : pelejão pela nossa parte a fama e a victoria. »

§. 19. O *Syllogismo* consta de tres proposições, denominadas *Intenção*, *Assumpção*, e *Connexão* ou *Conclusão*, das quaes a ultima serve para enunciar a relação intima, que existe entre as duas primeiras : — Diferença-se o Syllogismo oratorio do Syllogismo logico no methodo, com que nelles são deduzidas as tres proposições; porquanto no primeiro são deduzidas pelo methodo analytico, e no segundo pelo methodo synthetico. A Argumentação fundamental do discurso d'elRei D. João III. a D. João de Castro,

em que lhe declara havel-o nomeado Governador da India, o qual se lê no citado Jacinto Freire (Liv. I.) offerece o exemplo de um Syllogismo, &c. (*)

§. 20. O *Epicheirema* é composto na opinião de alguns rhetoricos, (ao muito) de cinco proposições, a saber, da *Intenção*, da *Assumpção*, das *Razões* de cada uma dellas, e da *Connexão* ou *Conclusão*. Outros rhetoricos seguem, que no *Epicheirema* entrão sómente tres proposições; porquanto as *Razões* das duas primeiras podem contemplar-se como simplicis accessorios de cada uma dellas; differençando-se do Syllogismo não pelo numero, mas pela natureza das proposições, por servir-se este de principios verdadeiros, e o *Epicheirema* pelo ordinario de principios provaveis. A oração de Coge Çofar, que se lê em Diogo do Couto, (Decad. V. Liv. II. Cap. 9.) na qual aquelle renegado aconselha ao Sultão Mahamud Rei de Cambaia, que mande pôr cerco á Fortaleza de Diu, o primeiro dos dous que ella soffreo, sendo seu Governador Antonio da Silveira, offerece a principio dous *Epicheiremas* de cinco proposições, depois um Syllogismo, e a final um *Enthymema*. (**)

§. 21. O *Dilemma* consta de duas proposições absolutas e oppostas; a cada uma das quaes, convertidas depois em proposições

(*) Vide no fim do Vol. Exemplo I.

(**) Vide no fim do Vol. Exemplo II.

condicionaes, se lhe ajunta outra; concluindo com uma proposição affirmativa ou negativa, que as abranja a todas, a qual é a proposição que se intenta provar: ——— consta por consequencia o Dilemma de sete proposições pelo menos: alem de que pode o Dilemma ser considerado como uma Argumentação composta de dous Enthymemas complexos, cuja *Intenção* é commua a ambos. ——— O Orador Vieira, e outros Classicos Portuguezes usão repetidas vezes da Argumentação Dilemma, e tal é o seguinte de Fr. Heitor Pinto (Imagem da Vida Christã, Parte II. Dialogo III. Cap. 6.): « Querendo Alexandre Magno despedir um Philosopho, que trazia em sua casa, lhe disse estas palavras: Eu, como sou homem, erro como homem; e tu, sendo Philosopho, não me reprehendes nem avisas de nada: *ou he, que não entendes meus erros, ou que os entendes: se os não entendes, não es sabio: se os entendes, não es meu amigo, pois me não emendas: por isso daqui te despido, vai-te muito embora.* »

§. 22. Sem embargo de que todas as mencionadas formas de Argumentos sejam commuas tanto ao Philosopho, como ao Orador, é muito diversa a maneira, por que cada um delles as deve empregar no discurso. ——— Por isso que o primeiro tem unicamente em vista o convencêr, deverá servir-se de um modo de dizer claro, preciso, rigoroso, e sem enfeites alguns; convindo por consequencia que

as suas Argumentações sejam nuas, e descar-nadas. — Pelo contrario o Orador, cu-jo fim é quasi sempre o persuadir, conven-cendo, e deleitando; visto que a persuasão, e a convicção depende muito do deleite, cum-pre que revista as suas Argumentações de tu-do quanto lhe subministrar a variedade, a riqueza e a pompa da expressão, invertendo a ordem logica das proposições, e amplian-do-as por todos os modos mais capazes de produzirem deleite, em quem escuta.

CAPITULO XIII.

DA PERORAÇÃO.

§. 1. *Peroração* ou *Conclusão* de um dis-curso é aquella parte, com que o Orador, depois de preparar, de informar os seus ou-vintes, e de os convencêr por meio das Pro-vas, põe o ultimo remate ao mesmo discurs-o. Divide-se a Peroração em duas partes mui diversas, attendendo aos fins, e meios nellas empregados pelo Orador, as quaes são chamadas *Recapitulação*, e *Epilogo*, sendo a primeira dedicada para nella serem apre-sentadas de novo, mas em um rapido ponto de vista, as principaes provas desenvolvidas na Confirmação: e a segunda sendo o logar do discurso, em que o Orador deve servir-se dos meios mais adequados para mover e arre-

batar a vontade dos seus ouvintes, já disposta para o seguir por tudo quanto lhes deixou dito nas partes antecedentes, principalmente na Confirmação.

§. 2. Duas são as regras, que o Orador deve observar nas *Perorações* de todo e qualquer genero de discursos : 1.^a Escolher precisamente o momento, em que deve concluir; de maneira que nem conclua por um modo repentino, e inesperado; nem engane a expectação dos ouvintes, quando esperão ser chegados ao fim do discurso; pois se os tiver por muito tempo em suspensão, arrisca-se a despertar-lhes a impaciencia : 2.^a Convem acabar, o mais possível, por um modo agradável, e elegante, não já por uma frase frouxa e languida, mas com dignidade e com fogo; a fim de que o auditorio se retire abalado, e leve com sigo uma impressão final, que seja favoravel ao Orador, e *jae assumpto*.

§. 3. Quanto á *Recapitulação* em particular : O fim desta é avivar na memoria dos ouvintes a materia inteira do discurso, pondo-lhes, por assim dizer, diante dos olhos em um só ponto de vista todo o assumpto, e fazendo-lhes comprehender a relação de cada uma das partes do mesmo assumpto entre si, e com o todo; para que aquellas cousas, que terião talvez menos força em quanto espalhadas pelo discurso, agora apresentadas juntamente, tomem da sua mesma união nova efficacia. — As regras, que

devem ser observadas, para que a *Recapitulação* sábia bem feita, são duas : 1.^a O que o Orador houver de recapitular, deverá ser dito com a brevidade possível, *correndo pelos pontos mais capitaes*, sendo daqui que lhe veio o nome, que lhe derão os Gregos de *Anakephaleosis*; pois se o Orador se demorar nella, não fará ja uma simples Recapitulação, mas antes uma nova Oração : 2.^a As cousas, que recapitular, deverão ser animadas com pensamentos os mais accomodados ao fim, significadas com palavras expressivas e ornadas, e sobre tudo variadas com um torneio de frase acima do vulgar; porquanto, se repetir nella as mesmas palavras ja usadas no corpo do discurso para designar taes idéas, mostrará o Orador com essa repetição simples e nua, que desconfia da memoria dos seus ouvintes, o que não deixará de os desgostar, e de os alienar um pouco de si, além do tédio que infallivelmente lhes causará.

§. 4. A *Recapitulação* é necessaria na Peroração, e até deve fazer-se parcialmente em outras partes do discurso, como são a Narração, e a Confirmação, quando o discurso é complicado em accidentes, ou quando consta de muitos pontos, ou quando, posto que conste de um só, este é confirmado com muitas provas. Será porém desnecessaria, quando o discurso for simples e breve.

§. 5. Da-se na Rhetorica o nome de *Epiologo* á parte da Peroração particularmente

destinada para o emprego dos *Motivos*, isto é, dos meios oratorios, que tem por fim a excitação dos *Affectos*, os quaes, por isso que movem e arrebatão a alma, obrando directamente sobre a vontade, tem a denominação de *Motivos*, em contraposição ás *Provas*, que sendo destinadas para convencêr o entendimento, são propriamente chamadas *Razões*.

§. 6. Dividem-se os *Motivos* em *Ethicos*, e *Pathéticos*, conforme os affectos que elles servem para despertar, assim tambem denominados. Diferença-se uns dos outros : 1.º Em que os *Pathéticos* obrão com força e imperiosamente, os *Ethicos* obrão insinuando-se brandamente : 2.º Os primeiros tendem a perturbar a alma, os segundos a ganhá-la : 3.º Os primeiros devem em geral ser empregados para produzir movimentos rapidos, e passageiros ; posto que haja materias que demandem o pathético continuado, o que todavia só pode verificar-se em discursos muito curtos, e quando os ouvintes se achão ja convencidos, e antecedentemente preparados : os segundos devem ser permanentes, e por isso tem lugar por todo o discurso. 4.º Os primeiros só entrão em pequeno numero de assumptos, os outros pelo contrario abrangem a todos elles, &c.

§. 7. É bem advertir aqui, que não é só no *Epilogo* que tem lugar estes differentes *Motivos* ; pois é de necessidade indispensavel, que os *Ethicos* se deixem ver em todas

as partes do discurso, visto que em todo elle deve o Orador mostrar-se homem sensato, próbo, e affeiçãoado de coração aos interesses dos seus ouvintes : os *Pathéticos* porém, posto que possam tambem apparecer utilmente em todas as partes do discurso oratorio ; com tudo o seu logar mais proprio é o Exordio, a Narração, e a Peroração ; sendo que nas duas primeiras devem ser mais breves, e menos vehementes ; no *Epilogo* porém é permitido ao Orador o soltar todas as suas fontes, para triumpho completo da Eloquentia.

§. 8. Os affectos *Ethicos* ou brandos, que o Orador deve propôr-se a excitar nos corações dos seus ouvintes, podem ser relativos ou á sua propria pessoa, ou ás dos seus ouvintes, ou á pessoa ou pessoas por cujo respeito faz o seu discurso ; por isso ha mister que attenda aos caracteres, que melhor convêm a estas tres qualidades de pessoas, a fim de que, representando-os o mais fielmente possivel, desperte os sentimentos ou affectos *Ethicos*, que lhes são correspondentes. — O caracter, que só está bem á pessoa do Orador, e que indubitavelmente lhe grangeará a maior consideração dos seus ouvintes, consideração que elle deve esforçar-se por conservar em todo o seu discurso, é o da *prudencia*, e o da *bondade* ; o primeiro, para que os seus ouvintes tenham confiança nas suas luzes ; e o segundo, para que estejam certos de que os não enganará. — Quanto aos caracteres das pessoas dos seus ouvintes

tes, cumpre ao Orador o trabalhar por eonhecel-os; afim de que, imitando-os, possa exprimil-os como proprios: porque os homens amão naturalmente aos seus semelhantes; por consequencia o Orador, que se mostrar animado dos mesmos sentimentos dos seus ouvintes, facilmente lhes persuadirá que tem os mesmos interesses que elles, e portanto que é incapaz de os enganar. ——— Ultimamente, pelo que respeita á pessoa ou pessoas de que pode tratar o seu discurso, deverá o Orador pintar-lhes o character, quando for a favor dellas, com as mesmas qualidades de *prudencia*, e de *bondade*, com que faz recommendavel a sua propria pessoa: importa-lhe porèm fazer o contrario, quando for contra ellas, e lhe convier o represental-as odiosas.

§. 9. Para o Orador excitar os affectos *Pathéticos* na alma dos seus ouvintes, os mais adequados meios, de que se pode servir, reduzem-se: 1.º A trabalhar, quanto for possível, por se apaixonar verdadeiramente a si mesmo; pois nunca pode esperar que os seus ouvintes se condoão, por exemplo, de um mal, que elle conta sem dôr alguma; nem que se indignem contra uma cousa, contra a qual observão que elle mesmo, que a conta, se não mostra intimamente indignado: 2.º A representar por meio de vivas e animadas côres a imagem de sua alma affectuosamente agitada, ás quaes pela *sympathia*, natural aos corações humanos, succederão nos seus

ouviestes os mesmos movimentos, que elle em si experimenta. — Os meios porêm para o Orador desempenhar a primeira das duas regras antecedentes, isto é, para se apaixonar a si mesmo, são : 1.º A representação interior, reproduzindo por intervenção da fantasia as imagens dos objectos ausentes, como se presentes fossem : 2.º Suppondo como proprios os males, que nos outros lastíma, ou os bens de que os julga na posse, &c., e fazendo o mais possivel por disso mesmo se persuadir, imaginando-se em circumstancias idênticas.

§. 10. Pelo que respeita á qualidade dos affectos Pathéticos, que o Orador deverá excitar para mover o seu auditorio á persuasão, somente o conhecimento do assumpto, depois de bem meditado, é que o poderá ensinar. O que importa sim advertir, é que nem todos os discursos pedem, que o Orador nelles excite estes fortes e animados affectos, conhecidos pela denominação de *Pathéticos*; mas somente naquelles assumptos, que por sua grande importancia e interesse relevante ou publico, ou ainda particular, demandão ser tratados com todo o calor da Eloquencia.

§. 11. As regras mais particulares para despertar os affectos *Pathéticos*, podem reduzir-se ás sete seguintes : — 1.ª O Orador, antes de tudo, deve considerar com o maior cuidado se o assumpto, que vai tratar, pede, ou não o *pathético*; e dado que assim seja, ver depois qual é a parte do seu dis-

curso, onde convenha melhor empregal-o, a cujo respeito o bom senso é só quem o poderá dirigir. — O mais que sôbre isto pode accrescentar-se em geral é que, se elle quizer excitar nos seus ouvintes uma commoção duradoura, deve convencel-os das razões poderosas, que ha para abraçarem a opinião proposta pelo Orador, e para defenderem com zelo o seu partido; pondo-os por este modo em estado de poderem justificar a seus proprios olhos a paixão, a que se entregão, e ficando certos de que se não tem deixado seduzir por uma illusão vã.

§. 12. Regra segunda : Nunca o Orador deve reservar no seu discurso um logar particular, rigorosamente consagrado para nelle excitar qualquer paixão : nem tão pouco advertir a seus ouvintes, que vai tentar despertar-lhes um *affecto pathético*, e convidal-os a que o sigão nesta empreza; por não haver cousa alguma mais capaz de os esfriar. — Pelo contrario lance mão o Orador do momento favoravel á commoção, qualquer que seja a parte do discurso, em que esse momento se apresente; e depois de haver preparado convenientemente para ella os seus ouvintes, offereça-lhes as circumstancias, ou as imagens, que podem tocal-os, e accenda-lhes as paixões no instante, em que elles menos o esperarem.

§. 13. Regra terceira : Como não é a mesma cousa o commover os ouvintes, que o provar-lhes que elles devem sentir-se com-

movidos; para que o Orador seja *pathético*, é forçoso que pinte o objecto da paixão, que pretende excitar, e que se esmere em fazer que este quadro seja natural e tocante, ajuntando-lhe as circumstancias mais proprias para despertar a paixão, de que se trata, já falando aos sentidos, já á imaginação dos seus ouvintes, offerecendo-lhes quadros, que se assemelhem o mais possivel na vivacidade e permanencia aos objectos, que férem immediatamente os sentidos.

§. 14. Regra quarta : O methodo unico, que o Orador poderá seguir com segurança para observar a regra antecedente, consiste em mover-se a si mesmo; por ser cóusa indubitavel, que a paixão verdadeira suggere uma infinidade de meios para a communicarmos aos outros, que nenhuma arte pode imitar, e que nenhum estudo pode subministrar. O modo de despertarmos em nós mesmos esta commoção interior, já fica apontado no §. 9.

§. 15. Regra quinta : Deve o Orador estudar a fundo a linguagem das paixões, para della servir-se appropriatedamente : advertindo ao mesmo tempo que, se elle observar o modo por que se exprime o homem apaixonado, ou dominado de uma paixão forte; verá que a sua linguagem é sempre simples, e exempta de affectação; que sim poderá ser animada de um torneio de frase valente, mas sempre sem ornatos exquisitos.

§. 16. Regra sexta : Evitará o misturar

com a parte *pathética* do discurso cousas, que lhe sejam extranhas; fugindo, por exemplo, de interromper com Digressões, pelo menos, longas, ou de desviar por outro qualquer modo o curso da paixão, depois que ella começa a nascer: — Segue-se daqui que as Comparações são ordinariamente perigosas, e quasi sempre fóra de proposito, quando se trata de movimentos apaixonados. — Por occasião desta mesma regra cumpre advertir ao Orador, que se abstenha de raciocinar, ou pelo menos de fazer um tecido de raciocinios abstractos, principalmente quando se occupa de mover a vontade.

§. 17. Regra septima: Finalmente o Orador não deve prolongar nunca em demasia o *pathético*, na certeza de que as commoções vivas não podem ser de longa duração; porque ellas são para a alma um verdadeiro estado de incommodo e de padecimento, e por isso ella trabalha naturalmente, o mais que pode, por tirar-se daquelle estado de violencia. — Sobre tudo faça, quanto é possível, o Orador por não estender a paixão alem dos seus justos limites, nem se esforce em leval-a acima do que ordena a Natureza; para o que deverá ter sempre em vista, qual seja o gráo de commoção, a que os seus ouvintes podem chegar; não se esquecendo nunca de que, se intentar passar alem, e se os quizer arrastar contra sua vontade, destruirá com isso a impressão, que nelles havia começado a produzir; e que, se

pretender inflammal-os em excesso, os arrefecerá, e gelará subitamente.

CAPITULO XIV.

DA DISPOSIÇÃO ORATORIA EM PARTICULAR.

§. 1. *Disposição Oratoria* é a distribuição assim dos pensamentos em geral do discurso, como de cada uma das suas partes em especial, nos seus logares competentes, accommodada ao fim, que o Orador se tem proposto. — A *Disposição*, que deve dar-se ás partes fundamentaes, ou aos quatro grandes pensamentos de um discurso oratorio regular, ja ficou ensinada no Cap. IX. §§. 1.º e 2.º : agora a que é respectiva em especial ás partes, nas quaes se subdivide cada um daquelles quatro grandes pensamentos, por exemplo, a *Disposição das Provas*, que tem o seu logar ordinario immediatamente depois da *Narração*, essa varia conforme o exige o interesse do assumpto; e a maneira de a fazer é suggerida antes pela prudencia do Orador, do que pelos dictames da Rhetorica.

§. 2. Sobre esta materia não deve o Orador attender a cousa alguma mais desveladamente do que á *Disposição* por Quintiliano denominada *Economica*, isto é, áquella, por meio da qual o numero, e a ordem das partes de um discurso sobre determinado assump-

to, assim as mais graúdas, como as subdivi-
sões destas, se accommodão ás circumstan-
cias particulares do logar, do tempo, das
pessoas, &c.; ordem porém, que só pode
ser assentada á vista do assumpto depois de
bem meditado. — No em tanto o saber,
quando se deve fazer *Exordio*, e quando dei-
xar de o fazer, ou usar, em vez d'elle, da
Insinuação: em que casos se deverá fazer
uma *Narração* seguida, em que casos repar-
tida; quando convirá que ella comece do
principio do acontecimento, quando do meio,
ou do fim; e ainda quando ella se omittirá,
substituindo-lhe uma simples *Proposição*, ou
Partição: quando é que na *Confirmação* o
Orador começará pelos seus pontos, e quan-
do pelos do adversario; quando principiará
pelas provas mais fortes, quando pelas mais
fracas: quando em fim na *Peroração*, se deve
fazer *Recapitulação*, quando *Epilogo*, &c...
Quem não vê, que tudo isto depende das fe-
lizs disposições naturaes do Orador, accom-
panhadas de estudo profundo, e de aturada
meditação; aliás as regras geraes, que po-
dem seguir-se a tal respeito, ja ficarão dadas
nos Capitulos antecedentes.

CAPITULO XV.

O QUE SEJA ELOCUÇÃO ORATORIA, SUA
DIFFICULDADE, EXCELLENCIA,
E PERFEIÇÃO.

§. 1. *Elocução* ou *Fraser* em linguagem de Eloquencia é a escolha de vocabulos, e sua collocação na oração, proprias a dar força e belleza aos pensamentos, para com ellas o Orador alcançar o fim, a que se propõe. Diferença-se bem claramente da *Elocução grammatical*; por ser esta *a simples enunciação de todos os conceitos do espirito, feita por meio de palavras.*

§. 2. A *Elocução* é de todas as partes da Eloquencia a mais difficil; pois começa por depender essencialmente do perfeito conhecimento do idioma empregado pelo Orador, conhecimento difficillimo, maiormente quando esse idioma é tão rico em vocabulos, e tão variado em frases, como é o Portuguez. — Accresce a isto, além de outras difficuldades, a dependencia, que tem a *Elocução* oratoria do perfeito conhecimento da linguagem das paixões, a qual só se aprende bem pela observação attenta e reflectida da natureza humana, quando, posta em acção por aquellas valentes molas, rompe em expressões suggeridas por ellas.

F 2

§. 3. A excellencia da Elocução oratoria deduz-se claramente das razões seguintes : 1.^a É a Elocução oratoria, quem habilita o Orador para apresentar dignamente ao publico os seus pensamentos, sem o que todos os outros oratorios talentos, por eminentes que sejam, ficarião sendo inuteis : ——— 2.^a É geralmente reconhecido o ser ella tão essencial á Eloquencia, que foi da Elocução que esta Disciplina derivou o seu nome : ——— 3.^a É ella a que decide principalmente do mérito dos differentes Oradores, e a que marca a diversidade do seu modo de dizer, do qual pelo ordinario depende o bom, ou mau successo dos seus discursos, sendo, propriamente falando, a unica que lhes é ensinada pela arte; pois tudo o mais em Eloquencia depende do talento natural, com preferencia a todas as regras da mesma arte. ——— Mas, posto que a Elocução seja uma das partes mais importantes da Eloquencia, não se segue que o Orador deva occupar-se todo nas palavras, desprezando os pensamentos; pelo contrario estes, como alma que são do discurso, devem merecer-lhe a maior attenção; sem que por isso deixe de prestar a devida ás palavras, as quaes são as imagens sensiveis, de que os pensamentos se revestem, para fazer-se conhecer dos ouvintes.

§. 4. Consiste a perfeição da Elocução na facilidade habitual de empregar no discurso uma linguagem natural, simples e expressiva; nunca porém affectada, exquisi-

ta e extravagante, o que só se adquire com a muita e bem digerida lição dos bons Autores. — Pelo que, uma vez que o Orador chegue a alcançar que as suas palavras sejam puras e expressivas, ornadas e bem collocadas, nada mais deve appetecer; pois o cuidado excessivo, que empregar em buscar palavras antigas, exquisitas e exóticas, dará claramente a conhecer a sua arte, o que em todo caso é grande vicio.

CAPITULO XVI.

VIRTUDES, E VICIOS DA ELOCUÇÃO.

§. 1. As palavras podem considerar-se no discurso ou cada uma de per si separadamente, ou formando differentes aggregados, e estes com os nomes ja de orações ou incisos, ja de membros, ja de periodos. Será perfeita a Elocução, quando as palavras, consideradas uma a uma separadamente, forem *puras, e claras*; quando consideradas as palavras nas suas differentes reuniões, ellas forem *correctas; e bem collocadas*; quando consideradas as mesmas palavras ou reunidas, ou separadas, forem simultaneamente *ornadas*: São portanto as virtudes da Elocução, *pureza, correccção, clareza, ornato, e boa collocação.*

§. 2. A Elocução será *pura*, quando as

palavras, que nella entrarem, forem do proprio idioma, em que o Orador se propõe a falar; e de mais disto adoptadas pelo uso dos que o bem falão. — Ha dous vicios oppostos, que se podem commetter contra a *pureza* da Elocução: chama-se o primeiro *Barbarismo*, ou talvez melhor, *Peregrinismo*, o qual consiste no emprego de palavras, ou de frases de differente idioma, introduzidas em o nacional sem a competente auctoridade. O segundo tem o nome de *Purismo*, e consiste na affectação demasiada de pureza de linguagem; commettendo-se todas as vezes que o Orador mostra um empenho excessivo em falar a lingua, sem desviar-se jamais das regras da sua Grammatica, e sem admittir palavra ou frase alguma, que não seja autorizada pelos melhores mestres da mesma lingua.

§. 3. Elocução *correcta*, é aquella, que consta de palavras unidas umas ás outras conforme as regras da Grammatica da lingua, em que se fala. O seu vicio opposto tem a denominação de *Solecismo*.

§. 4. Haverá na Elocução a virtude da *clareza*, quando as suas palavras forem proprias. — A propriedade das palavras pode ser reduzida a cinco classes: Na primeira entrão as palavras inventadas na sua origem para significarem certas e determinadas ideas; é porém de advertir, que destas nunca se deverá fazer uso, maiormente na Elocução oratoria, todas as vezes que forem

obscenas, sordidas, ou ainda baixas. — Na segunda classe de palavras chamadas proprias entrão aquellas, que, não obstante o terem uma significação primaria, para que forão inventadas, com tudo o uso as tem apropriado para significarem outras ideas : tal é, por exemplo, a palavra *vértice*, que significando primitivamente *redomoinho de agua, de vento, &c.* ; passou depois a significar o *redomoinho de cabello no alto da cabeça, o cume do monte, e a summidade de qualquer cousa.* — Entrão na terceira classe as palavras, para assim dizer, consagradas para designar um só objecto de muitos, aos quaes é commua uma cousa : taes são as palavras *Longitude*, e *Latitude*, tomadas em accepção geographica ; e muitos dos termos técnicos das Sciencias, Artes e Officios. — Entrão na quarta classe as palavras, que, sendo commuas a muitos individuos, todavia pela intelligencia, e uso dos que dellas se servem, se aproprião a um delles em particular : taes são as palavras, com que designámos as qualidades, em que um individuo sobresahe a outros da mesma especie pela superioridade e excellencia da sua natureza : assim por exemplo, falando de Camões, dizemos o *E'pico Português.* — Entrão finalmente na quinta classe as palavras, a que se attribue uma propriedade verdadeiramente oratoria : taes são aquellas, que são tão expressivas, que outras se não podem encontrar, que mais o sejão : Ex. « Está a

cidade de Mazegão situada nas praias do mar Atlantico, tão visinha á cidade Real de Marrocos, *que lhe fica como metida nos olhos* » (Sousa, Vida do Arcebispo, Liv. II. Cap. 11.) : Outro exemplo : « Mas esta gloria, licença vos dou *para vos revêrdes, e-vos pavoneardes nella*, que não merece o nome de van. . . » (Id. Liv. IV. Cap. 3.). — É de advertir que, sem embargo de que as palavras da primeira classe sejam as que merecem em rigor o nome de *proprias*, nem sempre podem ser empregadas nessa sua significação primitiva, em razão da falta de vocabulos, que se encontra em todas as linguas, ainda as mais abundantes, para se significarem todos os conceitos do espirito humano : Pelo que, particularmente na Elocução oratoria de *apparato*, deixaremos muitas vezes de servir-nos dellas e com acerto ; quando as palavras, tomadas nas accepções secundarias de *propriedade*, exprimirem com mais força, ou com maior belleza os nossos pensamentos, do que as palavras rigorosamente *proprias*.

§. 5. Os vicios contrarios á virtude da *Clareza* da Elocução podem reduzir-se a doze : 1.º As palavras desusadas, ou por obsoletas, ou por muito novas : 2.º As denominadas *Technicas*, ou proprias das Sciencias e das Artes : 3.º As que são particulares a alguns paizes e logares : 4.º As *homonimas*, isto é, as que debaixo do mesmo nome tem diferentes significações proprias : 5.º As expressões enigmaticas e inintelligiveis, a que

chamâmos em Português *expressões refinadas* : 6.º As transposições muito distantes, ou contra o uso : 7.º A desordem ou confusão de palavras na oração, a que se dá o nome de *Synchyse* : 8.º Os parentheses extensos : 9.º A ambiguidade resultante da má composição : 10.º A verbosidade inutil e vã, denominada *Perissologia* : 11.º A brevidade demasiada : 12. A desmesurada extensão dos periodos. — Pelo que o Orador, que quizer evitar os vícios apontados, deverá usar, quanto ser possa, de vocabulos proprios, mas conhecidos; de ordem recta, de periodos curtos; evitar tanto a demasiada concisão, como a escusada abundancia de palavras, &c.

CAPITULO XVII.

DO ORNATO ORATORIO, SUA EXCELLENCIA, VIRTUDES, E VICIOS.

§. 1. Ornato oratorio é tudo aquillo, que accrescenta mais luz, força, e graça á enunciação ja clara e correctá das nossas ideas, feita por meio de palavras. — Consiste a excellencia, que o Ornato dá ao discurso: 1.º na maior luz, força, e graça, que lhe communica : 2.º em concorrer para que os ouvintes lhe prestem maior attenção, do que se fosse desornado : 3.º em fazer que não só os doutos, mas até os ignorantes se sintão

dispostos a favor do discurso, em que elle entra.

§. 2. As qualidades que constituem o Ornato, denominadas tambem suas virtudes essenciaes, são quatro, a saber : 1.^a o ser *viril*, 2.^a o ser *forte*, 3.^a o ser *natural*, 4.^a o ser *decente*. — A estas virtudes oppõem-se os quatro vicios seguintes : o *effeminado* opposto ao viril, o *molle* opposto ao forte, o *contrafeito* opposto ao natural, o *incongruente* opposto ao decente. — O ornato da Elocução pode considerar-se ou em cada uma das palavras tomadas separadamente, ou nas suas differentes reuniões, formando orações, &c. Consideradas as palavras cada uma de per si, merecem o nome de ornadas, em geral entre as synonymas, as *bem escolhidas*, isto é, as *mais honestas*, as *mais sublimes*, as *mais polidas*, as *mais sonoras*, as *mais euphónicas*, as *mais accommodadas ao objecto que se pretende significar*; e ainda as *antiquadas*, as *innovadas*, as *derivadas*, &c., com tanto que o Orador as empregue com justa moderação. — As orações, e outras partes miudas, que entrão na composição de um discurso oratorio merecerão com verdade o titulo de ornadas, se constarem de palavras *expressivas*, *energicas*, *sentimentaes*, de *frases tropologicas*, *figuradas*, &c.

§. 3. A generalidade dos rhetoricos enumera doze vicios oppostos ao Ornato do discurso, que são : 1.^o o *Cacóphaton*, o qual apparece na Elocução, todas as vezes que

se usa de palavras, a que, separadas, ou unidas, a intelligencia vulgar alliga ideas de obscenidade, de sordidez, ou de qualquer especie de indecencia : ——— 2.º a *Tapetosis* ou baixeza, com o qual vicio se diminue por meio da frase a grandeza, ou a dignidade do objecto, que se intenta significar : ——— 3.º a *Auxesis*, com que se dão nomes mui subidos a cousas pequenas, excepto quando são empregados de proposito para fazer rir : ——— 4.º as *Expressões desornadas em geral*, como são as grosseiras, as tristes, as insipidas, e as desleixadas : ——— 5.º a *Meiosis*, por meio da qual se cortão á oração palavras, cuja falta faz o seu sentido imperfeito : ——— 6.º a *Tautolôguia*, ou a repetição desnecessaria da mesma palavra, ou oração : ——— 7.º a *Omeilôguia*, com que por falta de variedade na frase o discurso se torna fastidioso : ——— 8.º a *Macrologia*, em que se diz por muitas palavras, o que mais bellamente se podia dizer em poucas : ——— 9.º o *Pleonasmo*, uso de palavras superfluas para a intelligencia do pensamento : ——— 10.º a *Periarguia*, ou ostentação de apuramento demasiado na Elocução : ——— 11.º o *Cacosélon*, emprego de uma imitação infeliz, isto é, uso de locuções, que passam os limites do verdadeiro Ornato, e em que o genio, destituido de juizo, e de verdadeiro gosto, se deixa enganar com o bello apparente; taes são as palavras ineptas e redundantes, a frase escura,

a collocação molle e effeminada, a affectação pueril de consoantes, de equívocos, &c. — 12.º o *Cenismo*, ou a mistura de varias linguas, ou dialectos; e ainda de expressões sublimes com baixas, de antigas com modernas, de poeticas com meramente vulgares. — É de advertir, que alguns destes aqui em geral denominados vícios do Ornato Oratorio, deixão de o ser, e até passão para a classe de virtudes ou bellezas, quando o seu prudente emprego concorrer para dar maior clareza, ou mais fôrça, ou mais intimativa, ou mais graça ao discurso; o que pode ter lugar usando algumas vezes a proposito do 3.º, do 5.º, do 6.º, do 8.º, e do 9.º dos denominados vícios, que ficão apontados; e effectivamente alguns delles pelo contrario constituem varias das especies de bellezas comprehendidas no terceiro dos grãos do Ornato, como em seu logar se verá.

CAPITULO XVIII.

DOS GRA'OS DO ORNATO :

Das Pinturas, primeiro Grão do Ornato.

§. 1. O Ornato da Elocução Oratoria pode derivar-se de duas fontes, que são os pensamentos e as palavras. — Pode o Ornato derivar-se de pensamentos bellos e

energicos, enunciados algumas vezes com uma frase meramente clara e correcta; sendo que taes pensamentos ou são filhos dos objectos da Natureza, fielmente pintados e imitados; ou felizes concepções e fructos do talento do Orador. — Pode o Ornato derivar-se de palavras, que ja pela accepção translata, em que são tomadas, ja pela maneira extraordinaria, com que são empregadas na oração, communicão a esta uma graça, ou uma força, que sem isso não teria.

§. 2. Deduz-se desta doutrina a divisão, feita pela eschola de Quintiliano, do Ornato oratorio em tres generos, denominados *Grãos*, e por ella designados pelos nomes de *Pinturas*, de *Conceitos*, e de *Adórno*. — A mesma eschola de rhetoricos enumera seis especies de Pinturas oratorias, cujos nomes são: *Enarguecias*, *Similhanças*, *Parábolos*, *Imagens*, *Bosquéjos* e *Emphases*.

ARTIGO I.

Das Enarguecias.

§. 1. Tem o nome de *Enarguecias* as pinturas dos objectos, feitas com tal viveza, que parece estarem-se vendo. Dellas ha duas especies: 1.^a Aquella com que se pinta a imagem do objecto toda junta em hum só quadro, por ter sido feita a acção no mesmo lugar, em um só momento, e pelos mesmos agentes: tal é a que, entre outras, o

Autor dos Lusíadas faz do Deus da guerra no Canto I. Est. 36, e 37, quando este se levanta para dar o seu parecer no Concelho de Jupiter, convocado sobre a empreza da navegação do Gama :

Merencorio no gesto parecia ;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando para trás medonho e irado.
 A viseira do elmo de diamante
 Alevantando hum pouco , mui seguro
 Por dar seu parecer , se pôz diante
 De Jupiter , armado , forte , e duro.

A segunda especie de Enargueias é composta de varios quadros successivos, que representam acções obradas algumas vezes por diferentes individuos, e em diferentes momentos, e logares. Pertence a esta especie de Enargueias, a pintura do exercito Portuguez, conduzido por elRei D. Afonso IV. em soccorro do seu genro o Rei de Castella, qual se lê nos Lusíadas Cant. III. Est. 107, e 108 :

Mas ja co' os esquadrões da gente armada
 Os Eborenses campos vão coalhados ;
 Lustra co' o Sol o arnez, a lança, a espada ;
 Vão rinchando os cavallos jaezados :
 A canora trombêta embandeirada
 Os corações á paz acostumados
 Vai ás fulgentes armas incitando,
 Pelas concavidades retumbando.
 Entre todos no meio se sublima
 Das insignias Reaes acompanhado
 O valeroso Afonso, que por cima
 De todos leva o collo alevantado ;
 E somente co'o gesto esfôrça, e anima
 A qualquer coração amedrontado :
 Assi entra nas terras de Castella
 Com a filha gentil, Rainha della.

§. 2. Para que estas especies de Pinturas sejam perfeitas, deve o Orador attender a quatro cousas : 1.^a Que a pintura ou descripção tenha um fim principal, a que todas as suas partes se encaminhem : 2.^a Deve escolher os pontos de vista mais favoraveis ao effeito, que se propõe produzir, se o objecto, que pinta, é estavel; e se é variante e mudavel, os momentos, que forem mais ventajosos para chegar a produzir o mesmo effeito : 3.^a Deve escolher aquelles tóques, que exprimem mais vivamente o que pretende pintar : 4.^a Deve finalmente procurar os contrastes, que, como o claro e escuro na pintura, servem para fazer realçar os objectos, que quizer fazer mais sensiveis. — Para dizer tudo em poucas palavras, deve esmerar-se em que as suas Pinturas sejam o mais vivas e animadas possivel, o que só conseguirá trabalhando por que sejam naturaes; podendo ao mesmo tempo ajuntar-lhes todas as circumstancias, que, não obstante o serem falsas, costumão acontecer em similhantes casos.

ARTIGO II.

Das Similhanças.

§. 1. O segundo genero de Pinturas, chamado *Similhanças*, differença-se do antecedente, em que nas *Enargueias* se representam os objectos unicamente por meio de palavras; e nas *Similhanças* representa-se de mais a

mais um objecto por meio de outro, com o qual é confrontado. Pelo que ha neste segundo genero de Pinturas a ventagem de que a imaginação, propondo-se-lhe um objecto semelhante ao que particularmente se lhe intenta pintar, figura-se muitos pontos de vista importantes, que se não poderião exprimir por meio do simples uso das palavras. Um exemplo desta especie de Pinturas se lê nos Lusíadas Cant. III. Est. 40, que é o seguinte :

Qual diante do algôz o condemnado,
 Que ja na vida a morte tem bebido,
 Põem no cêpo a garganta, e ja entregado
 Espera pelo golpe tão temido :
 Tal diante do Principe indignado
 Egas estava a tudo offerecido :
 Mas o Rei, vendo a extrema lealdade,
 Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

(Vide tambem no mesmo Canto Est. 111 e 112, e Est. 131 e 132 (*).)

§. 2. A regra principal, que deve observar o Orador nas Pinturas por Similhanças, é pôr um particular cuidado em que a cousa, de que tira a Similhança, não seja escura, nem desconhecida, antes sim familiar aos seus ouvintes; porque aquillo que se traz para aclarar outra cousa, deve ser mais claro, do que esta a que dá luz: sendo todavia mais desculpavel essa tal ou qual obscuridade em Poesia, do que na Oratoria.

(*) Vide no fim do Vol. Exemplo III.

ARTIGO III.

Das Parábolas.

§. 1. O terceiro genero de Pinturas, denominado *Parábola*, só differe da *Similhança*, como ficou ja notado ácerca das mesmas consideradas como especies de Provas, (Cap. XII. §. 4.) em ser esta tirada de cousas familiares, e da mesma especie; e aquella procurar de mais longe, e em cousas de especie, e ainda de natureza diversa, os objectos de comparação; sendo na *Parábola* até uma belleza essa mesma distancia, donde se vai buscar o objecto de confrontação, pela novidade, e imprevisão, que a acompanhão. No citado Poema dos *Lusiadas* encontra-se, entre muitos outros, o seguinte exemplo de uma *Parábola* (Canto II. Est. 23).

Quaes para a cova as próvidas formigas,
 Levando o pezo grande accomodado,
 As forças exercitão, de inimigas
 Do inimigo inverno congelado;
 Ali são seus trabalhos, e fadigas,
 Ali mostrão vigor nunca esperado:
 Taes andavão as nymphas estorvando
 Á gente Portugueza o fim nefando.

Outro bello exemplo desta especie de Pinturas se lê em Sousa (Vida do Arcebispo, Liv. III. Cap. 4.) : “ Nenhuma abelha se vio mais sollicita em jardim cheio de flôres para colhêr de todas, com que perfeiçoar o

G

artificio de seus favos; do que o Arcebispo andava em todas as cousas de sua obrigação, e em cada huma, como se nenhuma outra estivera á sua conta : tão miúda e particularmente as tratava. »

§. 2. É de notar, que tanto nas *Similhanças*, como nas *Parábolas*, em ambas as quaes ha confrontação entre o objecto semelhante, e o assimilado, ja aquelle se põe primeiro, e este depois; ja ao contrario, e com a competente applicação; ja em fim o semelhante vai sem applicação manifesta. Nos exemplos transcriptos assim neste Artigo, como no antecedente, o objecto semelhante precede ao assimilado : Exemplo de Similhança posta depois do objecto assimilado offerece Camões no Canto II. Est. 43 do seu immortal Poema :

E co' o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que, quem no affaga, o chôro lhe accrescenta.

Exemplo de Parábola, sem della fazer-se applicação manifesta ao objecto assimilado, se lê em Fr. Heitor Pinto (*Imag. da Vida Christãa*, Part. II. Dialog. I. Cap. 25.), o qual é como se segue : « Não ha grandes valles, senão aonde ha grandes montes; não ha grandes funduras de humidade, senão aonde ha grandes alturas de virtudes. »

ARTIGO IV.

Das Imagens.

§. 1. As *Imagens*, quarto genero de Pinturas, são umas *Similhanças*, ou *Parábolos* breves : Bem como ellas, as *Imagens* pintão um objecto por meio da sua confrontação feita com outro ; porèm as duas primeiras pintão com extensão, e miudamente, caracterizando os pontos de analogia, que entre elles existem ; ao passo que as segundas abreviã a pintura, apontando só o objecto semelhante, e deixando á consideração dos ouvintes ou leitores o perceber a analogia, e fazer a confrontação : — É pois a *Imagem* um retoque de *similhança* vigoroso, mas passageiro ; ou, para assim dizer, uma *pincelada* escapada mais por acaso, do que apresentada de proposito. — Tal é a de Jacinto Freire (*Vida de Castro*, Liv. II.) : no discurso de Coge Çofar : “ Pôz-me os olhos, e levantou-me *como vapôr da terra*, antepondo-me estranho e peregrino aos que lhe nascêrão em casa ” : Ou a elegantissima dos *Lusiadas*, Canto II. Est. 41.

. . . . E nisto de mimosa
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' o orvalho fica a fresca rosa.

ARTIGO V.

Dos Bosquejos.

§. 1. Os *Bosquejos*, quinto genero de Pinturas, apresentam os objectos diante dos olhos não só com clareza, mas ainda com concisão, e rapidez: Chamão-se *Bosquejos*, nome derivado da arte da Pintura, como querendo dizer, primeiras linhas, e borrões principiados, mas não acabados, dos grandes Mestres da Eloquencia. — Todo o cuidado do Orador no emprego dos *Bosquejos* deve consistir pois em dar a ver aos seus ouvintes, ou leitores por alguns toques vivos aquelles pontos de vista, que não cáhem sobre os sentidos do commum dos homens, ou de que não podem inteirar-se com bastante delicadeza, e fôrça; deixando-lhes o gosto de imaginar tudo o mais, que se não exprime: Tal é o logar de Vieira (Serm. Part. IV. pag. 137) « Mas quando vião o gigante de tão desmedida estatura, e as armas iguaes aos membros, com que parecia uma torre de ferro, todos desmayavão, e tremião »: E o do Autor dos *Lusiadas*, pintando concisa e rapidamente o ar sobranceiro e alegre do Tritão, que conduzia a Venus sobre seus hombros (Canto II. Est. 21).

Não sente, quem a leva, o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa;

ARTIGO VI

Das Emphases.

§. 1. Finalmente a *Emphase* é um genero de Pintura Oratoria, que dá a entender mais, do que as palavras per si declarão.

— Convêm este genero de Pintura com o antecedente, em que em ambas ellas é necessario que o espirito dos ouvintes, ou dos leitores *suppra* alguma cousa, que não está claramente enunciada nas palavras. Diferença-se porêm, em que os Bosquejos são pinturas começadas, imperfeitas e mutiladas, que se deixão á imaginação para as acabar, sendo todavia o objecto o mesmo; e nas *Emphases* não é o mesmo o que se diz, e o que dahi se collige, mas diverso.

§. 2. Alguns rhetoricos admittem duas especies de *Emphases*, a saber: uma, que significa mais, do que se diz; e outra ainda aquillo que se não diz: Pertence á primeira especie o dito gracioso de um da companhia de Vasco da Gama (*Lusiadas* Canto V. Est. 35).

Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.

A segunda especie de *Emphases* consiste ou na supressão total de um sentido, ou na sua interrupção: supprime-se, quando o pensamento fica suspenso, pedindo outro depois

de si, o qual se subentende : interrompe-se, quando a oração grammatical fica incompleta, e requiere um complemento, o qual pelas circumstancias é facilmente supprido pelo espirito. Exemplo de Emphase por supressão offerece a Oração de Cicero *pro Ligario* §. 15 : *Si in hac tanta tua fortuna lenitas tanta non esset, quantam tu per te, per te inquam, obtines (intelligo quid loquar) acerbissimo luctu redundaret ista victoria.* « Se nesta fortuna tua tamanha não houvesse tanta benignidade, quanta tu possues de ti mesmo, sim de ti mesmo (bem sei o que digo); funestissimo fôra o luto, que redundaria desta victoria. » Exemplo de Emphase por interrupção (*Lusiadas* Cant. II. Est. 41).

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui. . . . E nisto de mimosa.

CAPITULO XIX.

DOS CONCEITOS ORATORIOS.

§. 1. Os *Conceitos Oratorios* são uns pensamentos ou imitados da Natureza, ou originaes filhos do humano talento, que por certa forma, com que são gerados no espirito, tem uma belleza particular, a qual lhes dá ou mais fôrça, ou mais graça, do que offerecem outros quaesquer; resultando delles con-

sequeamente um ornato notavel ao discurso, em que são empregados. — Dividem-se por tanto os Conceitos oratorios em *Conceitos fortes*, que servem para dar mais fôrça ao discurso: e em *Conceitos agudos*, denominados tambem *sentenciosos*, òu simplesmente *Sentenças*, que servem para communicar mais graça ao discurso; e que, significados em poucas palavras, dão muito que pensar.

ARTIGO I.

Dos Conceitos fortes.

§. 1. A *Amplificação*, genero de Conceitos fortes de mais proveitoso e frequente uso em Eloquencia, é aquelle que serve para engrandecer, ou apoucar os objectos; isto é, aquelle, por meio do qual o espirito forma dos objectos, que pretende augmentar, ou diminuir, noções taes, que as ideas particulares, de que as compõe, são as mais adequadas para fazer entender a cousa ou como grande, ou como pequena.

§. 2. A duas podem ser propriamente reduzidas as maneiras de amplificar, que são *absoluta*, e *relativa*. A primeira considera o objecto, que pretende amplificar, em si mesmo, sem relação a outros; e decompondo-o em todas suas partes e circunstantias, com isso o engrandece: porque a multidão faz a grandeza. Exemplo da Amplificação absoluta: (*Lusiad. Cant. VIII. Est. 10*).

Quem he , me dize , estoutro , que me espanta ,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões , que gente tanta
Com tão pouca tem rôto e destroçado ?
Tantos muros asperrimos quebranta ,
Tantas batalhas dá nunca cansado ,
Tantas corôas tem por tantas partes
A seus pés derribadas e estandartes ?

A segunda maneira de amplificar, ou a *relativa*, sahe fóra do objecto, e comparando-o com outro de uma ordem inferior, igual, ou superior, consegue avultal-o muito mais, do que antes se afigurava. Podem servir de exemplos desta Amplificação a Estancia 21. do Canto X. dos Lusíadas :

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão poder de Dário estrue e rende ;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo das Thermopylas defende ;
Nem o mancebo Cócles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defesa da ponte ; ou Quinto Fabio
Foi , como este , na guerra forte e sabio :

Bem assim a Estancia 40. do Livro V. da Malaca Conquistada :

Não vio dos celebrados nas historias
Nenhum de mais valôr a luz do dia
Na execução, discurso e nas victorias :
Nelle o Grego Melchiades se via ,
E com Cesar em tantas marciaes glorias
Vim , vi , venci , tambem dizer podia :
Compete com David no sofrimento ,
E vence as sem razões co' entendimento.

§. 3. A maneira de amplificar *absoluta* divide-se em tres especies, por serem outros tantos os modos de conceber as ideas parciaes de um composto, para deste se formar uma noção grande : 1.^a Descobrimdo nellas diferentes grãos de bondade, ou de maldade; chamada por isso *Amplificação por gradação* : 2.^a Colligindo da grandeza de umas a das outras, ou sejam consequentes, ou antecedentes, ou concomitantes, &c., a que se dá a denominação de *Amplificação pela via do raciocinio* : 3.^a Amontoando-as ou accumulando-as todas, para com a multidão simultanea fazerem mais impressão; chamada *Amplificação por ajuntamento* ou por *congregações*. — A maneira de amplificar *relativa* tambem se divide em tres especies, derivadas da natureza do objecto, que se toma para comparação, a saber : *Amplificação por comparação de maior para menor, de igual para igual, de menor para maior*.

§. 4. A *Amplificação por gradação* consiste em fazer o Orador parecer grandes cousas pequenas; ou pelo contrario em fazer parecer pequenas cousas grandes, descendo destas para as inferiores, ou subindo daquellas para as superiores por um grão somente, ou por muitos, até chegar por este modo ao maximo, ou ao minimo. Ex. de *Amplificação por gradação* descendo do superior para o inferior : (Affonso Africano, Cant. I. Est. 36.)

Nobres vassallos, esta dignidade,
 A que vós com razão chamais suprema,
 Se hũa razão ha, que se ame, persuade,
 Muitas nos persuadem, que se tema;
 Que outro de grande Imperio e Magestade
 Exclamou : Ó mais nobre Diadema,
 Que feliz ! teus descontos se alcançára
 Quem te ama, nem do chão te levantára.

Da mesma especie de Amplificação, subindo do inferior para o superior, é um feliz exemplo a passagem de Vieira (Serm. Part. III. pag. 154) : « Muito he, que Jacob e Esaú não coubessem em uma casa : mais he que Lot e Abraham não coubessem em huma Cidade : muito mais he que Saul e David não coubessem em um Reino : mas o que excede toda a admiração he, que Caim e Abel não coubessem em todo o Mundo. » — Ha ainda outra especie desta Amplificação, na qual a *gradação*, posto que não seja tão clara, nem por isso deixa de ser bella, e efficaz : Tal é a de Sousa (Vida do Arcebispo, Liv. III. Cap. 10) : « Elle por sua mão, porque não houve outrem que se atrevesse, fére nas portas sagradas, fende, racha, arromba, e entra dentro, desaferra dos altares o delinquente, leva-o preso, e lança-o carregado de ferros no fundo da cadêa publica. » — Mas adverte sensatamente Quintiliano ao Orador, que, para fazer sensível de algum modo a ordem, e gradação das ideas nesta ultima especie de Amplificação sem interromper o seu contexto, se vá

demorando um pouco nas pausas de cada uma das palavras, que marcão esta *gradação*, ao parecer, menos sensível, do que na primeira especie de Amplificação.

§. 5. A Amplificação, que se faz por meio do *Raciocinio*, consiste em engrandecer as differentes circumstancias, que tem conexão com a cousa, que se pretende amplificar; a fim de que por via do mesmo *Raciocinio* se deduza a grandeza desta mesma cousa.

—— Por seis modos pode engrandecer o Orador qualquer objecto, servindo-se desta especie de Amplificação : 1.º Da grandeza dos consequentes fazendo inferir a dos antecedentes : Ex. dos *Lusiadas* (Canto VII. Est. 56).

Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor por gloria do vencido.

. —— Ou talvez melhor :

Os ventos erão taes, que não poderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel.

2.º Da grandeza dos antecedentes, ou das causas fazendo inferir a dos consequentes, ou dos effeitos : Ex. do mesmo Poema (Canto II. Est. 35).

Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

3.º Entre muitas cousas concomitantes da mesma ordem, diminuindo de proposito algumas, posto que grandes, e pondo-as em uma classe inferior para da sua inferioridade se conjecturar a superioridade das outras: Ex. do mesmo Poema (Canto II. Est. 44).

Que eu vos prometto , filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos , e Romanos ,
Pelos illustres feitos , que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

4.º Engrandecendo a difficuldade de uma acção, para se inferir dahi a fôrça dos seus agentes : Ex. (Lusíadas Canto VI. Est. 60).

Não são vistos do Sol do Tejo ao Bactro ,
De força , esforço , e de animo tão forte ,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

5.º Exaggerando a importancia e custo dos meios, para se deduzir a do fim: Lê-se um exemplo em Homero, o qual, para amplificar a belleza de Helena, diz : “ Como é bella! Não deve causar admiração, que dous Imperios se armassem um contra o outro por seu respeito. ”

6.º Engrandecendo o instrumento, para se formar conceito de grandeza de quem o traz, ou emprega : Assim Virgilio pela grandeza do bordão do Cyclope nos faz medir a do seu corpo agigantado : (Eneid. Lib. III. Vers. 659).

Trunca manum pinus regit , et vestigia firmat.
Rége-lhe a mão , e os passos seus lhe firma
De esgalhado pinheiro a hástea extensissima.

§. 6. A Amplificação *por ajuntamento* ou *por congeries* forma-se accumulando vario numero de palavras, ou de orações *synonymas*, não amontoadas ao acaso, mas sempre em tal ou qual ordem : Ex. de Vieira (Serm. Part. I. Colum. 487 : “ Mas que hum cêpo haja de ter a fortuna de cêpo, e vá em achas para o fogo; e que o outro cêpo tão madeiro, tão tronco, tão informe, tão cêpo, como o outro, o haveis de fazer á força homem, e lhe haveis de dar *authoridade*, *respeito*, *adoração*, *Divindade*. ” ——— Forma-se tambem esta especie de Amplificação, accumulando vocábulos, ou orações *synonymas* de modo, que vão subindo de fôrça : como no citado Vieira (Serm. Part. VIII. pag. 5) : “ O vosso amor proprio pede mais vida; e o seu amor de Deos, e o seu zelo pedia mais perigos, mais naufragios, mais dores, mais martyrrios, mais mortes. ”

§. 7. A Amplificação por Comparação é aquella, em que o Orador, sahindo fóra do objecto, de que hia falando, o confronta com outro, ou com outros de uma ordem inferior, ou igual, ou superior. ——— Resultão daqui tres especies de Amplificação por comparação, a saber : de *Menor para Maior*, de *Igual para Igual*, de *Maior para Menor*. Ex. da primeira (Vieira Serm. Part. III. pag. 90) : “ Se todas as vezes que se embarcavão naquelle lago, não se levantava nelle mais um sôpro de vento, que
• vosso coração não fluctuasse nas mesmas

ondas; como o podereis ter seguro, nem quieto, quando os verdes engolfados naquelle mar immenso sempre turbulento, onde tantos fizerão naufragio? »

Ou *Lusiadas*, Canto VI. Est. 31 :

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
 No vosso reino este caminho abriram,
 Bóreas injuriado e o companheiro
 Áquilo, e os outros todos resistiram:
 Pois se do ajuntamento aventureiro
 Os ventos esta injuria assim sentiram;
 Vós, a quem mais compete esta vingança,
 Que esperais? Porque a pondeis em tardança?

§. 8. Na Amplificação por comparação de *Igual para Igual* o Orador, depois de haver proposto um pensamento, ao parecer, igual ao que hia tratando, deve esforçar-se por fazer sobresahir aquelle que pretende amplificar: como se lê em Fr. Heitor Pinto (*Imag. da Vid. Christ. Part. II. Dial. 1.º Cap. 3*): « Dormindo Sansão no regaço de Dálila, lhe cortárão sette guedelhas de cabellos, com que ficou privado da sua força, e foi preso dos Philisteos: assim dormindo nós com o pesado somno do descuido no regaço da falsa confiança, perdemos os sette dões do Espirito Santo, e ficámos fracos, e rendidos a nossos depravados appetites. »

§. 9. Finalmente o terceiro modo de Amplificação por comparação, ou de *Maior para Menor*, faz-se tomando um pensamento maior do que aquelle que intentamos ampli-

ficar, accrescentando a sua grandeza ainda mais por meio da fôrça da Eloquencia, e depois de-o havermos levado ao ponto mais alto, mostrando a fiñal, que ainda assim mesmo é inferior aoque pretendemos amplificar. Ex. dos Lusiadas (Canto IV. Est. 53).

Códro, por que o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo, por que a Patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida:
Este, por que se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida;
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Décios leaes fizerão tanto.

ARTIGO II.

Dos Conceitos agudos ou Sentenciosos.

§. 1. O segundo genero de Conceitos Ora- torios são os *Sentenciosos*, ou simplesmente denominados *Sentenças*, os quaes servem para dar mais graça ao discurso, bem como os antecedentes servem para dar-lhe mais força.

— É a *Sentença*, considerada como gráo do Ornato, um Conceito agudo, ou um pensamento delicado, que em poucas palavras encerra um sentido profundo: tal, por exemplo, a seguinte: “ O sabio deve viver, como pode; caso não possa viver, como deseja. ”

§. 2. A generalidade dos rhetoricos admittem tres especies principaes de *Sentenças*, que denominão; *Gnomas*, *Enthymemas* e

Epiphonemas. — Os *Gnomas* são umas máximas geraes sobre assumpto moral, enunciadas em poucas palavras, as quaes, ainda não sendo applicadas a um caso particular, podem merecer approvação. — Subdividem-se em quatro variedades, que se differençaõ umas das outras ja pelo seu objecto, ja pelas suas partes, ja pela sua forma, ja pela sua extensão. — Cada uma destas admitte ainda uma nova subdivisão, a saber : considerados em quanto ao seu objecto, os *Gnomas* podem ser relativos a *cousa*, ou a *pessoa* : considerados em quanto ás partes, de que constão, são ou *simplices*, ou *compostos* : considerados em quanto á forma, são ou *figurados*, ou não *figurados* : considerados em quanto á sua extensão, ou são *communs*, ou *appropriados*. — Exemplo de *Gnomas* relativos a *cousa* : « A posse é o tumulto do desejo. » — Ex. relativo a *pessoa* : « O sabio tem vergonha dos seus defeitos, mas não tem vergonha de corrigil-os. » — Ex. de *Gnomas simplices* sem serem acompanhados da sua razão : « O desprezo faz morrer a maledicencia. » — Ex. de *Gnomas* acompanhados da sua razão : « Não te contentes de ser virtuoso conforme a lei ; porque ella não pode dizer tudo. » — Ex. de *Gnomas compostos* : « Quem faz sempre o, que quer ; raras vezes faz o, que deve. » — Ex. de *Gnomas não figurados* : « Raras vezes o, que homem deseja, vale o, que ja possui. »

—— Ex. de *Gnomas figurados* : « Se podessemos lêr nos corações dos homens, qual seria a Sociedade, em que estaríamos á nossa vontade? » —— Ex. de *Gnomas communs* : « Fallar pouco, e comer pouco, nunca fez mal a ninguem. » —— Ex. de *Gnomas apropriados* :

Servare te potui, perdere an possim rogas.
Pude salvar-te, e ainda me perguntas
Se acaso poderei tambem perder-te.

Sentença, na Tragedia de Seneca, apropriada por Medêa a Jason da sentença *commua* :

É facil fazer mal, bem é difficil.

§. 3. O *Enthymema*, alem de ser uma fórma de argumentação empregada para provar, como atrás fica dito (Cap. XII. §§. 16, e 18), é tambem uma especie do Conceito sentencioso, que serve para ornar o discurso oratorio; porêem só é Sentença, quando é formado de ideas oppostas, e sobresáhe na elocução pela agudeza e concisão da expressão, e pelo brilho e claridade, que resulta da opposição e contraste das ideas, de que é formado, recalhando sempre sobre cousa ja provada : Tal é a seguinte do Bispo D. Hieronimo Osorio (Carta 1.^a a elRei D. Sebastião) : « Entre préssa e diligencia ha grande differença; porque a diligencia nõ perde occasiõ, e a préssa nõ espera por ella. »

§. 4. Finalmente o *Epiphonema* é uma

H

Sentença, com que se exclama no fim de uma Narração, ou de uma Prova; isto é, uma reflexão fina e delicada feita pelo Orador, ou Escriptor em forma de exclamação sôbre um facto, que acaba de narrar, ou de provar, a qual vem a ser como o resultado de tudo quanto tem dito: Sendo para advertir, que esta especie de Sentenças serão tanto mais bellas, quanto forem mais agudas e curtas. Ex. (Sousa Vida do Arcebispo Liv. II. Cap. 13): « Tanto dano faz nos conselhos estar suspeitada, não só entendida a tenção de quem preside »: e *Lusiadas* (Cant. III. Est. 33).

Tanta veneração aos pais se deve !

Ou Cant. VII. Est. 41 :

**Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos !**

§. 5. Acerca do uso das Sentenças em geral, ou da sua applicação ao discurso oratorio, eis as regras, que convêm nunca perder da memoria: 1.ª O Orador atilado não deve desprezar inteiramente o emprego das Sentenças, mais que tudo quando vir que ellas podem ser uteis ao assumpto, que trata, ou ja por concorrerem para mover os seus ouvintes, ou ja quando por meio dellas se fizer mais recommendavel na sua opinião: 2.ª Todavia não deverá fazer das mesmas Sentenças uso frequente, tendo sempre em

vista, que, se forem muito bastas, farão mal umas ás outras; que pela sua mesma multidão trunçarão a marcha da elocução; que, por mais valente que pareça um modo de dizer frequentemente sentencioso, não poderá deixar de mostrar-se como salpicado de muitas e varias manchas; e em fim que todo o Orador, que andar unicamente na pesquisa de Sentenças, para as introduzir no discurso, de necessidade ha de servir-se de muitas pueris, frias e ineptas : 3.^a Cuidará, em que não sejam claramente falsas : 4.^a Que se não applicuem indiscretamente, isto é, fóra da devida occasião, logar, e assumpto : 5.^a Que não sejam proferidas por quemquér, a saber, por pessoas, que por sua idade, experiencia, e estudo não tenham adquirido a devida autoridade.

CAPITULO XX.

DO ADORNO ORATORIO.

§. 1. O terceiro Gráo do Ornato, denominado *Adorno*, que é o que dá ao discurso oratorio maior lustre e belleza, consiste no accommodado emprego dos *Trópos*, e das *Figuras* da Elocução. — A palavra *Trópo*, que vem do Grego *Tropos* (volta), significa rigorosamente em Eloquencia mudança de uma palavra, ou de uma oração,

H 2

da sua significação propria para outra, resultando daqui algum novo gráo de belleza, ou de valentia ao discurso. — Convém advertir : 1.º Que a significação propria, de que aqui falâmos, é a que ficou apontada em primeiro logar no Cap. XVI. §. 4, isto é, a significação natural e primitiva, donde as outras se derivarão : 2.º Que a mudança, em que consiste o Trópo, nunca deve ser arbitraria, mas sim ter o seu fundamento na Natureza ; fundamento que não pode ser outro, senão a relação natural, que o objecto, do qual se tira o vocabulo, tem com o outro para quem o mesmo vocabulo se transfere : as principaes destas relações são a *similhança*, a *contrariedade*, a *comprehensão*, e a *connexão ou a ordem de seres, ja coexistentes, ja successivos*. Destas relações diversas é pois que se derivarão a maior parte dos Trópos, de que se faz uso na Elocução oratoria ; havendo ainda assim alguns poucos, que, sendo empregados meramente para ornato do discurso, não apresentam uma relação tão manifesta, que os inclua em alguma das quatro apontadas.

§. 2. A tres classes podem ser reduzidos todos os Trópos : 1.ª Trópos, que servem ja para mais vivamente significar, ja para ornar : 2.ª Trópos, que servem unicamente para significar com mais viveza : 3.ª Trópos, que servem sómente para ornar. Na primeira classe entrão a *Metáphora*, a *Allegoria*, a *Ironia*, a *Metonymia*, a *Metaléipse*, a *An-*

onomásia, a *Onomatopéa*, e a *Hypérbole* : A segunda classe comprehende a *Synédoche*, e o *Épitheto* : a terceira em fim a *Periphraze*, e o *Hypérbaton*.

ARTIGO

Da Metáphora.

§. 1. *Metáphora* é a mudança de um nome ou de um verbo da sua significação propria para outra, ou porque falta a palavra propria, ou porque a metaphorica é melhor, do que a propria. Tem este Trópo o seu fundamento na relação de *similhança*, que naturalmente se dá entre dous objectos, a saber, o que é propriamente designado por aquella palavra, e aquelle para designar o qual ella se transfere ou muda. Tal é, por exemplo, a palavra *folha*, que servindo propriamente para significar uma parte da arvore, se emprega metaphoricamente para significar uma parte do livro, pela relação de *similhança*, que entre os dous objectos existe.

§. 2. Por quatro razões podemos servir-nos deste Trópo : 1.^a Por necessidade, isto é, por faltar na Lingua palavra propria para significar uma determinada idea; e tem em tal caso este Trópo o nome particular de *Catachrèse* : 2.^a Por maior expressão do pensamento; como quando dizemos *um homem acceso em ira, inflammado da paixão*, &c. : 3.^a Por decencia, isto é, quando significa-

mos ideas pouco honestas, ou immundas por vocabulos improprios, mas decentes : 4.ª Por ornato, ou por maior belleza ; taes são, por exemplo, as expressões *esplendor do nascimento*, *torrente de eloquencia*, &c.

§. 3. Podem reduzir-se a quatro todas as especies de Metaphoras, a saber : 1.ª Metaphoras, em que ha mudança de *animado por animado*, tal a dos *Lusiadas*. (Canto IX, Est. 70.)

Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixão ir dos galgos alcançando.

2.ª Metaphoras, em que se muda o *inanimado por inanimado*, como a de Diniz (Ode a D. Vasco da Gama, Epodo I.ª).

E do campo salgado
Com cem reinos varrendo immensa parte.

3.ª Metaphoras, em que se emprega o *inanimado pelo animado* : Souza (Vida do Arcebispo, Liv. II. Cap. 30) « Conversado era tudo *brandura*. . . Achavão nelle grandes letras e sciencia sem *inchação*. »

4.ª Metaphoras, em que se põe o *animado pelo inanimado* : (Vieira Serin. Part. I, Col. 285) « Quantos na tempestade bradando ao Ceo, forão *comilões* das ondas? » — Ou Canções (Lusiadas Cant. X. Est. 118),

Chorádo-te, Thomé, o *Gange* e o *Inda*.

§. 4. As Metaphoras podem degenerar em viciosas, por tres razões, isto é, por ca-

cesso, por má escolha, e por dissimilhança? Resultão daqui dez vícios da elocução metaphórica, cinco por excesso, que são as *muito frequentes, as continuadas, as muitas e sempre da mesma especie, as excessivas ou desproporcionadas ao seu objecto ja para mais, ja para menos* : — Tres vícios procedidos da má escolha das palavras metaphóricas, quaes são as *baixas, as sordidas, as meramente poeticas* (quando se tratar de Eloquencia prosaica) : — Dous vícios finalmente nascidos da dissimilhança, a saber, as *inteiramente dissimilhantes, e as violentas ou duras*, por serem tiradas de uma similhança distante, ou vaga. Exemplos frequentes destas Metaphoras viciosas offercem todos os livros escriptos contra as regras do bom gosto litterario.

§. 5. Sem embargo de que a Metaphora seja fundada inteiramente na relação de Similhança, que entre dous objectos existe, e com esta ande sempre estreitamente unida; ha com tudo entre ellas a differença, de que a *Similhança* apresenta desenvolvida a comparação entre o objecto de que se fala, e a imagem que o representa : ao passo que a *Metaphora*, calando aquelle objecto, substitue em logar delle a sua imagem; vindo por consequencia a Metaphora a não ser outra cousa senão uma Similhança exposta em forma compendiosa. — Resulta daqui, que as relações dos objectos, entre os quaes se institue comparação, afim de substituir o no-

me de um para designar o nome de outro, devem ser mais obvias e faceis de perceber na Metaphora, do que as que exige a Similhança; e por consequencia que o modo de adoçar ou abrandar uma Metaphora dura, é convertel-a em Similhança,

ARTIGO II.

Da Allegoria.

§. 1. *Allegoria* é o Trópo, por meio do qual se mostra nas palavras uma cousa diferente, da que se tem no pensamento, empregando todavia, para designar esta ultima, outra, que com ella se assemelhe. É por consequencia o fundamento da Allegoria o mesmo que o da Metaphora, isto é, a relação de similhança, que entre dous objectos existe, e que por isso pode um ser significado pelas palavras do outro: — Com tudo differem estes dous Trópos, 1.º em que na Metaphora a mudança faz-se em duas palavras somente, e na Allegoria em uma série continuada dellas; donde veio o chamar-se a Allegoria uma Metaphora continuada em vario numero de orações: 2.º em que a Metaphora explica-se a si mesma pelas palavras, que andão juntas com ella, e que se tomão em sentido proprio ou litteral; pois quando se diz, por exemplo, que *Achilles era hum leão*, a palavra *Achilles* junta á outra *leão*, determina plenamente o sentido, em que ella é

tomada : na Allegoria porêm o sentido litteral anda, ou pode andar mais distante do tropologico, isto é, a interpretação do sentido allegorico não é indicada por um modo directo, antes se deixa nelle alguma cousa que fazer á penetração dos ouvintes, ou leitores.

§. 2. Ha duas especies de Allegoria, que são : a *total*, em que todas as palavras são metaphoricas ; e a *mixta*, na qual com as palavras metaphoricas, que compõem a sua totalidade, andão misturadas outras tomadas em sentido proprio, e que servem para explicar o sentido das primeiras. Exemplo de uma Allegoria total (*Lusiadas* Cant. VII. Est. 78).

..... Mas ó cego
 Eu, que commetto insano, e temerario,
 Sem vos, Nymphas do Tejo e do Mondego,
 Por caminho tão arduo, longo e vario!
 Vosso favor invoco; que navego
 Por alto mar com vento tão contrario,
 Que, se não me ajudais, hei grande medo;
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

Exemplo de uma Allegoria mixta (*Freire Vida de Castro* Liv. II). « Esta arvore do *Estado*, de cujas ramas pendem tantos troféos ganhados no Oriente, tem as raizes apartadas do tronco por infinitas legoas, convêm que a sustentemos, arrimada na paz de uns, e no respeito dos outros. »

§. 3. Advirta-se que, não obstante o ser a Allegoria em regra geral uma Metaphora

continuada, por ser composta, ao menos na sua totalidade, de palavras metaphóricas; com tudo pode haver algumas vezes Allegoria composta de palavras proprias, as quaes exprimindo uma acção verdadeira ou fingida, esta acção todavia seja figura de outra, que o Orador, ou o Escriptor tem principalmente em vista : taes são os *Apólogos*, e as *Parábolas* (tomado este ultimo vocabulo na sua accepção moral, de factos puramente hypotheticos, que não são do genero das acções, que se pretendem inculcar; mas que tem com ellas tal analogia, que podem facilmente ser concluidas á vista do quadro apresentado). — Os *Enigmas* são tambem especies de Allegoria, nos quaes uma cousa se representa debaixo da imagem de outra, envolvida de proposito em circunstâncias proprias para a fazerem obscura. — Importa finalmente advertir, que, uma vez que se não intente formar um Enigma, é sempre grande vicio na Allegoria a obscuridade demasiada; porquanto deve em todo o caso deixar-se entrevêr o verdadeiro sentido della a travez dos véos, que encobrem o pensamento.

ARTIGO III.

Da Ironia.

§. 1. *Ironia* é um Trópo, em que se usa de uma expressão contraria ao pensamento; sendo por esta razão que alguns rhetori-

cos o designão pelo nome de *Irrisào* : É pois o seu fundamento a relação de opposição ou de contrariedade, que se dá entre dous objectos. — Manifesta-se a Ironia ou pelo tom, com que se fala; visto que ella leva sempre consigo uma especie de escarneo, o qual se dá a conhecer na pronunciação : ou pelo character da pessoa : ou pela natureza da cousa, de que se fala : Pois sendo qual-quer cousa destas diversa das palavras, bem se deixa ver que, aquillo que se quer dizer, é contrario do que se diz. Usando por consequencia deste Trópo, pelas mesmas palavras, com que se faz um elogio, se pode fazer uma satyra, e *vice versa*,

§. 2. Quando a Ironia é acompanhada de um riso insultante, com que se escarnece de uma pessoa infeliz, a qual não pode vingar-se, tem a denominação de *Sarcasmo*. Chama-se *Antiphrase* aquella, com que se indicão as cousas funestas, ou vulgarmente denominadas de máo agouro, pelas suas contrarias. E é conhecida pelo nome de *Euphemismo*, quando serve para adoçar as expressões duras, desagradaveis, ou ainda mesmo pouco honestas, por outras mais macias, mais agradaveis, ou decentes. Ex. de uma *Ironia* (*Lusiad.* Canto VII. Est. 82).

Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

Ex. de um *Sarcasmo*, posto por Virgilio na boca de Turno, quando, depois de haver trespassado com a sua espada a Eumenes, ainda o insulta assim (Eneida Liv. XII. Vers. 359 &c.).

*En agros, et quam bello, Trojane, petisti
Hesperiam metire jacens: hæc præmia, qui me
Ferro ausi tentare, ferunt; sic mœnia condunt.*

Eis, Troiano, medindo estás co' os membros
Campos, e Hesperia, a que aspiraste armado:
Taes premios leva, quem ousou tentar-me
Co' o ferro em punho; taes muralhas érgue.

Ex. de uma *Antíphrase* é a expressão de el-Rei D. João II., quando denominou o *Cabo das Tormentas* *Cabo da Boa Esperança*.

Ex. de um *Euphemismo* é a frase com que dizemos vulgarmente de um homem, que morreo, *que passou a melhor vida*: ou o dos *Lusiadas* (Canto IV. Est. 60).

Porém depois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Ceo sereno.

ARTIGO IV.

Da Metonymia.

§. 1. *Metonymia* é um Trópo, que consiste em se empregar no discurso o nome de um objecto por outro, pela mutua relação de connexão ou de ordem successiva, ou coexistente, que um tem com o outro em a Natureza, ou nas Artes. O fundamento da

Metonymia é por consequencia essa mesma *relação de connexão, ou de ordem*, que se dá entre diversos sêres, considerados uns como coexistentes, outros como successivos : e daqui se deriva tambem a differença, que este Trópo tem dos antecedentes.

§. 2. Ha cinco especies principaes de Metonymias; visto que a cinco tambem se podem reduzir as especies de sêres ou da Natureza, ou da Arte, entre os quaes se dá a relação, que serve de fundamento á Metonymia, que são : a *Causa*, e o *Effeito*; o *Signal*, e a *Cousa significada*; o *Inventor*, e a *Cousa inventada*; o *Possuidor*, e a *Cousa possuida*; o *Continente*, e a *Cousa dentro delle contida* : advertindo, que nas tres primeiras especies de sêres a relação de successão, ou natural, ou de instituição, que entre elles existe, é a que autorisa o uso da Metonymia; e nas duas ultimas especies de sêres quem autorisa igualmente o uso deste Trópo, é a relação de coexistencia e simultaneidade ou natural, ou de instituição, que entre elles se dá.

§. 3. Pelo que haverá Metonymia na Elocução : 1.º Quando se empregar o nome da *Causa* pelo do seu *Effeito*, como nos Lusitadas (Canto VII. Est. 76).

Co' o fogo o *diabolico instrumento*
Se faz ouvir no fundo la dos mares :

ou o nome do *Effeito* pelo da sua *Causa*,
(Id. Canto IX. Est. 7).

Diz-lhe, que vem de gente carregada,
E dos trovões horrendos de Vulcano.

2.º Quando se usar do nome do *Sinal* pelo da *Cousa significada* (Id. Canto X. Est. 160).

Este milagre fêz tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa.

3. Quando se pozér o nome do *Inventor* pelo do seu *Invento*, ou o do *Escriptor* pelo do seu *Escripto* (Id. Canto VII. Est. 75.).

Dos espumantes vasos se derrama
O licór, que Noé mostrára á gente.

(Canto V. Est. 96).

Lia Alexandro a *Homero* de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

4.º Quando se significar o *Possuidor* pelo nome da *Cousa possuida*, como em Diniz (Pindar. Ode I. Epod. 4).

Como da furia do valente braço
Neptuno proceloso
Todo tremeo medroso.

Ou o nome da *Cousa possuida* pelo do seu *Possuidor*, de que é exemplo o logar de Freire (Vida de Castro Liv. II.) « Em Dia não descansavão as armas. »

5.º Quando se pozér o nome do *Continentê* pelo da *Cousa nelle contida*, como lemos em

Vieira (Serm. Part. I. Col. 393). « Teve huma pendencia com certo poderoso, e diz a historia, que contra *huma rua de espadas*, sem fazer pé a traz, se sustentou só com a sua » : ou nos *Lusiadas* (Canto VI. Est. 75).

Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a náu de Coelho com receio.

E Cant. VII. Est. 8. Vers. 7, e 8.

Contigo, *Italia* fallo, ja submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

Ou o *Contido* pelo nome do *Continente* :
(Id. Eglog. VI.)

Vós, Nereidas do *Sal*, em que navego.

ARTIGO V.

Da Metalépsse.

§. I. *Metalépsse*, Trópo que alguns rhetoricos contemplão como especie de *Metonymia*, e outros de *Synédoche*, é aquelle por meio do qual na Elocução se faz uso do nome dos *Consequentes* pelo dos seus *Antecedentes*, ou *vice versa*. — É pois o seu fundamento a relação de *ardem*, que se dá entre uma cousa, que precede, e a que se lhe segue immediatamente. Della se encontra um exemplo na *Lusitana Transformada* de Fernão d'Alvares do Oriente, no qual, querem-

do o poeta significar, que era chegada a noite, designa o *Consequente* pelo *antecedente* com os versos seguintes a pag. 134. da edição do anno de 1781 :

Mas o sol ja, deixando escuro o polo ;
Aos cavallos da bôca solta o freio ,
E o jugo o lavrador aos bôis do colo ;
Diana vem mostrando o rosto cheio :
Vamo-nos pois a recolher o gado.

Designa-se o *antecedente* pelo *consequente* na passagem dos *Lusiadas* (Canto V. Est. 61.) :

*Ja Phlêgon, e Pyrôis vinhão tirando
Co' os outros dous o carro radiante ;
Quando a terra alta se nos foi mostrando ,
Em que foi convertido o grão gigante ;*

para significar, que ja não era noite, pois começava a romper o sol.

ARTIGO VI.

Da Antonomásia.

§. 1. *Antonomásia* é o Trópo, por meio do qual se substitue, em vez do nome proprio de um individuo, outro nome, ou expressão, que particularmente sirva para caracterizal-o. Alguns rhetoricos considerão este Trópo como uma especie de *Metonymia* : Como quer que seja, a *Antonomásia* coincide de alguma sorte com a *Metonymia*, em quanto aquella, assim como algumas vezes

esta, tem por fundamento a relação de ordem coexistente; é porêem de notar, pelo que respeita á Antonomásia, que aquillo que mais privativamente a caracteriza, é a relação do individuo com os seus accessorios.

§. 2. Ha tres especies principaes de Antonomásias : 1.^a Em que se troca o nome proprio pelo patronimico, isto é, derivado dos pais, ou avós; assim designa Camões o nome do primeiro Affonso, Rei de Portugal, pelo nome patronimico de seu pai, o Conde D. Henrique (Lusiad. Canto IV. Est. 16).

Como? não sois vós inda os descendentes
Daquelles que debaixo da bandeira
Do grande *Henriques*, férós, e valentes,
Vencêrão esta gente tão guerreira?

2.^a Em que se troca o nome proprio pelo que designa as qualidades characteristics, e individuaes assim do espirito, como do corpo : Ex. do mesmo Poema (Canto VIII. Est. 5).

Ulysses he quem faz a sancta casa
Á Deosa, que lhe dá lingua facunda.

3.^a Em que, em vez do nome proprio do individuo, se usa de expressões, que designão as acções por que elle se assignala, e distingue dos mais homens : como (Id. Canto V. Est. 44).

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança.

ARTIGO VII.

Da Onomatopéa.

§. 1. A *Onomatopéa* consiste no emprego de uma palavra, ou frase, com que se imita o som natural do objecto, que ella serve para significar : A maior parte dos rhetoricos não mettem a *Onomatopéa* em o numero dos *Trópos*; visto que nella não ha mudança de uma palavra por outra : Com tudo como ella sirva para dar maior expressão, e muitas vezes ornato ao discurso, fins estes por que se faz uso dos *Trópos*; por isso, contemplada por este lado, pode ser de algum modo chamada *Trópo*.

§. 2. Exemplos de *Onomatopéas* offerecem muitas palavras do idioma Portuguez, como são as que servem para designar os sons da voz de diferentes animaes : taes os vocabulos *cacarejar*, *mugir*, *sibilar*, *miar*, &c.; ou o som de varios insectos, quando voão, que se exprime pela palavra *zunir*; ou o do vento brando, que se designa pela de *sussurrar*; ou o de um regato correndo mansamente, que se expressa pela de *murmurar*; ou finalmente o do papel, ou pano, quando se rompem violentamente, que se significa pela palavra *rasgar*, &c. — De *Onomatopéa* offerecem exemplos os *Lusiadas* no Canto I. Est. 89 :

A plumbea pêla mata, o brado espanta,
Ferido o mar retumba, e assovia :

têm assim no Canto IX. Est. 54.

Por entre as pedras alvas se deriva
A sonora lymphá fugitiva.

ARTIGO VIII.

Da Hypérbole.

§. I. *Hypérbole* é um Trópo, por meio do qual exaggerando além dos limites da verdade, se engrandece, ou pelo contrario se encurta um objecto fóra das suas proporções naturaes. A maior parte dos rhetoricos enumerão cinco especies de Hypérboles : 1.^a A *historica*, assim chamada, porque se faz com palavras proprias, e não translatas; sendo por isso que alguns rhetoricos a não contão no numero dos Trópos : Tal é a de Sá de Miranda (Carta V. Est. 56).

Diz S. Paulo, homens errados,
Se os odios entre vós crescem,
Comer-vos-heis aos bocados.

2.^a A que se empréga usando de alguma Comparação e Similhança : como a de Barros (Década VI. Liv. II. Cap. 16). “ Era o desembarcadouro de maneira, que os que houvessem de desembarcar naquelle porto, haviam de pôr as barrigas nas bocas das bombardas. ”

3.^a A que se faz por *Metonymia*, ou por

meio de certos sinaes (Lusiadas Canto VI.
Est. 80).

Vendo ora o mar *até o inferno aberto* ;
Ora com nova furia *ao Ceo subia*.

4.ª A que se faz usando de Metaphoras (Id.
Canto X. Est. 62).

..... cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarello.

5.ª A que exaggera accumulando Hypérbo-
les umas sôbre outras (Idem Canto III.
Est. 103).

*Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fêra, e estranha,
O grão rei de Marrocos conduzio
Para vir possuir a nobre Hespanha :
Poder tamanho junto não se vio,
Depois que o salso mar a terra banha :
Trazem ferocidade, e furor tanto ;
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.*

Pode servir de exemplo de uma Hypérbole
para encurtar ou apoucar, a de Bernardes
(Lima Carta V.).

Mas eu quizera so poder passar
Os baixos da pobreza em tempos taes,
Para de *homens formigas* gracejar.

§. 2. As regras, que devem observar-se
no uso das Hypérboles, para que ellas, em
vez do Ornato, não degenerem em vicio da

Elocução, podem reduzir-se ás tres seguintes : 1.^a As Hypérboles nunca devem ser muito frequentes no discurso ; porque do contrario resultará um modo de dizer frio, e destituido de interesse, por lhe faltar a naturalidade, &c. : 2.^a Nunca deve usar-se de Hypérboles senão para descrever um objecto extraordinario, assombroso, ou nôvo ; pois em tal caso é permittido o dizer mais, ou menos, do que elle é, visto não ser possível o descrevel-o como em realidade seja : 3.^a Ainda que toda a Hypérbole passa os limites da verdade, nunca deve exceder os da moderação ; porque embora a Hypérbole diga o que não é, nunca seja de modo que pretenda enganar mentindo.

ARTIGO IX.

Da Sinédoche.

§. 1. *Sinédoche* é o Trópo, por meio do qual fazemos conceber no espirito de quem ouve, ou lê, mais, ou menos, do que em seu sentido proprio significa a palavra ou frase, em geral, de que nos servimos. É pois o seu fundamento a relação de *comprehensão*, que se dá entre o objecto designado por este Trópo, e o outro que o comprehende, ou que nelle é comprehendido : o que é bastante para marcar claramente a differença entre a *Sinédoche*, e os outros Trópos, que tem por fundamento relações diversas, como são

a *Metáphora*, a *Ironia*, e a *Metonymia*;

§. 2. Usa-se deste Trópo, quando se substitue : 1.º o Todo pela Parte, ou a Parte pelo Todo : 2.º o Plural pelo Singular, ou o Singular pelo Plural : 3.º o Genero pela Especie, ou a Especie pelo Genero : 4.º o Sujeito pelo Attributo, ou o Attributo pelo Sujeito : 5.º o Determinado pelo Indeterminado, ou o Indeterminado pelo Determinado : 6.º a Materia pela Fórma, ou a Fórma pela Materia : 7.º o Abstracto pelo Concreto, ou o Concreto pelo Abstracto, &c.

Ex. de *Synédoche*, que emprega o Todo pela Parte (*Lusiadas* Canto V. Est. 24).

Salta no bordo alvoroçada a gente
Co' os olhos no *horizonte* do Oriente.

Dito da Parte pelo Todo : (*Id.* Canto III. Est. 45.)

A matutina luz serena e fria
As estrellas *do pólo* ja apartava.

Dito do Plural pelo Singular : (*Vieira* Serm. Tomo I. Col. 498.) « Nos *Brasis*, nas *Angolas*, nas *Malacas*, nos *Macãos*, onde o Rei se conhece só por fama, e se obedece só por nome, ahí são necessarios os criados de maior fé, e os talentos de maiores virtudes. »

Dito do Singular pelo Plural : (*Ferreira* Liv. II. Cart. 8.ª).

Dário com seus thesouros poderoso
Rico despojo foi ao *Grego* pobre,
So de honra, so de fama cubiçoso.

Dito do Genero pela Especie : (Caldas Tomo II. Cantat. 1.^a)

Quvi cheios de susto ,
Mortaes, a voz do Deus immenso, e justo.

Dito da Especie pelo Genero : (Diniz Pyn-
dar. Ode XX. Epod. 4.^o)

Ao ver da sua armada a pouca gente ,
Ao fôgo as leves *faias*
Ardiloso entregou, e desta sorte
Aos seus ensina a affrontar a morte.

Dito do Sujeito pelo Attributo : (Lusiadas
Canto V. Est. 98.)

Por isso, e não por falta de natura ,
Não ha tambem *Virgilios*, nem *Homeros*.

Dito do Attributo pelo Sujeito : (Id. Cant. X.
Est. 85.)

Outro corre tão leve, e tão ligeiro ,
Que não se enxerga, he o *MóBILE* primeiro.

Dito do Determinado pelo Indeterminado :
(Diniz Pyn- dar. Ode XXVI. Antistroph. 1.^a)

Sobre as margens do Alphêo *cem carros* tenho
A levar tua fama
Pelas patrias dos ventos
A hum só acêno meu promptos, e attentos.

Dito do Indeterminado pelo Determinado :
(Lusiadas Canto X. Est. 128.)

Naquelle, cuja lyra sonora
Será mais affamada que ditosa.

Dito da Materia pela Fôrma : (Diniz Pyn-
dar. Ode XXIX. Estroph. 6.ª)

Então por longo tempo o Tejo ufano
Fez de seus lenhos acurvar co' o peso
Os hombros do Oceano.

E Sousa na Vida do Arcebispo Liv. III.
Cap. 6 : « Bebêo Artaxerses nas mãos gros-
seiras do lavrador a agoa, que lhe offere-
cêo; jurou; que lhe soubera melhor, que se
a bebêra pelo ouro e christaes dos seus appo-
radôres. »

Dito da Fôrma pela Materia : (Caldas To-
mo II. Ode 3.ª Estroph. 3.ª)

..... ora a avareza
Empunha o sceptro em toda a *Redondeza*.

Dito do Abstracto pelo Concreto : (Lusias
das Canto VI. Est. 65.)

Cáhe a *soberba Inglesa* do seu thrôno.

Dito do Concreto pelo Abstracto : (Caldas
Tom. II. Ode 3.ª Estroph. 1.ª)

Do *homem* a razão minguada e escrava
Não pode descobrir hum culto dino
Daquelle, que o creou, Eute Divino.

ARTIGO X.

Do Epitheto.

§. 1. *Epitheto* é um Trópo, por meio do qual a Elocução ajunta ao nome de qualquer objecto uma idea accessoria de outro objecto, a qual não sendo em rigor propria daquelle a que se ajunta, serve todavia para o modificar, ou ja ornando-o, ou ja communicando-lhe mais energia. — Segue-se desta definição, que os Epithetos quando são proprios do objecto, ao qual se ajuntão, não são Trópos: Pelo que importa advertir que os Epithetos se dividem em *Grammaticos*, e *Oratorios*: os Epithetos Grammaticos servem para significar por uma ou mais palavras uma idea accessoria, que se ajunta a outra, afim de a determinar, modificando-a, e tem propriamente a denominação de *Adjectivos*; porque se empregão, como as proposições incidentes, para modificar o sujeito, ou o predicado da oração, umas vezes determinando ou restringindo a sua significação, outras explicando-a; e é por isso que estes Epithetos são necessarios e indispensaveis á clareza, e justeza do pensamento: pelo contrario os Epithetos Oratorios, como só servem para dar ornato, ou maior fôrça ao discurso, podem tirar-se á oração, sem prejudicar a verdade do pensamento.

§. 2. Visto que os Epithetos oratorios ou

tropologicos servem para dar maior fôrça, ou ornato ao discurso, é claro que serão ociosos e redundantes todas as vezes, que não desempenharem nenhum destes dous fins; elles porém os desempenharão ou enchendo a fantasia de imagens vivas e animadas, ou apresentando ao entendimento noções grandes e luminosas, ou produzindo movimentos no coração. — Para que pois os Epithetos oratorios desempenhem taes fins, faz-se necessario que o Orador os escolha conforme se proposer ou a pintar á imaginação, ou a esclarecer o entendimento, ou a mover a vontade.

§. 3. O ornato, e a energia, que os Epithetos dão ao discurso, é principalmente extrahido das Metáphoras, e em gráo pouco menos inferior das Metonymias: depois destes dous Trópos, as Ironias, as Synédoches, e as Hypérboles subministrão tambem á Eloquentia alguns Epithetos, posto que menos frequentes, e menos energicos; devendo todavia accrescentar-se, que os derivados das Hypérboles servem pelo ordinario de grande ornato ao discurso.

§. 4. Exemplo de Epithetos metaphoricos: (Freire Vida de Castro Liv. I. no principio) « Passou os primeiros annos *cultivados* nas letras, e virtudes.... sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia *mister torcido*, senão *encaminhado*. »
Dito metonymico: (Lusiadas Canto III. Est. 83.)

A *pálida* doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido.

Dito irónico : (Hyssope Canto VII. Verso 159.)

Tu também, grosso Silva, *lustre e gloria*
Da tua Patria, antiga Torres-Vedras.,

Dito Synedóchico : (Lusiadas Canto VIII. Est. 41.)

E como a seu contrario natural,
À pintura, *que falla*, querem mal.

Dito Hyperbolico : (Id. Canto II. Est. 36.)

Os crespos fios de ouro se *esparziam*
Pelo cóllo, que a *neve escurecia*.

ARTIGO XI.

Da Periphrase.

§. 1. *Periphrase* ou circuito de palavras, que vale o mesmo, é uma especie de Trópo, com que se exprime por muitos vocabulos uma cousa, que se podia dizer em um só, ou em poucos. Duas são as razões, por que na Elocução se usa de Periphrases : 1.^a A *necessidade*, como, por exemplo, para encobrir ideas obscenas e sordidas, ou para adoçar por meio de Euphemismo ideas tristes, duras, ou de qualquer modo desagra-

daveis : 2.^a A *utilidade*; isto é, para com ellas promover o deleite, e ainda a força, por meio do ornato que dão ao discurso.

§. 2. Por tres formas podem as Periphrases servir de ornato ao discurso : ——— 1.^a Pintando os objectos com distincção e clareza, o que muitas vezes se não pode fazer, significando-os pela simples palavra, que corresponde á sua idea; por indicar talvez essa palavra sim todas suas qualidades, mas confusamente : ——— 2.^a Dando mais energia ao pensamento; porquanto a Periphrase desenvolve certas ideas accessorias e particulares do sujeito, e do predicado da proposição, sobre as quaes se funda a verdade e a força desta : ——— 3.^a Offerecendo debaixo de uma imagem e forma ou graciosa, ou nobre certas cousas triviaes e commuas, que o discurso ordinario enunciaria com maior simplicidade. sim, porém de um modo secco e vulgar. ——— Como a Periphrase tem por fim ou a decencia, ou o ornato, ou ainda mesmo a força; todas as ideas accessorias, que nella entrão, devem cooperar para algum destes fins. Daqui se infere, que, todas as vezes que isto se não verificar na Periphrase, esse modo de elocução será vicioso, isto é, será uma verdadeira *Perissologia* : (Vid. Cap. XVI. §. 5.)

§. 3. Exemplo de Periphrases por necessidade, para encobrir ideas obscenas, ou sequer deshonestas : (*Lusiadas* Canto II. Est. 37.)

Com delgado sendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo.

Dita por necessidade, para adoçar por meio
do Euphemismo ideas tristes : (Id. Canto III.
Est. 28.)

Forçado da fatal necessidade
U espirito deo, a quem lh'o tinha dado.

Dita por utilidade, para pintar com mais
distincção e clareza : (Id. Canto II. Est. 10.)

Mas aquelle que sempre a mocidade
*Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis.*

Dita para dar maior energia ao pensamento :
(Id. Canto III. Est. 136.)

O concerto fizerão duro e injusto
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

Dita para ornato com graça : (Id. Canto IX.
Est. 24.)

No carro ajunta as aves, que na vida
*Vão da morte as exequias celebrando ;
E aquellas, em que foi ja convertida
Peristera, as boninas apanhando.*

Dita para ornar com nobreza : (Id. Canto
III. Est. 97.)

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
*O valeroso officio de Minerva ,
E de Helicon, as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil erva.*

ARTIGO XII.

Do Hypérbaton.

§. 1. O *Hypérbaton* ou Transposição é uma especie de Trópo, por meio do qual uma palavra se muda do seu logar proprio e habitual para outro. Consiste por consequencia o *Hypérbaton* na separação de ideas, as quaes se não deverião separar, uma vez que a isso não fosse obrigada a Elocução, 1.º por causa do som desharmonioso, que resultaria de certa união de palavras : 2.º por causa da maior elegancia, e talvez energia, que dahi provém ao discurso. — Deduz-se desta doutrina, que o *Hypérbaton* se emprega mais que tudo para ornato da Elocução; e que sómente pode ser autorizado o seu uso, quando da ordem habitual das palavras resultar ou uma oração aspera e dura, ou menos elegante e energica, do que deve ficar com aquella transposição.

§. 2. Entre as diversas especies de *Hypérbatons*, usados na lingua Latina, aquelle, de que se faz emprego frequente na elocução Portugueza, é o que divide e separa não uma só, mas duas ou mais palavras, as quaes, ainda que diversas, são correlativas, ou por concordarem entre si, ou porque uma rége a outra : Tal é, por exemplo, a de Paiva d'Andrade (Serm. Part. II. pag. 102).
 « De preverter a ordem das cousas, e leva-

*rem ás vezes ao fundo o proveito publico
respeitos particulares, e fazer siso de accomo-
modar as cousas a pretensões, nascem todas
as injustiças, e todos os males » : ou a de
Diniz (Pyndar. Ode XXX. Estroph. 6.^a).*

E à, que os olhos me cerca, triste treva.

Nóte-se porém, que o Hypérbaton, quando, em vez de communicar mais ornato ao discurso, géra antes nelle ambiguidade e confusão, degenéra em vicio da Elocução; e é o mesmo que no Cap. XVI. §. 5 ficou designado pelo nome de *Synchyse*: Tal será talvez o de Camões: (*Lusiadas* Canto III. Est. 94.)

..... que em terreno.
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

CAPITULO XXI.

DAS FIGURAS ORATORIAS.

§. 1. *Figura* na linguagem da Eloquencia é uma forma de elocução apartada do modo commum de falar, ou do que primeiro occorre a qualquer no estado tranquillo e ordinario da alma: Definindo-a mais extensamente, é uma forma de expressão, com que o Orador accrescenta com as palavras, e com o tom da voz á enunciação simples e logica

do pensamento ideas accessorias, que o fazem mais vivo, interessante, pathetico, ou agradavel.

§. 2. Quintiliano faz duas classes de Figuras, umas *de pensamentos*, outras *de palavras*: as primeiras não dependem do material, mas do racional da expressão; e por isso, ainda que se mudem ou transponhão as palavras, permanece sempre a Figura: as segundas consistem todas ou no som material, ou na disposição local dos vocabulos; donde resulta que nellas se não podem mudar ou transpôr as palavras, sem se alterar a Figura. — Começando pelas Figuras de pensamento, subdivide-as em outros tantos generos, quantos são os officios do Orador, ou os meios por elle empregados para obrar a persuasão, unico fim da Eloquencia, na opinião de Quintiliano, a saber *o provar, o mover, e o recrear.*

SECÇÃO I.

DAS FIGURAS DE PENSAMENTO.

ARTIGO I.

Figuras de pensamento para convencêr.

§. 1. Podem reduzir-se a oito as Figuras de pensamento, empregadas para convencêr; que são: *Interrogação, Resposta, Preterição, Prolépse, Perplexidade, Communicação,*

Suspensão, e *Permissão*, que passamos a definir, e a exemplificar.

§. 2. A *Interrogação*, considerada como Figura da Elocução, é aquella que se faz não para saber alguma cousa, mas para instar e intimar mais o que se diz; de maneira que, não obstante uma tal Figura pareça exprimir a ignorancia do que se pergunta, isso todavia não passa de uma méra ficção: Tal é a de Vieira (Serm. Part. I. Col. 543). « E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro, quem o ha de restituir? Quem ha de restituir o dinheiro, a quem gasta o dinheiro, que não tem? Quem ha de restituir as passadas, a quem dá as passadas, que não pode? Quem ha de restituir o tempo, a quem perde o tempo, que havia mister? » — Excellentes exemplos desta Figura se encontram nos *Lusiadas* Canto VII. Est. 6, 7, 8, 9, &c. (*).

§. 3. A *Resposta* é um genero de Figura, que tem lugar, quando perguntado alguem por alguma cousa, responde outra, porque lhe é mais util; ou, por exemplo, para aggravar uma imputação, como quando uma testemunha perguntada — *Se tal sujeito foi sustigado pelo réo?* responde — *e innocente*: ou para desviar de si um crime, como quando se pergunta — *Mataste este homem?* — responde — *um ladrão*: — *Apossaste-te deste predio?*

(*). Vide no fim do Vol. Exemplo IV.

—— responde —— *do que era meu.*

—— São especies das duas Figuras antecedentes : 1.^a Aquella com que o Orador pergunta a si mesmo, e passa logo tambem a dar a resposta : Tal é a de Cicero (pro Ligario §. 7.) *Apud quem igitur hæc dico? nempe apud eum, qui cum hoc sciret, tamen me, antequam vidit, Reipublicæ reddidit.*

« Mas perante quem estou eu dizendo isto ! Sim perante aquelle mesmo, que, sabendo-o perfeitamente, com tudo, antes que eu chegasse á sua presença, me restituiu á Republica. » —— 2.^a Aquella, com que o Orador faz a pergunta a outra pessoa, e sem esperar pela resposta, a ajunta immediatamente, Figura esta que tem o nome de *Subjectio*: Assim Vieira (Serm. Tom. VIII. pag. 194). « Quem são os ricos neste mundo ? os que tem muito ! Não ; porque quem tem muito, deseja mais, e quem deseja mais, falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre. »

. —— E Camões Lusiad. Cant. IX. Est. 80 :

Pôens-te da parte da desdita minha ?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.

Levas-me hum coração, que livre tinha ?

Solta-mo, e correrás mais levemente.

Não te carrega essa alma tão mesquinha,

Que nesses fios de ouro reluzente

Atada levas ? Ou depois de prêsa

Lhe mudaste a ventura, e menos pesa ?

§. 4. *Preterição* é a Figura, com a qual o Orador, prevenindo que não quer falar só-

bre certa cousa, sem embargo disso a vai dizendo : Como a que se lê no Bispo D. Hieronimo Osorio (Carta I. a elRei D. Sebastião sôbre a Jornada de Africa). « Não falo dos juros, que fidalgos têm vendido, nas joias empenhadas, nas lagrymas das mulheres, na pobreza da Gente nobre, na miseria dos que pouco podem. Gaste-se tudo, e consuma-se por serviço de DEUS e de VOSSA ALTEZA ; mas seja em tempo que aproveite. »

§. 5. *Prolépsé* é a Figura, de que se serve o Orador, quando previne alguma objecção, que se lhe pode fazer : Ex. de Vieira (Serm. Part. I. Col. 546). « Dir-me-heis que não ha com que despachar, e com que premiar a tantos : Por essa escusa esperava. Primeiramente elles dizem, que ha para quem quereis ; e não ha para quem não quereis. Eu não digo isso . . . »

Ex. de Camões *Lusiad.* Cant. VI. Est. 38 :

E não consinto, deoses, que cuideis
 Que por amor de vós do Ceo desci ;
 Nem da magua da injuria, que soffreis,
 Mas da que se me faz tambem a mi ;
 Que aquellas grandes honras, que sabeis
 Que no mundo ganhei, quando venci
 As terras Indianas do Oriente,
 Todas vejo abatidas desta gente.

§. 6. *Perplexidade* é a Figura, com que o Orador se finge duvidoso donde ha de começar, ondê acabar, que cousa ha de dizer, ou deixar de dizer ; por este modo elle tira ao seu discurso o ar de premeditação, e o

faz por consequencia mais crível; e excita a attenção, pondo em agitação o espirito dos seus ouvintes por meio destas suppostas duvidas : Cicero (pro Cluentio §. 4). *Equidem, quod ad me attinet, quo me veritam nescio. Negem fuisse illam infamiam iudicii corrupti...?* &c. « Certo, quanto a mim, não sei para onde me volte. Acaso negarei a existencia daquella infamia de um julgamento peitado...? »

§. 7. *Comunicação* ou *Consulta* é uma Figura por meio da qual o Orador, fingindo que os seus embaraços, deliberações, e conselhos lhe são communs com outras pessoas, por exemplo, com as pessoas dos seus ouvintes, qualquer que seja a Assembléa perante a qual esteja orando, consulta com ellas ácerca do modo, por que se ha de haver naquelle caso : Vieira (Serm. Tom IV. pag. 81). « Que dizeis pois nestes dous casos? Tendes por mais difficuloso o amor dos inimigos, ou o odio dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrecer aos que vos amão? »

§. 8. *Suspensão* é uma Figura, por meio da qual o Orador, depois de ter por algum tempo suspensos os seus ouvintes, fazendo-os esperar cousas menores, do que talvez presumião, ajunta uma cousa maior; ou *vice versa*, fazendo esperar cousas grandes, ajunta alguma, que o não é : Um exemplo do primeiro modo desta Figura é a passagem da Verriana V. §. 11, onde Cicero diz aos juizes : *Quid deinde? quid censetis? furtum fortas-*

se, aut prædam expectatis aliquam. Nolite usquequaque eadem quærere.... Expectate facinus, quam vultis improbum; vincam tamen expectationem omnium. Nomine sceleris conjurationisque damnati, ad supplicium traditi, ad palum alligati, repente, multis milibus hominum inspectantibus, soluti sunt, et Leonidæ illi domino redditi. « O que se seguiria depois? o que pensais vós? talvez esperéis um furto, ou alguma nova rapina. Não conteis encontrar sempre as mesmas cousas... Contai com a maldade mais infame, que imaginar poderdes: Excederei todavia a expectação universal. Aquelles mesmos, que por crimes atrozes, até pelo da conjuração se achavão condemnados, votados ao supplicio, e ja presos ao pelourinho, eis de repente, em presença de muitos milhares de espectadores, fôrão sôltos, e entregues ao bem conhecido seu senhor Leonidas. » ——— Pode servir de exemplo do segundo modo desta Figura o logar do mesmo Orador no exordio da Oração *pro Ligario* logo no principio, onde por uma Ironia admiravel fazendo esperar um crime novo, e até então inaudito, *Novum crimen, C. Cæsar, et ante hunc diem inauditum*; conclue, que esse crime era o ter estado Q. Ligario na Africa, *Q. Ligarium in Africa fuisse.*

§. 9. *Permissão* é uma Figura, que tem quasi a mesma origem, que a Communicação, de que tratámos no §. 7; pois tanto n'uma, como n'outra mostra o Orador gran-

de confiança no que sustenta, confiança esta que é de grande peso, quando se trata de provar : Consiste a Figura *Permissão* em deixar o mesmo Orador ao arbitrio dos seus ouvintes, e ainda dos seus proprios adversarios algumas cousas, para elles as decidirem : Usando desta Figura, diz Vieira (Serm. Tom. IV. pag. 70). « Antes de resolver a questão, disputemol-a primeiro, e ouvi com attenção o que allegar por uma e por outra parte; porque vós haveis de ser juizes. »

ARTIGO II

Figuras de pensamento para mover.

§. 1. As principaes Figuras de pensamento, empregadas para mover o coração, são sete, a saber : *Exclamação*, *Parrhésia*, *Prosopopeia*, *Apóstrophe*, *Hypotypose*, *Aposiopése*, e *Ethopcia*.

§. 2. *Exclamação* é uma Figura, que serve para exprimir os transportes vivos, e subitos de qualquer paixão violenta ; Caracterisção consequentemente este genero de Figuras uma expressão : 1.º interrompida, e interjectiva : 2.º curta, e truncada : 3.º acompanhada de um tom de voz alto, e vivo, que é como o grito da alma, que desahafa a sua paixão : Tal é, por exemplo, a de Camões (*Lusiadas* Cant. I. Est. 105).

Oh grandes, e gravissimos perigos!
Oh caminhó de vida nunca certo!

§. 3. *Parrhésia*, a que outros chamão *Licença*, é uma Figura, pela qual, fingindo o Orador falar livremente, e mais do que parece é permittido, e conveniente, chega a um fim, aonde não parecia dirigir-se; como, por exemplo, quando debaixo de uma reprehensão amarga occulta um louvor fino, e delicado, ou outro fim differente do da verdadeira liberdade: Cicero usou desta Figura na Oração a favor de Ligario, para mostrar a Cesar, que o crime do seu cliente era muito menor, do que o commettido pelo mesmo Cicero, do qual todavia ja havia obtido perdão, dizendo (pro Ligario §. 7.) *Suscepto bello, Cæsar, gesto etiam ex magna parte, nulla vi coactus, judicio ac voluntate ad ea arma profectus sum, quæ erant sumpta contra te.* “Emprehendida a guerra, ó Cesar, até ja feita em grande parte, sem que fosse violentado por pessoa alguma, e só por minha propria deliberação e vontade, marcheí a unir-me áquelles exercitos, que se achavão armados contra ti.”

§. 4. *Prosopopeia* ou *Personificação* é uma Figura, com que o Orador introduz ficticiamente a falar pessoas verdadeiras; ou mais propriamente, com que attribue sentimento, vida, e racionalidade a sêres, a quem estas qualidades não competem. — Ha tres especies de Prosopopeias: — 1.ª Introducção ficticia no discurso de pessoas a falar ou consigo mesmas, ou com o Orador, ou umas com outras; especie de Prosopopeia

dênominada *Dialogismo* : ——— 2.^a Introducção de falas do verdadeiro Deus, ou das divindades do Paganismo, ou ainda de pessoas já fallecidas, e para assim dizer, evocadas do tumulo; a que se dá o nome de *Idolopeia* : ——— 3.^a Introducção de sêres insensíveis, ou physicos, ou moraes, falando, e escutando, como se fossem dotados de sentimento, de vida, e de racionalidade; a que se dá propriamente o nome de *Prosopopeia*. ——— Convêm observar, que, com quanto esta Figura tenha um uso mais proprio na linguagem poetica, do que na prosaica, com tudo não é excluida desta, uma vez que seja empregada com muita mais reserva e delicadeza; visto que a imaginação não tem aqui tanta liberdade, como na poesia : não devendo nunca esquecer, que as Prosopopeias são os derradeiros esforços da Eloquencia, e que, para se sahir bem delles, não basta um genio ordinario; pois se o Orador fraquear na sua tentativa, e não chegar a commover com este artificio, pode ficar certo de que se fará ridiculo. ——— Lê-se um exemplo da *Prosopopeia Dialogismo*, na qual se introduz ficticiamente uma pessoa falando consigo mesma, nos *Lusiadas* (Canto I. Est. 74, 75, e 76). (*) ——— Exemplo da *Prosopopeia Dialogismo*, em que se introduzem diferentes pessoas falando umas com outras, offerece o Poema *Hyssope* (Can-

(*) Vide no fim do Vol. Exemplo V.

to III.) no dialogo do Bispo com os seus familiares (*), (Canto IV.) no dialogo entre o Deão e o advogado Fernandes, (Canto V.) no dialogo entre o mesmo Deão e os Padres Capuchos, &c. — Exemplo da *Prosopopeia Dialogismo*, e simultaneamente *Idolopeia*, em que se introduz um morto falando com o Orador (Vieira Serm. Tom. III. pag. 492) no celebre Sermão contra os Hollandezes, onde o Orador faz falar assim a Job : “ Pequei, que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Job, a Deos em peccar? Não lhe fiz pouco; por que lhe dei occasião a me perdoar, e perdoando-me ganhar muita gloria. Eu dever-lhe-hei a elle, como a causa, a graça que me fizer; e elle dever-me-ha a mim, como a occasião, a gloria que alcançar. ” — Exemplos de *Idolopeia*, em que apparecem deoses do Paganismo falando uns com os outros, offerece o Poema dos Lusíadas (Canto I. Est. 24 até 30; e Canto IX. Est. 37 até 44) (**), &c. — Exemplo de *Prosopopeia* propria, em que falão sêres Moraes insensiveis, apresenta o Poema Hyssope (Canto I.) nos discursos do Genio tutelar das Bagatellas, da Excellencia, da Senhoria, &c. (***). — Da *Prosopopeia*, em que falão sêres physicos insensiveis, attribuindo-se-lhes vida e racionalidade, offerece

(*) Vide no fim do Vol. Exemplo VI.

(**) Vide no fim do Vol. Exemplo VII.

(***) Vide no fim do Vol. Exemplo VIII.

differentes exemplos Camões nos *Lusiadas*; tal é o discurso, posto pelo Poeta na boca do rio Ganges, a elRei D. Manoel (Canto IV. Est. 73, e 74) (*), &c. — Importa advertir, que, quando as *Prosopopeias* proprias poderem parecer demasiadamente atrevidas, deverão modificar-se, ou por algum modo corrigir-se, do que nos dá exemplo Camões (*Lusiadas* Canto IV. Est. 92).

Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade.

§. 5. *Apóstrophe* é a Figura, por meio da qual o Orador aparta o discurso da pessoa ou pessoas, a quem elle é naturalmente dirigido, para falar com outras ou presentes, ou ausentes, ou mortas, ou ainda com seres insensíveis: É de advertir, que o apostrophar as cousas insensíveis é como attribuir-lhes as qualidades de pessoas, quaes são a vida, a acção, o sentimento, e a racionalidade; e neste caso a *Apóstrophe* leva junta consigo a *Prosopopeia*. — Ex. de *Apóstrophe* dirigida a pessoa presente, (Cicero *pro Ligario* §. 9.) *Quid enim, Tubero, destrictus ille tuus in acie Pharsalica gladius agebat*: « Que fazia pois, ó Tuberão, aquella tua espada desembainhada na batalha de *Pharsalia*? » — Ex. da mesma Figura dirigida a ausentes, (Vieira *Serm.* Tom. III. pag. 349.) « Reis, e Principes mal servidos,

(*) Vide no fim do Vol. Exemplo IX.

se quereis salvar a alma, e recuperar a fazenda, introduzi sem exceção de pessoa as restituições de Fr. Theodorico. Saiba-se com que entrou cada hum, o de mais torne para donde sahio, e salvem-se todos....” — Ex. de Apóstrophe dirigida a mortos (Bernardes Egloga 1. Lima)

Adonis, se no Ceo chôro se estima;
Se la sobem acima
Suspiros messageiros da vontade,
Recebe-os, que te manda a saudade
De quem tão de verdade
Da tua vida chôra o rôto fio (*).

Ex. de Apóstrophe dirigida á Divindade (Lusiadas Canto V. Est. 38.)

Ó Potestade, disse, Sublimada,
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta;
Que mór cousa parece que tormenta?

Ex. de Apóstrophe dirigida a objectos insensíveis, e levando por consequencia junta consigo a Prosopopeia : (Bernardes Eglog. IV. Lima)

Plantas, se em vós de amor lembrança mora,
Plantas, ja vós amastes, tende magoa
De quem tantas d'amor padece agora.

§. 6. *Hypotypose*, ou *Enargueia*, ou *Representação ocular*; como lhe chama Cicero,

(*) Vide no fim do Vol. Exemplo X.

é uma Figura, com que se pinta qualquer objecto tão vivamente, que mais parece ver-se, do que ouvir-se ou ler-se, e isto porque se não narra simplesmente uma cousa feita, ou como se ha de, ou pode fazer; mas porque se mostra, para assim dizer, aos olhos o como foi, ha de, ou pode ser feita, não em grosso, mas por partes. — Daqui se deixa ver, que esta Figura não differe de sorte alguma da segunda especie de Enargueias, comprehendidas no primeiro genero de Pinturas, de que atrás tratámos no Cap. XVIII. Art. 1.º. — Lêm-se em Camões varios exemplos desta Figura; delles porêm os mais perfectos são talvez os dous seguintes: 1.º (Lusiadas Canto II. Est. 27).

Assi como em selvatica alagôa
 As rãas, no tempo antigo Lycia gente,
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fóra da agua incautamente,
 Daqui e dalli saltando o charco soa,
 Por fugir do perigo que se sente;
 E acolhendo-se ao couto que conhecem,
 Sós as cabeças na agua lhe apparecem.

2.º (Canto V. Est. 19, e 20). &c.

§. 7. *Aposiopese*, a que Cicero dá o nome de *Reticencia*, e outros o de *Interrupção*, é uma Figura, que rompe a oração, deixando-a incompleta. Dous exemplos se encontram desta Figura nos Lusiadas, a saber no Canto II. Est. 41.

Mas mouro em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui . . . E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes.

E no Canto VII. Est. 78.

Hum ramo na mão tinha . . . Mas ó cego
Eu , que commetto insano , e temerario.

É de advertir, que as frases interrompidas por meio desta Figura são as mais das vezes a linguagem propria dos transportes da paixão, que precipita as ideas, e com a pressa as não deixa acabar á lingua, muito vagarosa nestes casos para acompanhar a rapidez do pensamento.

§. 8. *Ethopeia*, assim chamada do grego *éthos* (genio, character), e *poieó* (pintar); ou *Mimésis*, do grego *mimeomai* (imitar), é uma Figura, que serve para retratar os costumes de qualquer pessoa, e que por isso se dirige frequentes vezes a mover os affectos brandos. — Ella pode fazer-se ou pintando os factos, e neste caso tem muito parentesco com a Hypotypose; ou referindo os ditos, ja introduzindo por meio da Prosopopeia a falar as pessoas segundo as suas ideas, costumes, e paixões, afim de as caracterisar; ja repetindo os seus mesmos discursos, com que se dão a conhecer; como nos *Lusiadas* (Cant. VI. Est 36) :

Que Tethys indignada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou.

—— Quando a *Ethopeia* pinta os costumes, paixões, e sentimentos do homem em geral, tem a denominação especial de *Character*; quando porém a pintura é individual e particular, chama-se *Retrato*. —— A *Fala*, que Camões põe na boca do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, (*Lusiadas* Canto IV. Est. 15 até 19.) pinta fielmente o character animoso, e independentemente honrado, que a *Historia* lhe attribue (*). —— Todo o Poema *Hyssope* está cheio de bellissimas *Ethopeias*, tal, por exemplo, a do Canto I., em que o Poeta pinta o character de fatuidade do Bispo d'Elvas D. Lourenço de Lancastre, pondo esta pintura na boca do Genio tutelar das *Bagatellas*: O character folgazão do Deão Lara é retratado magistralmente pelo mesmo Poeta nos versos do principio do Canto IV., postos por este na boca do *Prebendado* (**): Sôbre todas é perfeitissimamente acabada a pintura, que no Canto V. faz o Poeta do Padre Jubilado Capucho, com quem o Deão entreteve larga conversação no jardim do Convento, a qual é como se segue:

O Padre Mestre, vendo-se obrigado
A recontar de Ulyses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recordal-os,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Sacca, nas espalmadas mãos o tende,

(*) Vide no fim do Vol. Exemplo XI.

(**) Vide no fim do Vol. Exemplo XII.

Em ambas xopesado o leva á pença ;
 Com' strondo se assoa, e dobrado o colhe :
 D' esturro então sorvida uma pitada,
 O habito saccode, aos sobacos
 Alça o cordão, arrocha-o na casola,
 E de papo ao Deão assim responde.

ARTIGO III.

Figuras de pensamento para deleitar.

§. 1. As Figuras mais proprias para deleitar são indubitavelmente as de palavras; isto não obstante alguns rhetoricos mencionão duas especies de Figuras de pensamento causadoras de deleite na Elocução pelo ar de novidade, de extemporaneidade, e de variedade, que dão ao discurso, fazendo-o parecer simples, não premeditado, e por consequencia mais crível, e persuasivo. A primeira destas especies de Figuras é denominada *Correcção*, Figura com que o Orador mostra arrepende-se do que tem dito, e da qual usou Cicero, por exemplo, na *Verrina III. §. 43*; *Imprudens huc incidi, Judices; emil enim, non abstulit: Nollem dixisse. Jactabit se, et in istis equitabit equuleis*: « Cali aqui imprudentemente, ó Juizes; pois elle comprou, não furtou: Eu quereria não ter dito isto. Porquanto, tirará daqui fundamento para se gloriar, e cavalgará nestes potrinhos. »

§. 2. A segunda especie destas Figuras é a chamada *Anamnésis*, empregada pelo Ora-

dor quando finge que se lembra de repente de uma coisa, que lhe hia esquecendo : Tal é a de Vieira (Serm. Part. VIII. pag. 215.) « Agora me lembra huma notavel circumstancia da historia de Malaca, quando havia de partir a Armada contra os Achens... »

SECÇÃO II.

DAS FIGURAS DE PALAVRAS.

Dividem os rhetoricos as Figuras de palavras em tres generos : 1.º Figuras, que se fazem por accrescentamento de palavras : 2.º Figuras, que se fazem por diminuição : 3.º Figuras, que se fazem por consonancia, symmetria, e contraposição das mesmas palavras.

ARTIGO I.

Figuras por accrescentamento de palavras.

§. 1. As Figuras de palavras por accrescentamento podem reduzir-se a quatorze, a saber : *Reduplicação, Separação, Anáphora, Epístrophe, Simploce, Anáphora alternada, Ploce, Epanalépse, Epánodos, Polypτόton, Anadiplosis, Exergásia, Polysyndeton, e Climax.*

§. 2. *Reduplicação* é a Figura, que repete seguidamente a mesma palavra. — Dous são os fins principaes, por que se usa desta Figura : 1.º Para amplificar : (Lusiadas Canto II. Est. 61.)

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece;
Dizendo : *Fuge, fuge*, Lusitano;

nestes, e outros exemplos semelhantes a primeira palavra da Figura indica a cousa ou a acção; e a segunda a assevera, accrescentando á primeira uma idea nova e accessoria, pela qual a alma se fixa no objecto, que mais a interessa : 2.º Para exprimir mais vivamente alguma paixão : (Id. Canto III. Est. 84).

Que sempre no seu reino chamarão
Afonso, Afonso, os éccos, mas em vão.

§. 3. A Figura *Separação* ou *Diácope* faz-se repetindo tambem a mesma palavra, mettendo-lhe porêm de permeio outra ou outras differentes : (Id. Canto II. Est. 65.)

Dai vellas, disse, *dai* ao largo vento.

§. 4. A *Anáphora* emprega-se repetindo a mesma palavra no principio de muitas orações seguidamente, para intimar com mais fôrça o pensamento, fixando sôbre elle a attenção dos que ouvem, ou lêem : (Vieira Serm. Parte I. Col. 646.) “ *Divertia-os* a ambição, *divertia-os* o interesse, *divertia-os* a soberba, *divertia-os* a authoridade e ostentação propria. ”

§. 5. A *Epistrophe* é a Figura, com que se repete a mesma palavra no fim de muitas

L

orações : (Fr. Heitor Pinto Imag. da Vida Christ. Part. II. Dial. 1.º Cap. 24.) « *Gastos largos*, esperanças do mundo *largas*, vaidades *largas*, consciencias *largas*, com apertos, e estreitezas se hão de castigar. »

§. 6. A *Simploce* repete a mesma ou as mesmas palavras no principio, e no fim de muitas orações : (Vieira Serm. Part. I. Col. 638.) « *Andais* buscando a honra com olhos de lynce ; e sendo que para a verdadeira honra não ha mais que hũa porta (que he a virtude), *ninguem atina com a porta. Andais-vos* desvelando pela riqueza com mais olhos que um Argus ; e sendo que a porta da riqueza não he accrescentar fazenda, senão diminuir cubiça, *ninguem atina com a porta. Andais-vos* matando por achar boa vida ; e sendo que a porta direita, por onde se entra á boa vida, he fazer boa vida, *ninguem atina com a porta. Andais-vos* cançando por achar o descanso ; e sendo que não ha, nem pode haver outra porta para o verdadeyro, e seguro descanso, senão accomodar com o estado presente, e conformar com o que Deos he servido, *não ha quem atine com a porta.* »

§. 7. *Anaphora alternada* consiste na repetição revezada das primeiras palavras de diferentes orações, correspondendo umas ás outras, qual a que se encontra em alguns Parallelos, e Comparações : Pode servir de exemplo o logar de Cicero, (pro Muræna §. 22.) onde nas pessoas de dous contendo-

res ao Consulado, Murena militar, e Sulpicio juriconsulto, faz o paralelo de um General com um Jurista, a fim de ridiculisar este comparado com aquelle : *Vigilas tu de nocte, ut tuis consultoribus respondeas ; ille ut éo, quo intendit, mature cum exercitu perveniat : te gallorum ; illum buccinarum cantus exsuscitat : tu actionem instituis ; ille aciem instruit : tu caves ne tui consullores ; ille ne urbes, aut castra capiantur : ille tenet, et scit, ut hostium copiæ ; tu ut aquæ pluvie arceantur ; ille exercitatus est in propagandis finibus ; tu in regendis : « Tu vigias de noite para poderes dar resposta aos que te consultão ; elle para chegar mais a tempo com o seu exercito ao lugar aonde deve conduzil-o : a ti o cantar dos gallos ; a elle acordão-no os sons das trombetas : tu pões uma acção em juizo ; elle ordena um exercito em batalha ; tu acautellas as tuas partes para que não sejam pilhadas ; elle toma as medidas para que as cidades, ou os arraiaes não sejam surprehendidos : elle pos-sue, e sabe a arte de fazer fugir as tropas inimigas ; tu sabes como se devem desviar as aguas da chuva : elle tem-se exercitado em dilatar os limites da republica ; tu em administrar os seus territorios. »*

§. 8. A Figura *Ploce* tem logar, quando esta mesma correspondencia se dá nas palavras do meio de uma frase com as do principio, ou do fim da outra : (Paiva d'Andrade Seru. Part. II. pag. 396.) « Não se en-

gana, quem deseja ser honrado; mas *engana-se*, quem busca *honra* entre gente sem *honra*. ”

§. 9. *Epanalépse* é a Figura, com que a mesma palavra se repete ja no meio de duas ou mais frases, ja no principio e fim dellas: (Vieira Serm. Part. I. Col. 644). « Não vemos as cousas, que *vemos*: porque não olhámos para ellas. *Vemol-as* sem advertencia, e sem attenção; e a mesma desattenção he a cegueira da vista. Divertê-nos a *attenção* os pensamentos, suspendê-nos a *attenção* os cuidados, prendê-nos a *attenção* os desejos, roubão-nos a *attenção* os affectos.

§. 10. *Epânódos* é uma Figura, que repete, dividindo as palavras, ou o sentido das mesmas, que primeiro disse juntas. Serve de exemplo o celebre Epigramma de Ausónio ácerca de Dido:

Infelix Dido, nulli bene nupta marito:
Hoc pereunte, fugis; hoc fugiente, peris.
 Dido, nas vódas triste falo corres;
 Morre-te um, foges; foge-te outro, morres.

(Traduç. de Filinto Elysio): ou o dos *Lusiadas* (Canto VIII. Est. 37).

Olha cá *dous infantes, Pedro, e Henrique,*
 Progenie generosa de Joanne;
Aquelle faz que fama illustre fique
 Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
 Por seu descobridor, e desengane
 De Ceita a Maura tumida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da Cidade.

Ou finalmente o de Vieira (Serm. Tom. XIII. pag. 24) : « A prudencia he filha do tempo, e da razão : da razão pelo discurso, do tempo pela experiencia. »

§. 11. *Polyptóton*, ou *Derivação*, Figura, que repete as mesmas palavras, variando-as pelos seus diferentes casos, e generos : Ex. dos Lusíadas (Cant. V. Est. 18.)

Vi claramente *visto* o lume vivo,
Que a marítima gente tem por santo.

Id. (Canto II. Est. 87.)

Ainda que me pèze estranhamente,
Em *muito* tenho a *muita* obediencia.

Outro exemplo bem frizante desta Figura se lê em Fr. Heitor Pinto (Imagem da Vida Christãa Part. II. Dialogo da Verdadeira Amizade Cap. 2.) nas seguintes palavras : « Com tudo la lhe ficava huma porta aberta ao descuido ; porque parece que *entrou* hum, em que cahio, antes que eu tivesse amizade com elle, e que elle *entrasse* em tanta cousa comigo, como ao deante *entrou*, depois que foi *entrando* mais pella idade.

§. 12. *Anadiplosis* Figura, que tem lugar, quando a palavra ultima de uma oração é a mesma da oração seguinte : Lusíadas (Canto I. Est. 59, e 60).

O Regedor das ilhas, que *partia* :
Partia alegremente navegando.

E (Canto IX. Est. 68) :

Começam de enxergar subitamente
 Por entre verdes ramos varias côres,
 Côres, de quem a vista julga, e sente,
 Que não erão das rosas ou das flores.

§. 13. *Exergasia*, ou *Synonymia*, Figura, pela qual não, como nas antecedentes, se repetem as mesmas palavras, mas repizão-se as mesmas ideas por diferentes palavras, ou frases synonymas : Ex. de Sousa (Vida do Arcebispo Liv. II. Cap. 12.) « Em se tratando dos (negocios) de Deos, era fogo, era raio, era corisco. . . assi abrasavão, assi ferião, assi penetravão suas palavras. »

§. 14. *Polysyndeton* Figura, que emprega muitas conjunções, ou a mesma muitas vezes repetida ; Lusíadas (Canto III. Est. 104).

Viuva, e triste, e posta em vida escura.

Ferreira (Elegia III).

Suspira, e chora, e cança, e geme, e sua.

§. 16. *Climax*, ou *Gradação*, é uma Figura, com que se repete o que ja está dito ; mas, antes de passar a outro grão, pára no antecedente : Ex. de Cicero (pro Sext. Rosc. Amerino §. 75.) *In urbe luxurios creatur : ex luxuria existat avaritia necesse est : ex avaritia erumpat audacia : inde omnia scelera ac maleficia gignuntur* : « Nas

ciudades tem a sua origem o luxo : do luxo é consequencia necessaria a avareza : da avareza rompe com impeto a audacia : a audacia é a mãe de todos os crimes atrozes e maldades. » — Ex. do nosso Lucena (Vida de S. Francisco Xavier Liv. IX. Cap. 7.) « onde o bom exemplo calando avisa, avisando emenda, e emendendo afeição. »

ARTIGO II.

Figuras por diminuição de palavras.

§. 1. As Figuras por diminuição de palavras, isto é, aquellas que por meio da subtracção de alguma ou algumas palavras dão mais concisão, e novidade ao discurso, podem reduzir-se a tres especies, que são : a *Ellipse*, tambem denominada *Synédoche*, a *Assyndeton*, e a *Zeugma*.

§. 2. A *Ellipse* ou *Synédoche* consiste na subtracção de algumas palavras á oração, as quaes do contexto se deixão assás entender. O uso desta Figura é frequentissimo, ainda na locução vulgar, como, por exemplo, nas frases *a Deus, até logo, bons dias, bem vindo, &c.* Ella tambem se encontra amiudadas vezes nos escriptos dos bons Autores, como em Camões (Lusiadas Canto III. Est. 45.)

Elle adorando quem lhe apparecia,
Na fé todo inflammado assim gritava :
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mim, que creio o que podeis.

§. 3. *A Assyndeton* faz-se, quando se tirão á oração todas as conjuncções : Ex. (Id. Canto X. Est. 57.)

Abrólhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas, e sobmettas.

E Sousa (Vida do Arcebispo Liv. II. Cap. 57.) « . . . a nossa artilharia, que não cessando de jugar dia e noite, levava pelos ares *corpos, pernas, braços, cabeças. . .* »

§. 4. *Zeugma* dá-se todas as vezes que um só verbo rége muitas orações, o qual pode pôr-se no principio de todas ellas, ou no meio, ou no fim. Arraes (Dialog. III. Cap. 31.) « O caminho da verdade he unico, e simples; e o da falcidade vário, e infinito » : e Vieira (Serm. Tom. IV. pag. 211.) « A materia era dos lenhos mais preciosos, e cheirosos do Líbano, as columnas de prata, o trono de ouro, as almofadas de púrpura. »

—— Parece dar-se tambem a Figura *Zeugma*, quando um só sujeito rége muitos verbos; ou, talvez em geral, quando uma palavra, empregada em uma proposição, se subentende em outras proposições seguidas : Ex. « Mas Gerardo, que não perdia ponto, acudindo pouco depois do alcaide ser partido, se apoderou da porta da Cidade, e meteo por ella sua gente, sem alvoroço, e sem a escuridão da noite deixar vêr o que era, nem reconhecer aos Mouros ser gente contraria. » (Brito, Chronica de Cister Liv. V.

Cap. 12., narrando a tomada de Evora.)

ARTIGO III.

Figuras por consonancia, symmetria, e contraposição de palavras.

§. 1. Podem reduzir-se a duas as Figuras de palavras por *consonancia*, que são a *Paronomasia* ou *Agnominatio*, e a *Antanaclásis*. — Consiste a primeira em se empregarem na mesma frase duas palavras quasi do mesmo som, ás quaes correspondem ideas differentes : Ex. de Vieira (Serm. Part. IV. pag. 421). „ As *Magnetes* atrahem o ferro, e os *Magnales* o ouro. „ — Consiste a Figura *Antanaclásis* no uso de vocabulos, que levemente alterados significão cousas diversas : taes são as palavras, que pelo simples accrescentamento de preposições mudão de significação (Id. id. pag. 82). „ E que entendimento, ou vontade ha tão recta, que não torça de *parecer* por *apparecer*? „ — É de advertir, que o uso muito frequente destas Figuras, as quaes as mais das vezes consistem em verdadeiros trocadilhos de palavras, e que estiverão muito em voga nos seculos do máo gosto da Eloquencia, é sinal de um espirito ocioso, baixo, occupado em bagatellas, e por tanto falto de juizo, e de bom gosto.

§. 2. As Figuras de palavras, que consistem na *symmetria* das orações, podem re-

duzir-se a quatro, a saber : *Párison*, *Omeoteleuton*, *Omeoplóton*, e *Isocólon*. — A Figura tem o nome de *Párison*, conforme alguns rhetoricos, quando as orações acabão, ou principiãõ por palavras toantes, isto é, por palavras, que do accento predominanté até o fim tem as mesmas letras vogaes, mas differentes letras consoantes; taes são por exemplo, as palavras — *féras* — *licenças* — *bellexas* — *sét-tas* — &c. : Outros rhetoricos porém, (fundados talvez na etymologia da palavra *Párison*, que parece derivar-se dos vocabulos gregos, *para* (quasi), e *isos* (igual), entendem que se dá esta Figura, quando a elocução consta de membros quasi iguaes. — A Figura *Omeoteleuton*, ou *similiter desinens* é aquella, na qual os membros acabão pelos mesmos consoantes : Ex. de Fr. Heitor Pinto (Imag. da Vid. Christ. Part. I. Dialog. 6, Cap. 1). « Aquellas pernas que caminhos *andarão?* aquellas cãveiras que imaginações *terão?* quão enlevadas nas falsas esperanças do mundo *serão?* que castellos de vento não *farião?* » — A Figura *Omeoptóton*, ou *similiter cadens* é aquella, na qual em differentes orações os nomes estão nos mesmos casos, ou os verbos nos mesmos tempos, ja occupem o fim, ja o principio, ja o meio da oração : Ex. de Vieira (Serm. Part. IV. pag. 251.) « Não aquella graça, que *deleita*, e *suspende* os entendimentos; senão aquella graça, que *abranda*,

que *rende*, que *fére*, que *inflamma* os corações. » E porque na lingua Portugueza a falta de casos dos nomes é supprida pelas preposições, as quaes unidas aos mesmos nomes indicão claramente as relações, que na oração lhes competem; julgâmos por isto, que poderá tambem dar-se a Figura *Omeop-tóton* em os nomes da lingua Portugueza, todas as vezes que estes nas orações significarem uma só especie de relação, designada pela preposição respectiva: como, por exemplo, no logar de Vieira (Serm. Part. I. Col. 369). « Tóma Ignacio o livro nas mãos: lê-o a principio com dissabor, pouco depois sem fastio; ultimamente *com gosto*, dalli por diante *com fome*, *com ancia*, *com cuydado*, *com desengano*, *com devoção*, *com lagrymas*. »

—— A Figura *Isocólon* consiste na igualdade de membros da frase, por serem compostos de quasi o mesmo numero de letras: Ex. de Vieira (Serm. Part. IV. pag. 260) « Leva Abraham seu filho Isaac ao monte, *ata-o sobre a lenha do sacrificio*, *tira pela espada para lhe cortar a cabeça*, *manda-lhe Deos suspender o golpe*, e *diz-lhe estas palavras*: Agora conheço, Abraham, que témes a Deos. »

§. 3. *Antithese* Figura, que é empregada, quando na frase se contrapõem dous objectos. Consiste ella ou na contraposição de cada palavra entre si, ou na de duas a duas, ou na de orações inteiras; quando porêm á *Antithese*, se ajunta a Figura *Polyptóton*, tem então o nome *Antimetábole*. Serve ven-

tajosamente a Antithese para augmentar a força da impressão, que um objecto deve produzir; mas convêm observar, que a repetição frequente desta Figura mostra sensível affectação, e artificio, e por isso faz desagradavel, e viciosa a Elocução : Ex. de Antithese por contraposição de palavras uma a uma, Fr. Heitor Pinto (Imag. da Vida Christ. Part. II. Dial. 1. Cap. 2.) “ Não ha no mundo alegria sem sobresalto, não ha concordia sem dissensão, não ha descanso sem trabalho, não ha riqueza sem miseria, não ha dignidade sem perigo, finalmente não ha gosto sem desgosto. ,, Ex. de Antithese, em que as palavras se contrapõem duas a duas : Vieira (Serm. Part. IV. pag. 492.) “ Vierão gentios, e tornarão fieis; vierão idolatras, e tornarão Christãos. ,, Ex. de Antithese, em que se contrapõem orações a orações : Id. (Serm. Part. I. Col. 541.) “ Antigamente estavam os ministros ás portas das Cidades, agora estão as Cidades ás portas dos ministros ,, : ou a de Camões (Luíadas Cant. IX. Est. 93.)

Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente;
Melhor he merecel-os, sem os ter,
Que possuil-os, sem os merecer.

Ex. de *Antimetábole* é a sentença attribuida a Sócrates : “ Não vivo para comer, mas cómo para viver. ,,

SECÇÃO III.

DO USO DOS TRÓPOS, E DAS FIGURAS.

§. 1. Acerca do uso dos Trópos, e das Figuras, ha quatro observações, que merecem ser attentamente meditadas, e seguidas.

——— 1.^a Os Trópos, e as Figuras não são as unicas, nem as principaes bellezas da Elocuencia; pois ha passagens de grande belleza; e até outras muito sublimes, e pathéticas, tanto em prosa, como em verso, de Autores da primeira reputação e mérito litterario, as quaes todavia são enunciadas no modo de dizer mais simples, e despido da elocução tropologica, ou figurada: Tal é, por exemplo, a linguagem vivamente pathética, que o Autor dos *Lusiadas* põe na boca de D. Ignez de Castro (Cant. III. Est. 126 até 129.); ou tambem a passagem do Dialogo de Fr. Heitor Pinto, intitulado *da Trinquillidade da Vida*, Cap. 16, que começa assim: “E muitos outros cahirão nesta conta. . . .”, (*) Pelo contrario podem estes ornatos achar-se ampla e profusamente derramados por uma composição, e ser ella ao mesmo tempo fria, e destituída de interesse: porquanto, ainda sem falar no sentimental, e nos pensamentos, que é o que em todo o caso constitue o mérito real, e permanente

(*) Vide no fim do Vol. Ex. XIII., e XIV.

de uma obra, se a sua elocução é affectada, se nella falta a clareza, a precisão, e a pureza; por mais Trópos, e Figuras, que se lhe introduzão, nunca uma tal obra chegará a ser agradável.

§. 2. Observação segunda : Os Trópos, e as Figuras, para serem bellos, devem nascer naturalmente do assumpto: pois sendo elles, como são, a linguagem da imaginação, e das paixões, não podem ter belleza, uma vez que não sejam suggeridos por algum destes dous principios.

§. 3. Observação terceira : No caso que o assumpto peça naturalmente uma linguagem tropologica, ou figurada, e que a propria imaginação seja quem a subministre; convêm não usar della com profusão, na certeza de que uma elegante simplicidade é a que dá realce a toda a especie de belleza: sendo que, pelo contrario, não ha cousa mais propria para fazer perder a uma composição o seu peso, e dignidade, do que a grande copia de ornatos da Elocução; pelo fastio, que produzem as cousas ainda mais agradaveis, quando são repetidas em demasia.

§. 4. Observação quarta : Se o genio do Orador lhe não permite o usar da linguagem tropologica, ou figurada, não deve intrometter-se a lançar mão della; porque a imaginação não é uma faculdade adquirida, mas antes um dom da Natureza : alem de que, sem esse talento, ou com elle em gráo

mediocre, pode qualquer homem falar, e escrever bem; pois o simples bom senso, a precisão nas ideas, a clareza tanto nestas como nas expressões, e uma conveniente disposição de pensamentos, e de palavras, ja são bastantes para conciliar attenção, por serem estas qualidades as verdadeiras bases do merecimento real do discurso, ou pronunciado, ou escripto. Portanto o estudar, e conhecer o proprio genio, o seguir a natureza, o aformozeal-a, sem lhe fazer violencia: eis os conselhos, que devem incessantemente trazer diante dos olhos todos os, que quizerem sobresahir em qualquer ramo das Bellas-lettras, ou das Bellas-artes.

CAPITULO XXII.

DA BOA COLLOCAÇÃO DAS PALAVRAS NO DISCURSO ORATORIO.

§. 1. Antes de começarmos a dar as regras sôbre a Collocação das palavras no discurso oratorio em geral, importa saber, relativamente ao assumpto que vamos tratar, que a Elocução pode dividir-se em *ligada* ou *periodica*, e *sólta*: a primeira é propria dos discursos da Oratoria remontada, ou ainda de quaesquer outros, nos quaes porque se trata de uma materia, que demanda ligação de pensamentos, essa mesma ligação deve ir

tambem apparecendo nos differentes aggregados de palavras, de que são compostos taes discursos : a segunda é aquella, em que dentro de pouco espaço se tratão assumptos por sua mesma natureza diversos; não tendo por consequencia nelles logar a ligação rigorosa de orações, ou de frases umas com outras.

§. 2. Importa saber mais, que os varios aggregados de palavras, de que consta a *Elocução ligada*, tem as denominações de *Incisos*, de *Membros*, e de *Periodos*. — Entende-se por *Inciso* um sentido fechado em uma oração, de harmonia incompleta, e sem conclusão final : — Por *Membro* um sentido tambem fechado em uma ou mais orações, de harmonia completa, mas sem conclusão final : — Por *Periodo*, um sentido fechado, composto de varios numero de orações, com harmonia completa, e conclusão final; ou o circuito de palavras, e de orações, que constituem um pensamento plenamente enunciado. — Podem os *Periodos* constar de dous, de tres, até quatro *Membros*: tudo porém, que passar deste ultimo numero, ja não tem o nome de *Periodo*, mas sim de *Oração periodica*; ou o de *Pneuma*, quando os seus *Membros* são tantos, quantos o fôlego do Orador pode abranger.

§. 3. Para que haja boa Collocação na frase tres cousas são indispensaveis : 1.^a *Ordem* : 2.^a *Ligação*, chamada por alguns rhetoricos *Junctura* : 3.^a *Numero* ou *Har-*

monia. ——— A. *Ordem*, que as palavras devem ter, pode considerar-se : 1.º ja em relação a cada uma separadamente, isto é, quando ellas se não determinão, ou de alguma sorte modificão umas ás outras; taes são muitos *Sujeitos*, muitos *predicados*, ou muitos *accessorios* da mesma especie, figurando independentemente na oração : 2.º ja como subordinadas entre si, para formarem um sentido, modificando-se, determinando-se, ou explicando-se reciprocamente; como v. gr. o *agente*, que dá origem á *acção*; esta empregando-se no *paciente*, &c. ——— A regra para a collocação da primeira especie de palavras reduz-se, a que por meio della o discurso não desça, antes vá sempre crescendo, isto quando se trata de engrandecer; devendo porêem seguir-se o contrario, quando se pretenda diminuir ou apoucar. ——— Pelo que respeita ás palavras da segunda especie, devem em geral ser collocadas na Oração, quanto o permittir a harmonia da frase, e a sua clareza, e fôrça, conforme as regras da Syntaxe da Lingua : advertindo que nas Linguas primitivas, ja hoje mortas, estas regras discrepão inteiramente das que seguem pelo ordinario as Linguas actuaes ou vivas.

§. 4. A *Ligação* ou *Junctura*, da qual resulta a *Melodia*, isto é, o agrado derivado de uma feliz continuação de sons, tem lugar não só nas palavras, como tambem nos *Incisos*, nos *Membros*, e nos *Periodos*, de

M

que consta todo o discurso. — Para que haja pois boa *Ligação* nas palavras umas com outras, e nos differentes aggregados das mesmas, ou para haver *Melodia* na Elocução, faz-se necessario que ella tenha as duas virtudes essenciaes a toda a boa Collocação, a saber, *Variedade*, e *Consonancia*, ás quaes são oppostos os dous vicios, *Monotonia*, e *Dissonancia*. — Haverá *Dissonancia* na frase, resultado da má Ligação; todas as vezes que nella se encontrem: 1.º *Cacóphatons*, e ainda mesmo uniões de palavras, cuja primeira syllaba comece por consoante, ou sua análoga em som, que seja a mesma, por que começa a syllaba final da palavra antecedente: Ex. (*Lusiadas* Canto VIII. Est. 10, e 77.)

Tantas batalhas dá *nunca cansado*.
Em fim ao *Gama manda*, que direito.

2.º *Hiatos*, ou concurso de vogaes de sons muito abertos, e sonóros: 3.º *Collisão*, ou encontro de consoantes ásperas. — Haverá *Monotonia*, todas as vezes que na frase se não evitarem: 1.º os *E'ccos*, ou o seguimento de palavras, que comecem pelas mesmas syllabas accentuadas, com que acabarão as que immediatamente lhes antecedem: 2.º a repetição seguida de muitos monosyllabos; porque estes, de mais da *Monotonia*, farão que a frase marche como aos pulos: e ainda a repetição seguida de palavras compostas de pequeno ou grande numero de sylla-

bas : 3.º a continuada série de palavras, que terminão nos mesmos consoantes. É porém de advertir, que os *E'ccos*, a repetição de monosyllabos, &c., podem deixar de ser vícios da boa *Ligação*, quando elles forem, por exemplo, empregados como sons imitativos ou onomatopaicos, do que offerecem felizes exemplos os bons escriptores. — Taes são os quatro do Poema *Affonso Africano*, Cant. VIII. Est. 15.

Arma, arma, tudo sôa, tudo guerra,
 Sôa o mar guerra, guerra a terra sôa,
 Dos valles repulsando nos outeiros,
 Respondem guerra os Echos derradeiros.

Na *Ligação* dos Incisos, dos Membros, e dos Periodos, devem ser igualmente evitados os vícios que ficão apontados, posto que não com tanto rigor; e funda-se esta excepção em que, fazendo a voz uma pausa maior entre Inciso e Inciso, entre Membro e Membro, e entre Periodo e Periodo, do que entre as palavras de cada um delles, os concursos das vogaes, de que resultão os *Hiatos*, ou das consoantes ásperas, os *Çacóphatons*, e outras *dissonancias*, não se fazem tão sensiveis na *Ligação* dos primeiros, como na das segundas.

§. 5. *Harmonia*, ou *Numero* da frase é a união e mistura de palavras, da qual resulta uma impressão agradável e deleitosa no orgão do ouvido, que dispõe os animos, e abre maravilhosamente o caminho para a

persuasão : 'ou é uma disposição e ordem de vozes e de palavras, as quaes dão aos conceitos do Orador a justa medida, e a conveniente proporção, para se imprimirem bem no auditorio. — Para conseguirmos, que o nosso discurso seja harmonioso, devemos attender a duas cousas, que são : *a boa escolha de palavras*; e *a sua felix collocação na frase*. Quanto á primeira, devemos advertir, que são mais agradaveis ao ouvido as palavras compostas de sons brandos e liquidos, nas quaes ha uma bem travada mistura de vogaes, e de consoantes; do que as compostas de muitas consoantes ásperas, que como se vão roçando umas pelas outras, ou de muitas vogaes seguidas, e de um accento demasiadamente aberto : Porquanto é fóra de duvida, que todo o som difficil de pronunciar é na mesma proporção penoso ao ouvido. — Mas, por mais bem escolhidas, e sonoras que sejam as palavras, se ellas estiverem mal collocadas, desaparecerá toda a Harmonia do discurso; sendo certo que esta Harmonia resulta principalmente da boa disposição dos Membros de cada Periodo, e da sua cadencia final. — Consiste a boa disposição dos Membros de cada Periodo em estarem distribuidos de maneira, que facilitem a respiração; e acabarem em taes distancias, que tenham entre si certa proporção musical : Por isso que tudo quanto é facil, e agradável aos orgãos da palavra, sôa sempre aos ouvidos com graça. É porêem de no-

tar, que um Periodo com demasiadas pausas, e estas collocadas em distancias claramente medidas, tem certo resaiibo de affectação, que faz a Elocução desagradavel. — Maior cuidado ainda demanda o final ou a cadencia do Periodo : Pelo que, quando o Orador se proposer particularmente a dar dignidade, ou elevação ao seu assumpto, deverá esforçar-se em que o som vá crescendo até o fim de cada Periodo ; reservando para a conclusão os Membros mais extensos de cada um delles, e bem assim as palavras mais cheias, e sonoras. Mas como o ouvido se familiarisa de pressa com a Harmonia, até chegando a cançar-se della ; para que o Orador conserve acordada a attenção dos seus ouvintes, convém que se applique muito particularmente a variar aquella, assim pelo que respeita á distribuição dos Membros, como á cadencia de cada um dos Periodos. — Em remate, posto que seja nos finaes dos Periodos, que a Harmonia deva fazer-se mais sensivel ; com tudo não é só nos finaes que ella deve apparecer, porém igualmente nos principios, visto que nelles está o ouvinte com maior attenção ; sem se deixar ao mesmo tempo de a ir continuando nos espaços medios, quanto o permittirem a clareza do pensamento, e as regras da Syntaxe da Lingua.

§. 6. Os *Incisos* tem particularmente logar nos discursos, ou naquella parte do discurso, em que o Orador houver de falar com

acrimonia, instancia, e calor : taes são as invectivas ou declamações fortes contra alguém, ou contra alguma cousa, as apologias, as argumentações, e as refutações; porque nesta fórma de Elocução as proposições concentradas em uma, duas, tres, ou poucas palavras, são como uns pequenos punhaes, com que o Orador fére vivamente ao seu adversario ou verdadeiro, ou supposto. De mais disto o discurso, cortado por clausulas frequentes, fica mais áspero, e por isso mais proprio, e imitativo das invectivas acres e picantes.

§. 7. Os *Membros* são propios das Narrações, as quaes como exposições de factos, e por isso que são compostas de circumstancias miudas, pode cada uma destas ser enunciada em curto espaço : Exceptuão-se porém aquellas Narrações, que tiverem por fim não o instruir, mas ornar; pois em tal caso vem a ser muito mais propria uma composição suave e corrente, ou periodica.

§. 8. Os *Periodos* tem particularmente logar nos Exordios dos discursos sobre assumptos importantes : com tudo esta fórma periodica não deve ser muito trabalhada, nem muito continuada, a fim de desviar de si o Orador toda a suspeita de artificio; por ser a clara manifestação da arte um dos grandes vicios da Eloquencia : Tem igualmente logar os Periodos nas Digressões, nas Descrições, nas Amplificações, &c.; visto serem partes do discurso mais que tudo desti-

nadas para o deleite dos ouvintes. Pelo contrario nos logares do discurso, que requerem contenção, calor, e paixão, quaes são as Provas directas, as Refutações, e as moções de affectos tristes, a Harmonia, e a arte sensível da elocução periodica, seria muito mais prejudicial, do que em alguma outra parte.

§. 9. Quanto porém ao modo, por que o Orador poderá adquirir a practica de uma accommodada e feliz Collocação, reduz-se tudo a observar attentamente nos bons Autores, como é que elles dispõem no discurso as palavras, ou os seus aggregados; e a exercitar-se repetidas vezes em imital-os, escrevendo com taes modelos á vista.

CAPITULO XXIII.

DO ESTILO ORATORIO.

Estilo, na sua accepção mais ampla, é o modo particular, por que cada individuo significa os seus pensamentos por intervenção da linguagem falada, ou escripta. Em uma accepção mais particularmente oratoria, *Estilo* é a fórma geral da Elocução, que predomina em toda uma obra, ou em parte della, a qual resulta de certa especie de pensamentos, e da escolha e collocação de palavras, conveniente á materia, de que se trata.

ARTIGO I.

Divisões do Estilo.

§. 1. Segundo Quintiliano, o Estilo pode ser considerado relativamente á *Quantidade*, isto é, ao maior ou menor numero de palavras, com que são enunciados os pensamentos; e relativamente á *Qualidade*, isto é, á natureza das palavras, e á sua disposição na oração.

§. 2. Considerado pelo que respeita á *Quantidade*, divide-se o Estilo em *Attico*, *Asiatico*, e *Rhódio*, a que alguns rhetoricos accrescentão o *Lacónico*. — O Estilo *Attico* é o que guarda uma justa proporção entre as palavras e os pensamentos, de maneira que na Elocução nada sobeje, e nada falte; sendo composto ao mesmo tempo de pensamentos finos e delicados, e de uma frase limada, polida, e depurada de palavras e ornatos improprios. — O Estilo *Asiatico* é verboso, empolado, e vão, excedendo muito a exacta e escrupulosa proporção entre as ideas, e as palavras. — Pelo contrario o *Lacónico* é um Estilo curto, monosyllábico, escuro, e enigmatico, faltando-lhe muitas vezes o necessario para fazer-se entender. — Finalmente o Estilo *Rhódio* é copioso, sem ser redundante e superfluo, como o Asiatico; forte e nervoso, sem com tudo ser tão cerrado e conciso como o

Attico. — Segue-se do que fica exposto, que destas quatro especies de Estilo o melhor é o *Attico*, depois d'elle o *Rhódio*, e que o *Laconico*, e o *Asiatico* são extremos do *Attico*, um degenerando em falta, o outro em excesso.

§. 3. O Estilo considerado em quanto á *Qualidade* divide-se em *Ténue* ou *Subtil*, *Robusto* ou *Sublime*, *Mediocre* ou *Temperado*. — No primeiro as ideas são enunciadas com vocabulos proprios, claros, e significativos, sem todavia serem acompanhados de Ornatos pelo menos exquisitos. — O segundo serve-se de toda a sorte de palavras, e expressões valentes, animadas, e proprias a dar fôrça, e grandeza aos pensamentos; por isso entrão na sua composição as Amplificações, os Trópos mais atrevidos, como as *Hypérboles*; e as Figuras mais energicas, quaes as *Exclamações*, as *Apóstrophes*, as *Prosopopeias*, em uma palavra, tudo quanto a *Eloquencia* põe em acção para despertar o *pathético*. — Em fim o Estilo *Mediocre* differença-se dos dous antecedentes pela abundancia das *Metáphoras*, e outros Trópos, e Figuras, das quaes resulta graça ao discurso: pela amenidade das *Digressões*, pela *Harmonia* proveniente de uma feliz *Collocação* de palavras, pelo formoso das sentenças, e por outros Ornatos méramente empregados para causar deleite.

§. 4. Outros rhetoricos, considerando somente o Estilo em relação aos tres meios

particulares, de que lança mão a Eloquencia para chegar aos seus fins, quaes são : o *Recreio*, a *Instrucção* e a *Moção dos Affectos*, admittem tres generos fundamentaes de Estilo, dos quaes o primeiro attende com particularidade aos ornatos, de que pode ser revestido o discurso; o segundo tem unicamente em vista a enunciação dos pensamentos; e o terceiro é contemplado como um dos meios mais poderosos, de que a Eloquencia se serve para arrebatat e persuadir : dirigindo-se por consequencia o primeiro genero a recrear a imaginação; o segundo a instruir o entendimento; e o terceiro a mover e arrastar a vontade. — Subdividem depois aquelles tres generos de Estilo nas seguintes especies, a saber : o primeiro genero em *Sécco*, em *Plano* ou *Chão*, em *Apurado* ou *Polido*, em *Elegante*, e em *Flórido* : O segundo genero em *Conciso*, e *Desenvolvido*, e em *Forte*, e *Fraço* : O terceiro genero em *Simple*s ou *Natural*, e em *Vehemente*.

§. 5. O estilo *Sécco* exclue toda a qualidade de ornatos : O autor, que d'elle se serve, contenta-se com se fazer entender, importando-lhe pouco o lisonjear o ouvido e a imaginação. — Um tal estilo só é toleravel nos escriptos didacticos; e nestes mesmos, para o ser, precisa de andar acompanhado de muita importancia e solidéz de pensamentos, juntos com uma perfeita clareza de expressão.

§. 6. O estilo *Plano* ou *Chão* eleva-se

um gráo acima do estilo *Sécco* : elle sim faz uso dos ornatos, porém de mui poucos; porque attende unicamente á fôrça dos pensamentos : todavia, se não cuida em agradar, servindo-se de Figuras, de Harmonia e d'outros quaesquer artificios oratorios, evita com todo o cuidado o desagradar pela seccura e dureza. — Demais da clareza, caracterizão esta especie de estilo a pureza, a propriedade e a precisão da frase, o que é ja um merecimento digno de grande estima. — A fôrça e a vivacidade não são tambem incompativeis com o estilo *Plano* ou *Chão*; por isso o autor, que d'elle faz uso, tem muitos meios para agradar. — Difere este estilo do *Sécco* em que este é incapaz de empregar ornatos, e até parece ignorar em que elles consistem; ao mesmo tempo que aquelle se contenta em os não procurar, transmittindo-nos o pensamento em bóa linguagem, distincta e pura. — Oppõe-se a este o estilo *Desalinhado*.

§. 7. O estilo *Apurado* ou *Polido* emprega maior numero de ornatos, do que o antecedente; mas não ainda os do genero mais elevado, ou os mais brilhantes. — O escriptor, que adoptar este estilo, deve fazer ver, que não despreza as bellezas da linguagem, a que sem duvida lhe cumpre attendêr; esta sua attenção porém deve manifestar-se antes na escôlha e na disposição das palavras, do que nos grandes esforços da imaginação e da Eloquencia : será variada a

sua cadencia, mas sem nella se fazer notar harmonia estudada : as Figuras, quando dellas se servir, serão antes curtas e correctas, do que brilhantes e atrevidas; em uma palavra, deverá dar ás suas composições um character de elevação moderada, derramando por ellas alguns ornatos, que possam convir a todas as sortes de assumptos. — Podem nesta especie de estilo ser escriptas uma Carta familiar, uma Memoria sobre o assumpto mais árido; e nelle até poderá ser lido com prazer um Sermão, ou um Tratado philosophico.

§. 8. Acima do estilo *Apurado* ou *Polido* se eleva o estilo *Elegante* assim pelo numero, como pela qualidade dos ornatos; sendo que por este mesmo nome até é designado o estilo, quando elle tem todo o merecimento, que os Ornatos podem dar, sem alguns dos defeitos, que algumas vezes os acompanhão, e mais que tudo sem profusão. — É pois escriptor elegante aquelle, que agrada á imaginação e ao ouvido, illustrando o entendimento; e que une ao mérito do pensamento tudo quanto pode aformosear a expressão, sem a sobrecarregar de ornatos deslocados. — Aos estilos *Apurado*, e *Elegante* oppõe-se o *Affectado*.

§. 9. O estilo toma o nome de *Flórido*, quando os seus ornatos são muito ricos, e pomposos para o assumpto, quando são multiplicados em demasia, e quando férem a imaginação com um brillantismo falso e des-

lúmbador. Todavia este excesso é desculpavel em um mancebo, e em tal idade até é um sinal de bom agouro. — Mas se o estilo *Flórido* pode ser tolerado nos primeiros ensaios litterarios de um joven, não merece a mesma indulgencia nos escriptores de idade madura; pois, á proporção que o juizo se forma, a imaginação deve começar a ser mais prudente, e ir dando de mão a ornatos inuteis, desconformes ao assumpto, e que nelles não derramão a luz da clareza. — Assim que advertiremos aos, que se propõem a sobresahir na Eloquencia, que o grande segredo, para se poder agradar por meio dos Ornatos, consiste em usar delles com reserva; e que, sem um fundo sólido de bom senso, e de pensamentos convenientes e bem ordenados, o estilo *Flórido* não passa de um charlatanismo pueril; muito embora se deixe algumas vezes illudir com elle o publico menos esclarecido, isto é, a turba dos ouvintes ou leitores vulgares, sempre disposta a admirar tudo quanto a deslumbra.

§. 10. O estilo *Conciso* enuncia os pensamentos pelo menor numero de palavras possível, faz escolha das mais expressivas, e põe de parte como supérflua toda a frase, que não augmenta cousa alguma essencial ao sentido: é certo, que não rejeita os ornatos; mas os, que emprega, são proprios para dar antes fôrça, do que graça ao discurso.

§. 11. O estilo *Desenvolvido* explica extensamente os pensamentos, apresentando-os

debaixo de diferentes faces; e por isso subministra todos os meios, para que elles sejam completamente entendidos. Porque, falando em geral, faz uso da magnificencia e da amplificação; resulta daqui naturalmente, que os seus periodos, extendendo-se, dão logar a todo o genero de Ornatos, no qual por consequencia são admittidos com liberdade plena.

§. 12. Cada uma destas duas ultimas especies de estilo tem suas vantagens, assim como não deixa de ter seus defeitos, quando é levada a excesso: Por quanto a concisão extrema degenera em obscuridade, e conduz não poucas vezes a dar ao Estilo um torneio affectado, e que se aproxima ao genero epigrammatico: Pelo contrario o desenvolvimento demasiado produz fraqueza, e um estilo languido, que enjôa. — Pode com tudo o Orador pender sem vicio ja para uma, ja para outra destas duas especies de estilo, conforme a tendencia do seu genio; e adoptando o character geral ou de Concisão, ou de Desenvolvimento, pode derramar pelos seus Discursos bellezas sem numero.

§. 13. Quanto ao uso, que deve ser feito destas duas especies de estilo, bastará dizer-se; que um tal uso depende da natureza das Composições: isto é, que os Discursos, que tem de ser ouvidos, demandão um estilo mais abundante, do que as Obras, que tem de ser lidas; pois naquellas uma grande concisão

faria perder para os ouvintes grande parte dos pensamentos : pelo contrario nas obras, destinadas para serem lidas, da sua concisão resulta maior vivacidade no leitor, maior fôrça e permanencia de attenção, e consequentemente uma impressão mais forte e mais profunda nelle produzida pela leitura. — De mais, toda e qualquer descripção, a que pretendâmos dar viveza e animação, convêm que seja feita em estilo *Conciso* ; por isso que as palavras e frases supérfluas embarçaõ a imaginação, e fazem que o objecto, que se lhe apresenta, se lhe torne indistincto e confuso. — Igualmente, tratando de ferir a imaginação, ou de excitar paixões, do estilo *Conciso*, e não do *Desenvolvido*, é que convêm fazer uso ; por ser muito difficil de sustentar um certo gráo de calor por longo tempo ; e porque sendo, como é, mui rápida a acção da imaginação e do coração, posta que seja esta em movimento, suppre muitas particularidades, que aliás não farião a mesma impressão, se tivessem sido enuncia-das pelo autor. — Não acontece outro tanto, quando elle se dirige a falar ao entendimento, o que tem logar em objectos de raciocinio, de explicação e de instrueção ; e é por isso que em taes occasiões convêm antes seja preferido um estilo mais livre e *Desenvolvido*.

§. 14. Os estilos *Forte*, e *Fraço*, posto que haja quem os confunda com o *Conciso*, e *Desenvolvido*, differem muito destes : Nos

dous ultimos attende-se principalmente ás palavras, e nos dous primeiros aos pensamentos; por ser do modo de pensar de um autor que depende a fôrça, ou a fraqueza do seu estilo : se concebe fortemente um objecto, expressar-se-ha da mesma maneira; mas, se delle só tem uma idea confusa, se as suas ideas são frouxas e vacillantes, se a fraqueza do seu ingenho, ou a das suas potencias intellectuaes em geral é tão acanhada, que se não assenhoreia com firmeza da idea, que pretende communicar-nos; estas mesmas disposições da intelligencia se manifestarão infallivelmente no seu estilo. — Pelo contrario um escriptor forte em pensamentos, qualquer que seja o seu estilo ou *Conciso*, ou *Desenvolvido*, fará sempre uma impressão tal, qual lhe é communicada pelo seu modo de pensar; e porque tem a cabeça cheia do seu assumpto, todas suas palavras serão expressivas, e cada uma de suas frases será uma Figura tendente a fazer o seu quadro mais vivo e animado. — Advirta-se porém, que a fôrça do estilo, levada a excessos, pode tambem degenerar em vicio. Na verdade um escriptor, que nella se esmera em demasia, e que despreza associar-lhe outras qualidades, vem a contrahir infallivelmente um estilo, que pode ser denominado *aspero* ou *duro*; e provém uma tal dureza do emprego de palavras desusadas, de inversões forçadas, e do habito, em que se constitue, de desprezar a facilidade e a doçura do estilo.

§. 15. O estilo *Simplex* ou *Natural*, bem que susceptível dos mais ricos ornatos, é caracterizado sobre tudo pelo modo facil e natural de expressar os pensamentos : um autor, que fala, ou escreve com simplicidade e naturalidade, exprime-se de maneira que todos seus ouvintes ou leitores julgão, que se exprimirião da mesma maneira ; e todavia, como diz Horacio, (ad. Pison, Vers. 240 &c.)

..... ut sibi quis
Speret idem, sudet multum, frustra que laboret,
Ausus idem.

De sorte que qualquer se persuadissee,
 Que faria outro tanto ; mas, tentando-o,
 Visse, que em vão snára.

Cand. Lus.

A arte não deixa vêr-se nas expressões de um tal autor, por serem estas a propria linguagem da Natureza : no seu estilo não apparece o trabalho do autor, mas somente o homem no seu character natural. Pode ser rica na expressão, cheio de imaginação, abundante em Tropos e Figuras ; estes ornatos podem se lhe offerecem sem esforço, parecendo escrever assim não por força de estudo, mas porque este modo de expressar-se lhe é natural. É digno de observar-se : 1.º Que a simplicidade, falando em geral, se encontra principalmente entre os antigos Autores originaes ; e a razão é clara, porque no acto de compôr seguião o seu natural ingenho, sem se haverem formado antecipadamente no trabalho e nos escriptos d'outrem ; sendo que

N

o contrario disto produz quasi sempre affectação : 2.º Que pode um autor expressar-se com grande simplicidade, sem que todavia as suas obras offereçam especie alguma de belleza, ou de mérito : Na verdade a bella simplicidade suppõe sempre ingenho, suppõe uma composição robusta, uma frase pura, uma imaginação viva; e sôbre taes fundamentos é que assenta bem a naturalidade, como corôa de todas as decorações do Estilo, a cujo brilhantismo ella serve de realce.

— Ao estilo *Simple*s ou *Natural* oppõe-se o *Baixo*.

§. 16. O estilo *Vehemente* em fim suppõe força, e não é de sorte alguma incompatível com a simplicidade : distingue-se porém do estilo *Forte*, e do estilo *Simple*s por uma qualidade particular, que nelle predomina; e consiste ella em um ardôr, em um fogo abrazadôr, que annuncia paixões postas em movimento, uma imaginação excitada, uma alma profundamente abalada, que despreza a graça para entregar-se toda ao seu assumpto, sôbre o qual se arremessa com a violencia e com a rapidêz de uma torrente arrebatada. — Pertence esta especie de estilo ao mais subido gráo da Eloquencia; e convêm mais ao Orador, que fala; do que ao Autor, que escreve no seu gabinete.

§. 17. De tudo, quanto sôbre este assumpto de Estilos fica dito, pode inferir-se, que não é coisa facil, nem necessaria o determinar, qual delles seja o que deve chamar-se

melhor : É o Estilo um campo aberto, que em sentidos diversos pode ser corrido; podem em autores diferentes ser também diferentes as qualidades, que lhes são relativas, e sem embargo disto todos elles possuirem bellezas. — Convêm por tanto dar ao Genio um vôo livre e desembaraçado; a fim de cada um seguir no modo de expressar-se a tendencia, que lhe dêo a Natureza : Todavia ha sem duvida qualidades geraes, que a toda e qualquer Composição são indispensaveis; e defeitos, que cumpre cuidadosamente evitar : por exemplo, um estilo *desalinhado*, *fraco*, *duro*, *affectado*, *sécco*; *conciso*, ou *desenvolvido* em demasia, é sempre máo : pelo contrario a *clareza*, a *fôrça*, a *elegancia*, a *simplicidade* são bellezas dignas sempre de mui grande apreço.

§. 18. Attendendo agora ao fim, a que em um Discurso Oratorio se dirige o *Exordio*, parece fóra de duvida, que de todos os estilos acima indicados; o que mais lhe convêm, é o designado por Quintiliano pela denominação de estilo *Tenu* ou *Subtil*, que é o mesmo, a que Blair chama *Plano* ou *Chão*, participando do *Apurado* ou *Polido*. — Que o estilo mais conveniente á *Narração*, é o *Mediocre* ou *Temperado* de Quintiliano, a que por ventura corresponde o estilo *Elegante* de Blair. — Que ás *Provas* ou *Confirmação* deve presidir rigorosamente o estilo *Tenu* ou *Subtil* do Rhetorico Latino, que é o *Plano* ou *Chão* do Rhetorico Escocêz.

Finalmente que na *Peroração*, maiormente quando nella houverem de ser excitados Affectos pathéticos, o estilo predominante deve ser o *Sublime e Robusto* de Quintiliano; ou o *Vehemente*, revestido o mais possivel do estilo *Natural* do Rhetorico moderno.

§. 19. Importa muito porêem advertir, que, sem embargo de serem estas as especies de Estilo, que, parece, devem caracterizar cada uma das quatro partes, que entrão na composição de um Discurso Oratorio regular; com tudo é fóra de toda a contestação, que uma só é a especie de *Estilo*, que convêm predomine na totalidade de qualquer Composição litteraria, Estilo o qual deve todavia diversificar, conforme a natureza geral do assumpto, que nella se tratar.

ARTIGO II.

Regras geraes do Estilo.

§. 1. As regras, que devem ser observadas, para adquirir um bom Estilo, podem reduzir-se ás seis seguintes: 1.^a O assumpto que nos propozermos a tratar de viva voz, ou por escripto, deve ser meditado por tanto tempo, quanto seja necessario, para se formarem ideas claras do que pretendem manifestar por palavras; representando-o depois á imaginação de maneira, que a façamos bem interessada nelle; Pois só então é que

sentiremos acudir-nos per si mesmas as expressões convenientes ; na certeza de que as melhores, falando em geral, são as que o estudo da materia suggere, e não as que nos vemos obrigados a buscar com trabalho.

§. 2. Regra segunda : Para adquirir um bom Estilo, faz-se indispensavel o frequente exercicio de composição ; visto que, por maior numero de regras theoricas, que se aprendão sobre o Estilo, se faltar o exercicio, e o habito de compôr, nunca jamais se poderá tirar dellas fructo algum. — Importa porê m advertir, que nem toda a especie de composição serve para formar o Estilo : é necessario começar a escrever lentamente, e com grande cuidado, na certeza de que a facilidade, e a promptidão serão o fructo da longa pratica : pelo contrario, quem compozer as mais das vezes com préssa, e com negligencia, deve estar certo, de que o seu Estilo será sempre máo, e que até lhe será mais custoso depois o desaprender este Estilo vicioso, do que se nunca tivesse feito composição alguma. — Todavia não deve haver excesso na attenção, que dermos ás palavras : Pelo que, sem retardarmos o curso dos pensamentos, e sem deixarmos esfriar a imaginação, demorando-nos em todos os vocabulos, de que nos formos servindo, reservemos a correccão da obra para quando houvermos de fazer nella um exame mais severo ; na certeza de que, se é util a pratica da composição, não o é menos o trabalho da correccão.

§. 3. Regra terceira : Convêm , que nos familiarizemos com o Estilo dos melhores autores , tanto para á vista delles formarmos o nosso gosto , como para adquirirmos grande copia de expressões sôbre todos os assumptos , e para irmos ao mesmo tempo estudando praticamente os diferentes Estilos.

— Advirta-se, que para isto não ha talvez exercicio mais util , do que o de traduzir algumas das melhores passagens dos autores da nossa propria Lingua em vocabulos da mesma Lingua , que nos sejam familiares: Reduz-se a pratica deste methodo a ler attentamente duas ou mais vezes uma passagem de algum autor escolhido , até chegar a retêr de memoria todos os seus pensamentos; pôr depois o livro de parte , e escrever essa passagem o melhor , que fôr possível : feito isto tomemos na mão outra vez o livro , façamos comparação do nosso Estilo com o do autor ; e o resultado della será o conhecermos os nossos proprios defeitos , o aprendermos a corrigil-os , e o descobrir entre muitos modos de enunciar o mesmo pensamento aquelle , que deve merecer-nos a preferencia.

§. 4. Regra quarta : Convêm , que nos abstenhamos da servil imitação de todo e qualquer autor , por melhor que elle seja ; imitação sempre damnosa , porque agrilhoa o genio , e dá ao Estilo certo ar de constrangimento : Além de que todos os que imitam muito servilmente o Estilo de um autor , expõem-se a copiar-lhe assim as belleza , como

os defeitos; e quem não tiver bastante firmeza para seguir até certo ponto os impulsos do seu genio, nunca chegará nem a falar, nem a escrever bem. — Fugamos especialmente de adoptar o fraseado particular de um autor; e de transcrever delle passagens inteiras; pois é muito melhor apresentar bellezas medioeres, que sejam propriamente nossas, do que adornar-nos com atavios emprestados, que tarde, ou cedo farão patente a nossa pobreza.

§. 5. Regra quinta : Trabalhemos constantemente em accomodar o nosso Estilo assim ao assumpto, como á capacidade dos leitores, maiormente quando o applicarmos a um discurso publico; porque nunca poderá haver belleza, nem, geralmente falando, Eloquencia na composiçao, uma vez que esta se não conforme com as circumstancias tanto do assumpto, como das pessoas, a quem é dirigida, falta esta não tanto do Estilo, como do bom senso. — Peló que, todas as vezes que nos propozermos a falar, ou a escrever, comecemos por formar ideas claras do fim, a que nos dirigimos; tenhamol-o sempre em vista, e com elle concordermos o nosso modo de dizer: pois do contrario resultará que as creanças, e os nescios talvez nos admirarão; porém as pessoas de juizo infallivelmente zombarão de nós, e do nosso Estilo.

§. 6. Regra sexta : Manda esta regra, que em todo o caso, e em todas as circuns-

tancias, nunca a attenção, que dermos ao Estilo, seja tal, que por ella cheguemos a distrahir-nos da que é devida aos pensamentos; tendo sempre bem viva na memoria a máxima de Quintiliano (Lib. VIII. Proem.) *Curam verborum, rerum volo esse sollicitudinem* : « Quero, que haja cuidado na escolha das palavras; porêem na dos pensamentos desvêlo » : Por quanto é justamente digno de desprezo aquelle autor, que, só attento ás palavras, não cura de outra cousa; e que, correndo após os vãos ornatos, lhes não prefere o agradar ás pessoas, que sabem dar apreço a bellezas solidas, e verdadeiras.

CAPITULO XXIV.

DO DECORO ORATORIO.

§. 1. *Decoro* em Eloquencia é a conveniencia, ou a exacta conformidade da expressão em geral com os pensamentos, e de ambas estas cousas com as pessoas, que no discurso intervêm, com a materia, que no mesmo se trata, e com as circumstancias do tempo, e do lugar. O Decoro ou a Decencia, que o Orador deve guardar na expressão dos pensamentos, euunciando-os por meio de uma Elocução accommodada aos mesmos, será exactamente guardado, uma vez que elle se regule pelos dictames lançados em diffe-

rentes Capitulos deste Epitome, particularmente pelos que ficão dados no que pertence ao Estilo. — As pessoas, a que o Orador deve attender, para guardar-lhes o devido Decoro, são tres, a saber : a do proprio Orador, as dos seus ouvintes, e aquellas ácerca das quaes pode versar o seu discurso. As regras, que a este respeito, assim como ácerca do logar, e do tempo, lhe cumpre observar, são as seguintes.

§. 2. O Orador não deve, em regra geral, occupar uma parte do seu discurso com o louvor das proprias virtudes, ou talentos : Pois aquelle, que proceder em contrario, maiormente louvando-se com excesso, dará mostras de querer abater, e desprezar os outros ; e tirará dahi em resultado, dos seus inferiores a inveja, dos seus superiores a mófa, e de todos os bons a censura. — Exceptuão-se todavia os casos, em que o mesmo Orador, por se ver na precisão de justificar-se, julgar para isso indispensavel o tocar no seu theôr de vida : porém, ainda neste caso, a fim de que o seu proprio louvor seja o menos indecente, deverá fazer que recábria o, que nelle houver de odioso, sôbre a pessoa ou pessoas, que o obrigarão a tocar neste ponto delicado : ficando certo, de que não ha cousa mais capaz de grangear-lhe a benevolencia dos seus ouvintes, do que um natural pêjo e modestia ; sôbre tudo se estas qualidades brilharem á luz de um grande merecimento, o qual, avultando-as mais e

mais, lhe grangeará uma veneração universal.

§. 3. Deve o Orador, também em regra geral, fugir de mostrar no seu modo de dizer um tom de autoridade decisivo, o qual inculque presumpção, e superioridade; por não haver cousa alguma, que mais se opponha á modestia e decencia, que convêm appareça em todas suas maneiras. Com tudo um tom semelhante ainda pode ter algumas vezes desculpa na idade proecta, e no merecimento reconhecido, e, geralmente falando, na autoridade do Orador; com tanto que sempre o tempere com alguma prudente modificação.

§. 4. Evite em todo caso gestos descompostos, ou sequer desenvoltos, e uma voz descompassada na declamação, o que é reprehensível sempre, e tanto mais, quanto fôr mais proecta a idade, e maior a dignidade e a representação do Orador: além de que este modo de falar, e de gesticular descomedido dá occasião a desconfiar-se, que recorre talvez o Orador a taes meios, porque se sente desacompanhado da razão, e da justiça. Pelo contrario esteja certo o Orador, de que uma voz forte, mas dôce; variada, porém igual; imperiosa, e simultaneamente modesta, será um soccôrro maravilhoso para ganhar a persuasão.

§. 5. Ainda naquellas occasiões, e assumptos, em que o Orador não é responsavel pelas opiniões que manifesta, esmêre-se em observar todas as decencias devidas ao seu auditorio; porque assim o mandão as leis da

urbanidade, maiormente quando esse auditorio fôr composto de pessoas, que por sua educação civil, e litteraria mereção circumspecção e respeito.

§. 6. Consiste mais que tudo a observancia do Decoro, relativamente aos ouvintes, em não se apresentar o Orador a falar em publico sem grande preparação, isto é, sem o indispensavel estudo do assumpto; a fim de lh'o offerecer em um discurso nervoso, eloquente, e polido: advertindo, que os maiores Oradores da antiguidade, Demósthenez, e Cicero nunca se despensarão de compôr com estudo e trabalho summo as suas orações; e ainda assim mesmo consta de Demósthenez, que, ao romper o silencio, quasi que se lhe tolhia a voz, e mudava de côr, respeitando o numeroso concurso, que vinha escutal-o; e o proprio Cicero testifica de si, que tremia todo, ao olhar para o auditorio, reverenciando-o como um juiz severo, de cuja boca havia de ouvir a sentença do seu merecimento.

§. 7. Quando tiver de falar ácerca de alguma pessoa, ou seja em seu favor, ou contra, será sempre muito conforme ao Decoro, prescindindo do que é devido á nobreza, autoridade, e jerarchia dessa pessoa, que em todo o discurso respirem os sentimentos de humanidade, de doçura, de moderação, e de benevolencia; sem que todavia lhe estejam mal os sentimentos contrarios, quando as circumstancias os pedirem, taes como o

odio dos mãos, a vingança do crime, a desaffronta da innocencia offendida, &c.

§. 8. Pelo que respeita á natureza do assumpto, e ás circumstancias do logar, e do tempo, convêm que o Orador, para guardar as devidas decencias, escolha os pensamentos, e o estilo, que lhes forem mais accomodados; não empregando para um assumpto sério os mesmos, que para outro jovial; para um assumpto nobre, e interessante, os mesmos, que para outro trivial, e de pequena monta; ou *vice versa*, &c. — O mesmo, attendendo ao tempo, e ao logar; pois differente modo de dizer, differente gesticulação, e voz pedem os discursos recitados em occasião de luto, e de calamidade; do que em tempo de prazer, e de alegria; differente em um logar publico, e respeitavel, qual aquelle, em que se acha reunida a Soberania Nacional, e mais que tudo nos logares dedicados para dar culto ao ENTE SUPREMO, do que em outros de inferior graduação, e dignidade. Advertindo a final, que; sôbre o que mais convenha ao Decoro, considerado debaixo destes pontos de vista, a bem advertida Razão, e a apurada educação subministrarão ao Orador mais ajustadas regras, do que todas quantas poderião aqui ver largamente expendidas.

CAPITULO XXV.

DA PRONUNCIÇÃO, E GESTOS, OU ACÇÃO, COMO
REQUISITOS ESSENCIALISSIMOS PARA O BOM
DESEMPENHO DA ELOQUENCIA,

§. 1. Nenhuma cousa é tão contraria aos fins da Eloquencia, como a viciosa *Pronun-
ciação*: Para esta merecêr o epitheto de vi-
ciosa, basta, que não seja; como diz Quin-
tiliano, regulada, clara, sonora e cortezã;
pois uma pronunciação, que não é regulada
e facil, cansa logo o Orador; e uma pron-
unciação injucunda, rustica e extravagante
enfastia o auditorio. — A *Pronunciação*
do Orador não deve ser á maneira de um
rio, quando corre caudaloso, que leva tudo
comsigo; mas como uma chuva, que serena-
mente banha, e se introduz na terra; isto é,
uma *Pronunciação* acompanhada de fôrça e
de intimativa, nunca porêr de furia e de
violencia: deve sim o Orador mostrar sem-
pre, que ha nelle fôgo; porque, se o não
mostrar, ha-lhe de faltar o auditorio com a
attenção: mas o fôgo, em que se accendêr,
seja brando e sereno, na certeza de que esta
serenidade sempre viva e animada é o mais
bello requisito, e ao mesmo tempo a maior
difficuldade da *Pronunciação* oratoria.

§. 2. Todavia convêm advertir, que,

quanto mais uma oração tem cousas grandes e concebidas por um modo bello e animado, tanto menor deve ser o fôgo e a viveza da pronunciação do Orador : e isto por duas razões ; a primeira porque esse grande fôgo impede ao auditorio o gostar, quanto deveria, da bondade e belleza das cousas, que lhe propõe á vista ; a segunda porque se ao grande fôgo da composição se ajuntar o da *Pronunciação*, destes dous fogos entre si unidos formar-se-ha um incendio tão forte, que nem os olhos, nem o entendimento dos ouvintes o poderá supportar. — Os Oradores, que tem cousas de pouco peso para dizer, são commummente os que declamão mais alto, levantando tanto mais a voz, quanto maior é a penuria de suas razões ; por quanto imaginação, que com uma pronunciação fogosa hão de dar pêso ao, que o não tem, e prêço ao, que nada vale ; gritão, enfurecem-se, e é este todo seu merecimento, como se a arte de persuadir, ou de convencêr fôsse a arte de clamar, do que ja no seu tempo se queixava Cicero, quando dizia, *latrant jam quidem oratores, non loquuntur* = ladrão na verdade, não falão, os oradores. =

§. 3. Devendo ser pois o fôgo da *Pronunciação* sim ardente, mas sereno, isto não tira, que possa ser mais ou menos activo, segundo as occasiões ; porque nesta materia ha diversos grãos de serenidade e de fôgo, que o Orador deve indispensavelmente mostrar : Para isto ha de primeiro sentir o seu

espírito o mesmo, que pronuncia a lingua; pois, se assim não succeder, será fátuo todo o seu fôgo; de maneira que, á medida que elle se vir mais ou menos movido, e penetrado, assim seja a sua pronunciação mais ou menos viva, mais ou menos serena.

— Esta regra de se consultar primeiro o espirito, para assim saber o gráo de viveza, ou de serenidade, com que se ha de pronunciar, até serve para o Orador compôr a voz, de sorte que seja agradavel aos ouvidos, e pareça, não de homem rustico, mas de corteção: e a razão é, porque o coração é a fonte dos affectos; e pronunciando-se, como inspirar a alma, impossivel será, que o Orador se faça injucundo, áspero, e de extravagante *Pronunciação* aos ouvidos do seu auditorio.

§. 4. A pronunciação clara, expedita e accommodada á materia, para ser de toda energica, necessita muito do soccôrro da acção; pois sem esta é quasi cadaver a Eloquencia: importa porém observar, que ao homem, que professa o nobre officio de falar em publico á multidão, e de engrandecer com a sua lingua as cousas dignas de serem seguidas ou imitadas, só convêm acções nobres e gestos magestosos; de sorte que, se não proporcionar ao seu character estes requisitos, representará uma figura indecente.

§. 5. Convêm igualmente ao Orador umas acções vivas e animadas; por que, devendo dizer cousas grandes e persuasivas, ha mis-

ter parecêr penetrado e movido, para que delle se não diga o, que dizia Cicero a um Orador, cujas acções não concordavão com o, que pronunciava, *an ista, si vera essent, sic a te dicerentur?* = acaso falaria assim, se houvesse verdade no que dizes? = Mas neste ponto é preciso advertir ao Orador, que ponha especial cuidado em não usar de certas acções affectadas, violentas e furiosas, equivocando-as com as naturaes, animadas e vivas.

§. 6. Não se deve pôr menos estudo em fugir de mostrar um gesto demasiadamente compassado e medido; por que além de ser indecorosa ao Orador toda a affectação, entra o auditorio a persuadir-se, de que mais lhe querem lisongear os sentidos, do que intimar verdades. — Deste gesto vicioso nasce outra affectação, a qual consiste em querer com as mãos como pintar tudo quanto se diz, a que Cicero chamava *argutia digitorum* = subtilezas de dedos: = : taes subtilezas pueris poderão, quando muito, pertencêr ao Comediante; mas nunca ao Orador, o qual deve lembrar-se da gravidade do seu character, que não é imitar, e fingir ser outro, como pretende o representante de theatro. Ha de accionar com viveza, composição e graça; mas sobre tudo, com variedade, accomodando as acções á materia, e sempre com um ar natural, que nada respire de affectação.

§. 7. Advertiremos, que por acções não

devem só entender-se as, que se fazem com as mãos; pois também a mudança de semblante, o diverso movimento dos olhos, e ainda um breve silencio são acções; e certamente as mais vivas e cheias de energia: Em uma palavra, a acção, que se julgar mais decente na occasião, essa é a, que se deve fazer; por que só essa é que ha de agradar.

§. 8. Acerca do methodo, que propomos ao Orador para elle adquirir o habito de gesticular accomodadamente á verdadeira Eloquentia, reduz-se o essencial a recomendar-lhe, que observe o, que vir fazer a outros, que são universalmente louvados por esta eloquencia do corpo; não os imitando porém em tudo á risca, por que se não segue, que lhe convenha tudo o, que convém a outros. — Em summa, o mais acertado será o confiar-se de um amigo intelligente e sincero, o qual o avise dos defeitos, em que costuma cahir no acto de orar, ou esses defeitos procedão da descompostura da voz, ou da affectação do gesto, ou da impropriedade das acções.

CAPITULO XXVI.

A CULTURA DA MEMORIA E DE PRIMEIRA
NECESSIDADE PARA O EXERCICIO
DA ELOQUENCIA.

§. 1. Ter *Memoria* feliz depende muito da Natureza; por que ella nenhuma outra cousa é senão a faculdade natural da alma de conservar as ideas e noções dos objectos, e de as reproduzir na ausência destes por meio dos seus differentes actos: porém a facilidade destes actos é devida em grande parte ao exercicio. — Convém pois, que o Orador cultive bem e assiduamente a sua memoria com o exercicio, enriquecendo-a de vocabulos proprios; e fazendo que o enlace das ideas das cousas e dos seus nomes seja tão estreito, que as ideas e expressões andem sempre de companhia: Por quanto se o Orador não retém fixamente na memoria tudo quanto ha descoberto e ordenado antecipadamente, para chegar ao fim, que no seu Discurso se propõe, o fructo da sua Eloquencia será nenhum.

§. 2. Além de que, visto que o Orador se vê muitas vezes obrigado a falar em publico sem longo intervallo de preparação, precisa, afim de desempenhar dignamente o seu officio, não só possuir uma memoria fiel, po-

rêm de mais a mais facilidade de decorar, e de reter o, que nesse curto intervallo de tempo tem meditado, assim pelo que respeita aos pensamentos e á sua disposição, como ás palavras mais accomodadas para os exprimir : É por tudo isto que a cultura da Memoria vem a ser de importancia summa para todo aquelle, que aspira a desempenhar com felicidade e applauso a profissão de Orador.

§. 3. Um dos modos de enriquecêr a Memoria de vocabulos e de frases, dignas de figurar na Eloquencia, é o trato e a conversação com pessoas polidas em estudos, e que cuidão muito em não servir-se de palavra, ou de modo de falar estranhado pelo uso.

Outro tanto resultará da lição de bons livros; visto que estes não apresentam á Memoria senão vocabulos e frases puras : Já se sabe, que nisto deve haver certa limitação; e vem a ser, que os livros se hão de ler com cautela, porque os seus autores viverão em seculos diversos, e cada seculo quasi que tem a sua Língua. Por tanto, se o Orador seguir a estes mestres sem discernimento e reflexão, apparecerá com um estilo extravagante, e falando uma linguagem, com que dará largo assumpto á justa censura do auditorio.

§. 4. Ultimamente, posto que tenhamos recommendado ao Orador a lição de bons livros, convém advertir-lhe, que não ha de ser com o fim de roubar delles as suas me-

lhores frases, os seus mais finos pensamentos, e a delicada variedade dos seus modos de dizer : Pelo contrario só merecerá justamente o nome de Orador, o que (como diz Seneca), imitar as abéllias, as quaes, colhendo o suco de flores diversas, com elle compõem o seu mel, licôr simples, e que nada sabe á sua origem (*).

CAPITULO XXVII.

REGRAS QUE DEVEM SER PARTICULARMENTE
OBSERVADAS NOS DISCURSOS DOS TRES GENEROS
DE ELOQUENCIA DE APPARATO.

Indocti discant, et ament meminisse periti
Indoutos, aprendei; com gosto, ó Sabios,
As lições recordai por vós sabidas.

§. 1. As regras, que até aqui ficam dadas neste Epitome, sem embargo de terem applicação pela maior parte a toda e qualquer Composição do dominio da Eloquencia, tomada na sua accepção mais ampla, pertencem mais especialmente aos tres Generos de Eloquencia em commum, considerada de-

(*) A doutrina destes dous ultimos Capitulos é quasi fielmente copiada do excellente livro, posto que muito pouco conhecido, intitulado *Maximas sobre a Arte Oratoria, extrahidas das Doutrinas dos antigos Mestres, e illustradas por Candido Lusitano* — Lisboa 1759.

baixo da sua acceção mais restricta, a saber, das *Assembleas populares*, do *Fôro*, e do *Pulpito*, conforme a divisão de alguns rhetoricos modernos, por nós seguida por ser a mais apropriada ao estado presente da Eloquentia de apparatus: Com tudo as mesmas regras ajustão-se igualmente á divisão feita por Quintiliano, em discursos dos Generos *Laudativo*, *Deliberativo*, e *Judicial*.

§. 2. Agora neste Capitulo trataremos das regras, que são privativas de cada um daquelles tres primeiros generos, indicando'o, que é proprio de cada um delles, qual seja o seu espirito, o seu character, e o seu estilo particular; visto que os discursos pertencentes a cada um dos mesmos tres Generos tem certas cousas, que lhes são essenciaes, e das quaes muito importa o adquirir ideas exactas, que possão bem dirigir-nos na applicação das regras geraes; e por isso que o conhecimento preciso do character distinctivo de um discurso publico, qualquer que elle seja, é a verdadeira base do que se denomina *gosto puro* relativamente aos discursos desse Genero.

SECÇÃO I.

ELOQUENCIA DAS ASSEMBLEAS POPULARES.

§. 1. Começaremos pelo Genero de Eloquentia, que mais luzes pode derramar sôbre os outros, isto é, pelo das *Assembleas populares*. — Posto que o theatro mais au-

gusto deste Genero de Eloquencia seja indubitavelmente aquelle, no meio do qual cada uma das Nações, regidas por um systema representativo, ventila em grande os negocios publicos do Estado; com tudo é igualmente fóra de duvida, que o mesmo Genero de Eloquencia pode ser empregado diante de assembleas menos apparatusas, taes são todas aquellas, onde existe representada uma parte do poder Nacional, ou onde qualquer numero de homens se reúne para deliberarem sobre questões differentes, sejam politicas, económicas, philanthropicas, litterarias, &c.

§. 2. O fim deste Genero de Eloquencia deve ser sempre a *persuasão*; sendo por isso indispensavel, que se offereça á deliberação algum assumpto, ou que tenha sido enunciada alguma proposta, pelo ordinario relativa a objectos connexos com o bem publico, a qual o Orador se esforce por persuadir aos, que o escutam: Mas como, todas as vezes que se trata de persuadir, é forçoso o começar por convencêr, falando directamente ao entendimento; por isso, qualquer que seja a gradação social dos individuos, que compõem algum destes auditorios, nunca deveremos julgar, que uma linguagem pomposa, mas destituida de sãs ideas, e de raciocínio, possa fazer-lhes a devida impressão, ou grangear sensata reputação ao Orador: verdade esta, que sóbe de ponto, quando uma tal assemblea é composta de homens de

cultivada educação, e de aperfeiçoada intelligencia. Segue-se daqui, que ao Orador das *Assembleas populares* em geral cumpre o ser sempre muito circumspecto, não tratando nunca com leveza os seus ouvintes.

R E G R A I.

§. 3. Como o fundamento de todo o Gênero de Eloquencia seja o bom senso, e a solidez dos pensamentos; a primeira regra, que se offerece a dar relativamente á eloquencia das *Assembleas populares*, é que o Orador trabalhe por fazer-se senhor do assumpto, que pretende tratar; por adquirir todos os conhecimentos, que com elle podem ter connexão; e por munir-se das provas proprias a produzirem a convicção: Por outras palavras, deve o Orador fazer consistir a principal preparação, e como o fundamento de tudo o mais, na meditação profunda do seu assumpto; porque, se praticar o contrario, confiando-se na sua facilidade, contrahirá infallivelmente o habito de falar por um modo frouxo, e sem ordem. — Advertiremos porêm, que a meditação, e preparação mais util neste caso é a, que vérsa sôbre todo o assumpto; pois, pelo que respeita a particularidades, principalmente ás palavras, ás frases, e ainda aos ornatos do discurso, tudo isto se offerecerá depois como espontaneamente ao Orador, não devendo occupar-se de taes cousas senão, como objectos de um estudo secundario.

§. 4. De mais disto a natureza das questões, que se discutem nas Assembleas populares, raras vezes permite ao Orador o preparar um discurso com antecipação, e com todas suas particularidades, como o permitem sempre o *Pulpito*, e algumas vezes também o *Fóro*; sendo que a unica occasião, em que taes discursos preparados podem ter logar, é na abertura de um debate; porque então o Orador é senhor de escolher, ou de limitar o seu assumpto: mas, travada que seja a disputa, e chegando os partidos oppostos a inflamar-se, ja os discursos preparados de antemão não tem logar algum.

§. 5. É certo, que, primeiro que um joven Orador chegue a adquirir sufficiente confiança, e desembaraço para falar com promptidão, o que só se adquire com o habito, não fará mal em confiar á memoria todo o discurso, que intenta pronunciar: mas quando, depois de diferentes ensaios, tiver adquirido alguma presença de espirito, fará bem em não sujeitar-se a um methodo tão penoso: deverá sim escrever algumas frases do principio, afim de começar sem embaraço, e sem confusão; mas para o mais, que houver de seguir-se, contentar-se-ha com breves notas, nas quaes se contenhão ordenadamente os pontos, e os pensamentos principaes, sôbre que se propõe insistir, não se embaraçando com as palavras, as quaes lhe serão suggeridas pelo calor da declamação.

REGRA II.

§. 6. A segunda regra, e talvez uma das mais essenciaes, que o Orador deve seguir, para em uma *Assemblea popular* dominar por sua eloquencia, consiste em trabalhar por se persuadir a si mesmo do que intenta persuadir aos outros; por ser cousa muito rara, se não é impossivel, que se mostre eloquente o homem, quando diz o que não sente: visto ser a linguagem sincera, e que parte do coração a unica accommodada para gerar a persuasão.

REGRA III.

§. 7. Tem por objecto a terceira regra o ensinar, que em todos os generos de discursos publicos não ha cousa mais essencial, do que um methodo claro, e conveniente ao assumpto: Verdade é, que este methodo não deve ser sempre expressamente indicado; mas é tambem fóra de duvida, que nunca deve ser desprezado em um discurso de alguma extensão, afim de que cada uma das cousas fique no seu devido logar. — Para que isto se verifique, convém que o Orador disponha previamente em ordem os seus pensamentos, classificando-os com clareza, antes de os apresentar em publico; pois, dando este soccôrro á memoria, se porá em estado de falar seguidamente, e sem confusão, a

qual não poderá de sorte alguma evitar, todo o que se intrrometer a orar sem plano algum anticipado. — Além de que a ordem augmenta a fôrça, e a clareza a tudo quanto se diz, e põe aos, que ouvem, em estado de seguir sem trabalho toda a marcha do discurso, permittindo-lhes que percebão inteiramente a fôrça dos raciocinios do Orador : É por isso que ha poucas qualidades tão essenciaes ao discurso, como a de ser distinctamente ordenado; visto que por falta de ordem as mais das vezes os ouvintes não attingem ao que, nelle ha de mais importante : donde resulta que, por brilhante que seja a elocução, nunca chega a produzir convicção, e menos persuasão.

REGRA IV.

§. 8. Vêrsa a quarta regra sôbre a natureza da expressão, que convêm á eloquencia das *Assembleas populares*. — É em taes Assembleas que pode ter logar o mais animado modo de dizer, de que são susceptiveis os discursos publicos : por quanto o simples aspécto de grande numero de individuos occupados de uma discussão importante, e attentos ao discurso de um só homem, é só por si sufficiente para elevar a alma do Orador, e para inflammar a sua imaginação; e um tal estado habilitando-o para obrar fortes impressões, autorisa todos os esforços, que fizer para o conseguir. Além de

que, as paixões excitão-se facilmente no meio de uma grande multidão de homens, e communicando-se os seus movimentos por intervenção da mutua sympathia, que se estabelece entre o Orador, e os ouvintes, é em taes circumstancias, que podem ser empregados todos os Trópos, e Figuras, que em devido logar contemplámos como linguagem natural das paixões.

§. 9. Ségue-se do que fica dito, que o calor do discurso, a vehemencia, e o fogo das ideas e dos sentimentos, em uma palavra, todos os arrôjos da alma fortemente commovida, inspirados pelo bem publico, e pela vista de um grande objecto, são as verdadeiras notas caracteristicas da eloquencia popular, levantada ao mais subido gráo de perfeição.

§. 10. Com tudo estes movimentos apaixonados, concedidos ao Orador no Genero de eloquencia, de que estamos tratando, tem suas restricções : ——— 1.^a O calor, que se manifesta nas expressões, deve ser sempre proporcionado ao assumpto, e ás circumstancias; porque não ha cousa mais ridicula, do que falar com vehemencia sôbre um assumpto de pequena importancia, ou que por sua natureza demanda ser tratado com muito socego e tranquillidade: além de que o homem, que em tudo quanto diz mostra paixão e vehemencia, é contemplado como um espirito turbulento, que não merece consideração, nem confiança : ——— 2.^a Nunca

deve fingir-se uma commoção, que se não sente; porque um tal disfarce vem sempre a descobrir-se por meio da expressão pouco natural, a qual expõe o Orador á zombaria: A grande regra é pois o seguir a natureza, sem empregar jamais um modo de dizer, que não concorde com o proprio genio. — 3.^a Ainda quando o assumpto autorise a vehemencia, e com ella sympathise o genio do Orador; ainda que o seu calor seja verdadeiro, e não fingido, deverá evitar que a sua impetuosidade chegue a excesso: porque, se o Orador perder todo o imperio sôbre si mesmo, cessará tambem de o ter sôbre os seus ouvintes. — Cumpre igualmente, que não entre a inflamar-se logo desde o principio, antes sim que comece com moderação: mas á proporção que se fôr excitando, esfôrce-se por ir communicando igual calor aos seus ouvintes; na certeza de que, se os preceder nos seus movimentos apaixonados, se não chegar a uniformal-os comsigo, de prêssa se fará patente essa discordancia incommoda e repugnante: Pelo contrario se, ao tempo em que se sentir mais inflamado pelo seu assumpto, poder ser tão senhor de si, que dê seguida attenção á força dos seus argumentos, exprimindo-se simultaneamente com exacção; este imperio da Razão no meio do tumulto das paixões, o qual é a obra-prima, e a perfeição da Eloquencia, terá um poder maravilhoso para agradar, e para persuadir; pois uma tal

união da Razão forte com a paixão vehemente deixa a esta toda sua influencia, sem mistura de perturbação, e de desordem.

—— 4.^a Finalmente em todo o genero de discursos publicos, e principalmente nos pronunciados diante das *Assembleas populares*, é uma regra essencial a observancia do Decoro prescripto pelas circumstancias do tempo, do lugar, e do character do Orador; sem que a infracção desta regra possa jamais ser desculpada pelo calor da Eloquencia: Por isso a vehemencia, que parece bem n'um homem, que goza de reputação, e de autoridade respeitavel, pode parecer contraria á modestia em um joven Orador: e o tom jovial, os gracejos, que se permittem em certos assumptos, e em certas assembleas, são inteiramente fóra de proposito em assumptos graves, e diante de uma Assembleia respeitavel: *Caput artis* (diz ajustadissimamente Quintiliano) *est decere*: « A regra capital da arte oratoria é a decencia. » —— Por tanto todo o homem, que se proposér a falar em publico, deverá primeiro que tudo trabalhar por adquirir ideas exactas do que convém á sua idade, á sua condição, ao assumpto, que se propõe a tratar, aos seus ouvintes, ao lugar onde se acha, e a todas as mais circumstancias, que poderem occorrer; afim de por ellas regular as suas expressões, e maneiras.

REGRA V.

§. 11. A quinta regra é relativa ao estilo, o qual neste genero de discursos deve ser sempre cheio e não sêcco, livre e natural, não apparecendo nelle por consequencia expressões exquisitas; porque estas servem de obstaculo á persuasão. — Além disto o estilo, que mais lhe convêm, é o forte, e vehemente, isto é, o caracterizado ja por ideas claras e distinctas do assumpto, ja por um ardor e fogo devorante, que indica paixões postas em movimento, por uma imaginação excitada, e por uma alma fortemente abalada. — A linguagem metaphorica, com tanto que seja empregada a proposito, produzirá em taes occasiões um feliz effeito: se as Metaphoras forem bellas, animadas, e descriptivas, embora péquem de alguma sorte por sua incorrecção, obterão alguma desculpa; a qual em uma Obra escripta nunca jamais conseguirião; por que no correr de uma declamação rapida o brilho do Trópo faz impressão, e a incorrecção escapa.

§. 12. Importa advertir, que não é cousa facil o estabelecer justos limites ao estilo deste Genero de eloquencia; considerado em quanto ao gráo de concisão, ou de desenvolvimento; pois, supposto esteja em pratica o recommendar-se para taes discursos o estilo desenvolvido, sômos todavia de opinião, que esta regra geral não deixa de ser arriscada,

por isso que o demasiado uso dessa espécie de estilo fará muitas vezes, que se perca em força, o que se ganha em clareza. — É bem certo, que o Orador, quando tem por ouvintes grande multidão de homens reunidos, não deve falar-lhes em um estilo cheio de sentenças, e de apophthégmas ou maximas; antes pelo contrario lhe deve explicar os seus pensamentos, para melhor intimar-lh'os; mas tambem é fóra de duvida, que nisto pode cair em excesso. — Assim que fique advertido o mesmo Orador, embora lhe cause grande deleite o desenvolver os seus pensamentos, de que se expõe com issò a cançar o auditorio; e que apenas o cansasso começar a manifestar-se, toda sua eloquencia ficará sendo baldada; pois um estilo relaxado, e verboso em demasia não deixa nunca de produzir desgosto: devendo tirar por conclusão, que muitas vezes é melhor arriscar-se a não dizer bastante, do que a dizer de mais.

REGRA VI.

§. 13. Quanto á pronunciaçõ ou declamaçõ, manda a sexta e ultima regra, que, pois neste genero de discursos o Orador fala diante de assembleas compostas de homens de caracteres, e estados differentes, a pronunciaçõ, que mais lhe convêm, é a firme e valente, evitando com tudo ainda a menor apparencia de arrogancia, e de presumpçõ, vicios sempre extremamente aborreci-

do. Ha porém um tom de firmeza, que o homem ainda mais modesto pode tomar, quando se sente fortemente persuadido do que assevéra; e é este o mais proprio para produzir uma impressão geral: — Pelo contrario o Orador, que fala frõuxamente, e com hesitação, dá nisso mesmo a conhecer, que desconfia da sua opinião, o que de certo não é proprio para fazer com que os outros a adoptem.

RECAPITULAÇÃO.

§. 14. Resumindo agora tudo, quanto fica dito relativamente aos caracteres distinctivos da eloquencia, que convêm ás *Assembleas populares*, enunciados nas regras antecedentes, reduz-se o essencial ao seguinte: — 1.º Que o fim da Eloquencia popular é a persuasão, a qual deve ter por fundamento a convicção: — 2.º Que a meditação das provas é a que deve servir-lhe de base, se quizermos merecer o titulo de Oradores, e não o de vãos declamadores; mas que esta meditação, ou preparação do discurso deve antes versar sôbre os pensamentos, do que sôbre as palavras: — 3.º Que um tal Orador ha mister abraçar sinceramente a opinião, que propõe, e enunciar, quanto ser possa, os seus verdadeiros sentimentos, e não sentimentos fingidos: — 4.º Que lhe importa seguir uma ordem clara, e um bom methodo: — 5.º Que o modo de expri-

mir-se seja ardente e animado; mas que no acto da vehemencia, que a occasião pode inspirar-lhe, se não esqueça nunca das atenções, que lhe impõe a decencia em geral, e mais que tudo as que deve aos seus ouvintes; ——— 6.º Que o seu estilo seja livre e facil, forte e descriptivo antes, do que muito desenvolvido: ——— 7.º Finalmente que mostre na declamação firmeza e resolução. ——— E para concluir por uma vez quanto pode dizer-se resumidamente a este respeito: Todo e qualquer Orador deve ter sempre presente ao seu espirito, que a impressão produzida por um discurso elegante, e cheio de artificio, é momentanea; e pelo contrario, a que é obra de um juizo são, e de um raciocinio solido, é firme e permanente.

SECÇÃO II.

ELOQUENCIA DO FÓRO.

§. 1. Uma grande parte do que fica dito relativamente á eloquencia das Assembleas populares, pode applicar-se á eloquencia do Fóro: mas como nem tudo lhe é applicavel, começaremos por apontar algumas differenças, que entre estes dous Generos de eloquencia existem. ——— Primeiramente: O fim, a que se propõe em geral os discursos forenses, é diverso do das Assembleas populares; porque o fim dos discursos nestas pronuncia-

P

dos é a persuasão, e o daquelles é a convicção; isto é, nos discursos das Assembleas populares deve o Orador esforçar-se por persuadir aos seus ouvintes a pratica do que é bom, ou sequér util; e nos do Fôro deve cançar-se em mostrar aos juizes o que é verdadeiro e justo : Pelo que é mais que tudo ao entendimento que deverá encaminhar-se toda a fôrça da sua eloquencia, differença esta entre os dous Generos, que importa não perder de vista.

§. 2. Em segundo lugar : O Orador forense tem de falar com poucos juizes, e até algumas vezes com um só, os quaes em geral são homens graves, maduros na idade, de autorisada reputação, em cujos corações não é facil despertar paixões; que escutão o Orador tranquillamente, com severa vigilancia; e perante os quaes por consequencia elle se exporia a parecer ridiculo, se tomasse o tom de vehemencia, que só convêm, quando se fala perante uma grande multidão : Tudo isto ao contrario do que acontece nas Assembleas populares.

§. 3. Finalmente : A natureza, e a discussão dos objectos, que são tratados no Fôro, demandão uma especie de Eloquencia muito differente da das Assembleas populares; porque a destas Assembleas raras vezes se restringe a uma regra precisa, podendo o Orador lançar mão das provas, que bem lhe aprouvé, e servir-se de todos os exemplos, que a sua memoria lhe suggerir : o contrario

disto acontece no Fôro, onde o campo da Eloquencia é limitado; por ser indispensavel o falar conforme ás leis, ou ás determinações em geral; e onde por consequencia o Orador não pode entregar-se aos vôos da sua fantasia, mas antes o seu officio consiste em applical-as constantemente aos assumptos, que lhe são offerecidos á discussão.

§. 4. Deduz-se claramente do que fica dito, que a natureza, e a discussão dos assumptos, que se tratão no Fôro, exigem um genero de Eloquencia muito diverso do que tem logar nas Assembleas populares: assim como que o estilo dos discursos forenses deve ser tambem mais temperado e modesto; por offerecerem um campo muito mais limitado, do que o daquellas Assembleas. — Por esta razão convêm, que não sejam havidas como modelos exactos de discursos forenses para o tempo actual as orações, ainda as do Genero Judicial, que lemos em Demósthene, e Cicero; visto que entre os Gregos e Latinos a eloquencia do Fôro podia avishnar-se muito mais á das Assembleas populares, do que a presente, e isto por duas razões: — 1.ª Porque nos antigos discursos judiciaes se vião os Oradores menos obrigados a accingir-se ao sentido restricto da lei, do que entre as Nações modernas; em razão de serem as determinações municipaes poucas em numero, simples, e concebidas por um modo geral; e depender por isso mesmo em grande parte a decisão das Causas

do bom senso, e da equidade natural dos juizes; sendo por esta mesma razão que os advogados antigos se applicavão mais ao estudo da Eloquencia, do que do Direito. — 2.º Porque os juizes civeis, e criminaes de Grecia, e de Roma erão, pelo ordinario, muitos mais em numero, do que em os nossos Tribunaes, formando, por assim dizer, uma especie de Assembleia popular: Verdade é, que esta circumstancia pode hoje verificar-se igualmente, ao menos em parte, naquelles Estados, onde se acha estabelecido ja, ou onde vier a estabelecer-se o Tribunal dos Jurados tanto para as causas crimes, como ainda para as civeis; e neste caso fica sendo claro, que ao Orador forense de taes Estados se offerecerá um theatro mais amplo, para nelle desenvolver com maior desafôgo os seus talentos oratorios. — Sem embargo porêm do que fica expellido, convêm advertir, que o estudo bem meditado daquelles illustres modelos da eloquencia Grega, e Romana, não deixará de ser muito proveitoso ao Orador forense; mas isto unicamente pelo que diz respeito ao artificio, com que taes Oradores compunhão os seus Exordios, com que nelles conciliavão a benevolencia dos juizes; e bem assim pelo que respeita ao methodo de arranjar os factos com distincção, de narrar com graça, de produzir e fazer valer as suas provas, &c.

§. 5. Antes de passarmos ás regras particulares da eloquencia do Fôro, importa

mais ainda advertir, que o primeiro fundamento da reputação de um advogado, e de todas as victorias forenses, que elle se proposer a alcançar, deve ser o conhecimento profundo de quanto pode fazer objecto da sua profissão. — Em segundo lugar, que, para ser bem succedido no exercicio do seu emprego, é tambem condição indispensavel, que dê a cada uma das Causas, de que se encarregar, a mais séria attenção; afim de conhecer a fundo todos os factos, e todas as circumstancias, que com a mesma Causa tiverem relação: Para o que faz muito ao caso, que tenha sempre presente o exemplo de Cicero, o qual nos diz de si, que, todas as vezes que era consultado por algum cliente, se entretinha com elle em larga conversação ácerca do seu negocio, até lhe penetrar bem no âmago; não se descuidando de que uma tal conferencia fosse entre ambos somente, para que o mesmo cliente podesse explicar-se com mais liberdade: que então lhe propunha toda a sorte de objecções, e até pleiteava com elle a favor da *parte* contraria, com intento de poder descobrir a verdade, e de instruir-se de todo o negocio sem alguma reserva: finalmente que depois de retirado o cliente, se occupava em pesar bem consigo mesmo todos os factos, que lhe havia escutado, revestindo-se successivamente do character de advogado da sua *parte*, do da *parte* contraria, e ainda do character de juiz: A cujo respeito merecem ser lidos com at-

tenção os Capitulos 7, 8, e 9 do Livro XII. das *Instituições Oratorias* de Quintiliano.

§. 6. Suppondo agora o advogado ja sufficientemente preparado com os bons estudos da Jurisprudencia, e com o pleno conhecimento da Causa, que tem de advogar; segue-se o advertir-lhe, que, para a sustentar com bom successo, lhe é muito necessaria a Eloquencia : Pois embora haja, como effectivamente ha, assumptos só per si bastantes para interessarem aos ouvintes ; com tudo no Fôro, onde se discutem, pelo ordinario, materias sêccas, e subtis, exige-se o emprego de todos os meios, que servem para fixar a attenção, para dar ás provas a devida fôrça, e para impedir, que nenhuma parte da Oração escape áquelles a quem ella é dirigida, &c.

REGRA I.

§. 7. Manda esta regra, que a elocução, qual a que convém ao Fôro, ou ella tenha applicação aos discursos, que hão de ser pronunciados, ou aos arrazoados escriptos, seja a de um genero tranquillo e moderado, como a mais propria de um modo de discorrer apanhado e rigoroso : visto que um estilo flórido, e uma elocução brilhante não deixarião de despertar desconfiança nos juizes. Sôbre tudo o Orador forense deve esmerar-se em que a sua expressão seja pura, e correctá ; em que no seu estilo sobresahia

a clareza, e a propriedade, não o sobrecarregando inutilmente com termos técnicos de Jurisprudencia, e de Pratica; sem todavia evitar com affectação esses termos, todas as vezes que o assumpto exija o seu uso.

REGRA II.

§. 8. Pois que um dos vicios geralmente notados nos oradores forenses é a verbosidade desnecessaria, recommenda a segunda regra aos, que começam a exercer a advocacia, que se livrem desta especie de vicio, antes de o haverem contrahido, e em quanto lhes sobeja o vagar necessario para trabalharem os seus discursos; exercitando-se particularmente com a penna na mão em adquirir um estilo forte, e correcto, que exprima em poucas palavras maior numero de pensamentos, e melhores, do que o poderia fazer uma accumulção de periodos longos, e embaraçados: pois, uma vez adquirido este bom habito, elle se converterá em natureza, e lhes servirá de grande proveito no tempo, em que a multiplicidade e affluencia dos negocios os obrigar a compôr mais precipitadamente.

REGRA III.

§. 9. O Fôro é um dos logares, onde o merecimento de uma composição bem acabada se dá mais claramente a conhecer.
— Dous são os caracteres principaes des-

te verdadeiro merecimento : Consiste o primeiro no modo de propôr a questão, na arte de mostrar intelligivelmente qual é o objecto da discussão, o que se concede, o que se nega, e o ponto preciso, em que as Partes começam a dissentir, que é o que em Elocuencia se denomina *Estado do discurso* :

—— Consiste o segundo caracter de uma boa oração forense na ordem e arranjamênto de todas suas partes ; pois, ainda que em toda e qualquer especie de discursos seja de importancia extrema a clareza do methodo ; é nas questões difficeis e enredadas, que occupão as mais das vezes o Fóro, onde mais claramente se deixa ver o ser elle essencialissimo. —— Eis a razão por que manda a terceira regra, que o advogado ponha da sua parte o maior cuidado, e emprêgue as mais aturadas fadigas em estudar préviamente o plano, e o arranjamênto, que em taes questões deve seguir ; porquanto, se no seu discurso deixar ficar alguma cousa menos distincta, se nelle apparecer a mais pequena desordem, toda a Causa permanecerá na obscuridade, e por consequencia debalde aspirará a produzir convicção.

REGRA IV.

§. 10. Pelo que respeita á narração dos factos, ordena a quarta regra, que ella seja tão concisa, como o pode permittir a natureza do assumpto. —— Na verdade é sem-

pte da maior importancia, que os factos persistão na memoria dos juizes por todo o decurso da oração forense; porém, se o advogado os contar por um modo fastidioso, e se lhes accrescentar circumstancias inuteis, opprimirá a memoria com um peso, que ella não pode supportar : Pelo contrario, se souber desbastar, para assim dizer, a sua narração, se, cortando-lhe todas as circumstancias supérfluas, fizer sobresahir os factos essenciaes, tudo quanto contar ficará mais claro, e fará uma impressão mais duradoura.

REGRA V.

§. II. Quanto ás provas, aconselha a quinta regra, que sejam tratadas no Fôro mais desenvolvidamente, do que em outro qualquer Genero de discurso : ——— Porque nas Assembleas populares, por exemplo, onde a materia dos debates é muitas vezes uma questão pouco complicada, as provas, fundadas sôbre principios universalmente conhecidos, adquirem fôrça pela concisão; sendo que pelo contrario a obscuridade de certos pontos de Direito requiere indispensavelmente, que as provas sejam tratadas com maior extensão, e que sejam apresentadas de baixo de differentes faces; afin de poderem ser melhor comprehendidas. ——— Falando da refutação, recommenda a mesma regra, que, quando um advogado refutar as provas de seu adversario, ponha todo o cuidado em

as não desfigurar, nem jamais as apresente debaixo de um ponto de vista, que não seja o verdadeiro; porque essa sua astucia não ficaria por muito tempo encoberta; e desmascarada que fosse, inspiraria ao juiz, e ouvintes certo sentimento de desconfiança, rematando em representar-lhe o Orador, como falto de discernimento, ou de franqueza: — Pelo contrario, quem ouvir expôr com exacção, e candura a um advogado as provas, de que se servio contra elle o seu adversario; sentir-se-ha immediatamente prevenido em seu favor, e o juiz se disporá a receber com mais confiança as impressões que lhe forem communicadas por um Orador de sãa intelligencia, e de probidade reconhecidas. — Além de que em nenhuma parte do seu discurso tem o advogado melhor occasião de mostrar a sua habilidade, do que naquella em que recapitula as provas do seu adversario com o fim de as refutar.

REGRA VI.

§. 12. Convêm a sexta regra, em que os ditos agudos ou chistes não deixão de ter algumas vezes logar no Fôro, e que podem até produzir bom effeito em uma réplica animada, a qual tenda a ridiculizar os ditos da Parte contraria: Mas, posto que a reputação de homem engraçado por suas agudezas possa lizongear a um mancebo; sempre lhe aconselhará esta mesma regra, que

não confie nesse seu talento, para adquirir boa reputação; porque o officio de advogado não é o fazer rir os seus ouvintes, ou leitores, mas sim o convencêr os juizes.

REGRA VII.

§. 13. A septima regra reputa como coisa util em um advogado o pleitear sempre com certo gráo de calor : — É certo que a vehemencia é mais natural a quem fala com a multidão; porém, ainda falando com uma só pessoa, o calor, que provém do interesse sério, que o homem tóma pelo que diz a outrem, é um dos meios mais poderosos para obrar nelle a persuasão : — De mais disto os mesmos clientes sentem-se naturalmente pouco inclinados a confiar os seus negocios a um homem, que por elles se mostra pouco interessado. — Por outra parte, um advógado não deve prostituir igualmente a sua sensibilidade a todas as Causas, que lhe são confiadas : e pois ha uma certa dignidade de character, que é propria da sua profissão, e que lhe convêm mantêr, não deve nunca esquecer-se, de que a opinião, que os outros formão da honra, e da probidade de quem fala, é para elle um dos meios mais poderosos para ganhar a persuasão; visto ser quasi impossivel, que os ouvintes separem completamente a impressão, que lhes causa o negocio, com que o Orador os está occupando, da que elles tem recebido do cara-

cter do mesmo Orador. — Ha mister pois de esforçar-se cuidadosamente por manter a boa opinião, que os outros tem formado da sua honra, e da sua probidade, mostrando delicadeza ja na escôlha das Causas, de que se incumbir, ja no modo de as tratar : para o que cumpre, que se recuse sempre a prestar o seu ministerio a Causas odiosas, ou manifestamente injustas : e quando acontecer, que defenda alguma, que seja duvidosa, deve esforçar-se por sustental-a com as provas mais plausiveis; reservando o tom de zêlo, e de indignação para os casos, nos quaes fôrem mais palpáveis a injustiça, e a iniquidade.

SECÇÃO III.

ELOQUENCIA DO PULPITO.

§. 1. Antes de entrarmos a dar as regras, que o bom senso manda seguir no uso da Eloquencia do Pulpito, começaremos por fazer notar as ventagens, e desvantagens deste Genero de Eloquencia, comparado com os dous antecedentes. — A primeira vantagem, e incontestavel superioridade, de que sôbre os discursos dos outros dous Generos gozão os do Pulpito, é derivada da importancia, e da dignidade dos seus assumptos, cuja natureza é tal, que os faz interessantes a todas as classes de pessoas, e dos quaes cada um dos individuos pode fazer facil ap-

plicação a si mesmo. — 2.^o Estes discursos permitem os mais ricos ornatos nas descripções, calor e vehemencia na exposição dos motivos. — 3.^o Nelles o Orador, não fala com um só, ou com poucos juizes, como no Genero forense; mas antes com uma Assembleia numerosa. — 4.^o Tem toda a certeza de não ser interrompido, não tem que fazer réplicas, e está dispensado dos esforços necessarios para falar de improviso; pelo contrario elle é quem com todo o vagar escolhe as mais das vezes o seu assumpto, e por isso se apresenta no publico munido de todos os soccorros, que pode subministrar uma preparação completa.

§. 2. Mas se a Eloquencia do Pulpito goza de todas estas ventagens, offerece tambem difficuldades, que lhe são proprias. — É certo 1.^o que o prégador não tem, como nos outros Generos de discursos, adversario que combater; mas tambem é certo, que a disputa e os debates despertão o genio, e fixão a attenção: — 2.^o os seus assumptos, posto que nobres, e importantes, são trilhados e familiares a toda a gente: tantos oradores, tantos escriptores os tem tratado por longa série de seculos; os ouvidos achão-se tão costumados a elles, que, para fixar a attenção dos ouvintes, e para prendel-a por um modo constante, faz-se necessaria uma elevação de talento mais que ordinaria: é por isso que, entre tudo quanto pode ser objecto da arte, talvez não haja cousa mais

difficil, do que o dar a um assumpto commum as graças da novidade : ——— 3.º é muito para ponderar, que os assumptos do Pulpito obrigão em geral ao prégador a concentrar-se no recinto das qualidades abstractas, das virtudes, e dos vicios; ao passo que os outros Oradores podem falar ácerca das pessoas, assumpto que pelo ordinario interessa mais os ouvintes, e lhes fére mais vivamente a imaginação : Assim, por exemplo, o officio do prégador é, falando em geral, fazer odiar o crime, o advogado faz odiar o criminoso; mas por isso que o segundo designa uma pessoa realmente existente, desperta mais facilmente a indignação, do que o primeiro : ——— É por todas estas razões, que no meio de tão grande numero de prégadores, alguns delles indubitavelmente bons, tão poucos apparecem, que mereção o epitheto de excellentes; que a arte de prégar se encontra ainda muito longe da perfeição; e que ha poucas artes, nas quaes seja mais difficil o tocar o summo.

ARTIGO I.

Regras Geraes deste Genero de Eloquencia.

REGRA I.

§. 1. A primeira das regras geraes para o bom desempenho da eloquencia do Pulpito, é que o prégador conceba idea exa-

cta do fim do ministerio da prégação, sem jamais perdê-lo de vista : ora o fim da prégação é sem duvida o persuadir aos homens, que sejam melhores ; por isso todo o sermão deve ser um discurso persuasivo. — Isto não quer dizer, que o prégador se abstenha de instruir, e por consequencia de raciocinar ; porque toda a persuasão, como anteceden- temente fica dito em diferentes logares, ha de ser fundada na convicção : porém é ne- cessario estar certo ao mesmo tempo, de que todas as instrucções do prégador se devem en- caminhar á prática, e de que a persuasão ha de ser sempre o seu objecto principal ; pois não é para discutir algum ponto obscuro de doutrina que elle sóbe ao pulpito, não é pa- ra esclarecer alguma opinião metaphysica, ou para ensinar aos homens cousas novas, e de que nunca tenham ouvido falar ; mas sim para os fazer mais homens de bem, para lhes dar ideas mais claras das verdades da Reli- gião, e para conseguir que dellas lhes fiquem gravadas n'alma persuasivas impressões.

R E G R A II.

§. 2. Ordena esta segunda regra geral, que a eloquencia do Pulpito seja uma elo- quencia popular : — Não quer dizer nisto, que o Orador se accomode aos gos- tos, e prejuizos do pòvo (pois se assim obras- se, se faria desprezível) ; mas que se esmê- re em fazer com a sua eloquencia impressão

no povo, chegando-lhe ao coração, e apoderando-se d'elle. É certo, que o Orador deve sempre falar a linguagem da Razão, dando aos seus ouvintes sôbre todos os assumptos, que tratar, ideas as mais claras, e occupando-se incessantemente do sentido, e não dos sons das palavras; porêm se o seu unico merecimento se reduz a raciocinar exactamente, se não possui o talento de persuadir, é fóra de duvida, que só cumprirá imperfeitamente a incumbencia, que lhe está confiada.

REGRA III.

§. 3. Sendo certo, que o Sermão deve ser um discurso persuasivo, é deste principio necessaria e importantissima consequencia, que ao Orador cumpre o ser homem virtuoso: — Porquanto ja vimos atrás, que em nenhum genero de discursos pode alguém ser verdadeiramente eloquente, uma vez que não fale com plena convicção do que diz, isto é, se não exprimir os seus proprios sentimentos; por isso que as verdadeiras vozes são as que partem do intimo do peito: Ora sendo isto innegavel, como o é sem duvida, applicado a todos os discursos publicos; com muita mais razão o deve ser na sua applicação particular aos discursos do pulpito, nos quaes é essencial, que o Orador esteja persuadido da verdade, e da importancia das doutrinas, que intenta fazer adoptar pelos seus ouvintes: não basta, que

tenha uma crença especulativa, mas cumpra que dellas se sinta ao mesmo tempo viva e intimamente penetrado : um tal sentimento dará fôrça, e peso ás suas exhortações, e as animará de um pio fervor, muito superior em seus effeitos a todos os artificios de uma eloquencia estudada ; ao passo que a falta deste sentimento não pode ser substituida de maneira alguma pelos recursos da arte, os quaes produzirão apenas uma vã declamação. — É de advertir, que a difficuldade de chegar ao alto gráo de virtude, e de piedade habitual, que exige a eloquencia do Pulpito, é talvez uma das causas principaes, por que são tão raros os pregadores excellentes.

REGRA IV.

§. 4. Os principaes caracteres da eloquencia do Pulpito podem reduzir-se a dous, que são *gravidade*, e *calor* ; *gravidade*, em razão da natureza séria dos assumptos, que no pulpito devem ser apresentados ; e *calor*, por causa da sua importancia para todos os homens. — Da reunião de *gravidade*, e *calor* resulta um terceiro character, designado pelo nome de *unção*, modo de dizer tocante, e cheio de interesse, que procede de um coração commovido, profundamente penetrado da importancia das verdades, que annuncia, e occupado unicamente do desejo de que estas verdades fação nos seus ouvin-

Q

tes toda a impressão, que dellas se deve esperar.

REGRA V.

§. 5. Logo que o Orador tiver adquirido ideas precisas ácerca da natureza, e do fim da eloquencia do Pulpito, o objecto, que deve fixar a sua attenção, é a escolha dos assumptos proprios deste Genero de eloquencia. — A unica regra geral, que a tal respeito pode dar-se, é que os assumptos sejam simultaneamente os mais uteis, e os mais apropriados á situação, e circumstancias de seus ouvintes; pois nunca poderá ser chamado eloquente aquelle homem, que falar a uma assemblea qualquer sôbre assumptos, ou em estilo superior ao alcance de todos, ou ainda da maior parte dos que a compõem. — Além de que é o proprio senso commum, quem nos ensina a desprezar os vãos applausos da ignorancia, a qual admira o que não entende; dictando-nos ao mesmo tempo, que a utilidade é inseparavel da verdadeira eloquencia; e que ninguem pode ser havido por bom prégador, uma vez que não seja reconhecido por um prégador util.

ARTIGO II.

REGRAS PARTICULARES.

REGRA I.

§. 1. Quanto ás regras particulares sobre a composição dos Sermões; a que julgámos deve dar-se em primeiro logar, é a relativa á sua *unidade*. ——— Em toda a especie de composições é sem duvida da maior importancia o conservar o mais possivel esta unidade: porêm nos outros generos de eloquencia, nos quaes a escolha do assumpto não depende do Orador, a observancia desta regra acha-se menos ao seu alcance, ao passo que n'um Sermão se o pregador a não observar, esse defeito será sempre indesculpavel. É de advertir, que a recommendação da *unidade* nenhuma outra cousa quer dizer, senão que no Sermão deve haver sempre um ponto principal, a que a totalidade do discurso se refira, isto é, que um só objecto seja o que em todo elle predomine.

§. 2. Esta regra tem por fundamento uma verdade de experiencia individual, a saber, que o espirito humano não pode occupar-se fortemente, e ao mesmo tempo, senão de um só objecto principal; pois, repartida que seja a attenção por diferentes objectos, enfraquece-se immediatamente a impressão, que se pretende fazer: ——— Com tudo esta *uni-*

dade, sem a qual o Sermão não pode ter a devida fôrça, e belleza, não exclue as diviões ou partes distinctas; nem requiere igualmente, que o discurso verse sôbre uma unica idea, volvida por diferentes modos, e apresentada aos ouvintes debaixo de todas suas faces; pois fôra isso entender a palavra *unidade* em um sentido demasiadamente restricto: a *unidade*, de que aqui se trata, envolve alguma variedade, admite partes accessorias e subordinadas; porêm estas partes devem estar unidas, e ligadas entre si por um modo tão intimo, que tudo concorra a produzir no espirito uma impressão geral, e unica.

REGRA II.

§. 3. Deriva-se em grande parte da doutrina antecedente a regra segunda, a saber: Que os Sermões produzirão tanto maior effeito, quanto mais particular e preciso fôr o seu assumpto; porquanto, ainda que se possa tratar um assumpto geral de modo que nelle se conserve a *unidade*, é todavia impossivel, que ella seja tão rigorosamente observada, como em um assumpto particular.

— É certo, que o elogio de uma virtude, e de uma qualidade amavel, ou a censura de algum vicio subministrão um assumpto, que não é destituido de precisão, e de unidade; mas, se o Orador se limitar a contemplar este vicio, ou aquella virtude debaixo de certo ponto de vista particular, se elle

os considerar taes, como se patenteão em certos individuos, e em determinadas situações da vida, o assumpto adquirirá infallivelmente novo interesse : convimos em que a sua execução será mais difficil, porêm o seu merecimento, e effeito serão tambem muito superiores.

REGRA III.

§. 4. Nunca o Orador deverá procurar dizer sôbre qualquer assumpto tudo quanto sôbre elle pode dizer-se ; defeito este dos maiores, em que poderia cahir : Escôlha os objectos mais uteis, mais tocantes, mais proprios, entre todos os que o seu texto lhe offerecer, para operarem a persuasão, e sôbre elles faça versar todo o seu discurso ; porque como o fim dos discursos pronunciados no pulpito seja muito menos o instruir, do que o persuadir, e nada seja menos proprio para gerar a persuasão, do que uma abundancia inutil ; ha por isso sempre muitas cousas, que o prégador pode suppôr conhecidas, e outras que podem ser tocadas levemente : — Pelo contrario se elle quizer não omittir cousa alguma de quantas o seu assumpto é capaz de suggerir-lhe, em vez de com ellas dar clareza, e fôrça ao seu discurso, antes o fará infallivelmente mais enredado e fraco.

REGRA IV.

§. 5. O prégador, no acto de meditar o Sermão, deve imaginar-se collocado no lugar de um dos seus ouvintes, suppôr que lhe dirigem um discurso ácerca do assumpto por elle escolhido; e então perguntar a si mesmo, qual seja o ponto, que lhe parece mais tocante, que razões, e motivos teria por mais proprios para o convencerem e persuadirem, e quaes as partes deste assumpto, que mais profunda impressão farião no seu espirito. — Feito isto, conhecerá então, quaes sejam os principaes materiaes, de que lhe importa fazer uso, e dos quaes é provavel, que o seu genio se servirá mais ventajosamente; escolhendo entre todos os pontos de vista, que o seu *thema* offerecer, aquelle que o mesmo *thema* lhe indicar como principal; pois é grande erro o ter por oradores mais profundos aos, que tratão os seus assumptos mais extensamente. — Pelo contrario esses circuitos fastidiosos, de que alguns pré-gadores usão em todas suas explicações, procedem as mais das vezes da falta de discernimento para descobrir o objecto mais importante, ou de habilidade para o fazer valer.

REGRA V.

§. 6. Esforçar-se-ha mais que tudo o pré-gador para que as suas instrucções sejam in-

teressantes ás pessoas, a quem são dirigidas, na certeza de que esta é a grande prova, e o verdadeiro character do genio proprio para a eloquencia do pulpito. — Verdade é, que o interesse, que um Sermão deve despertar em seu favor no espirito dos ouvintes, depende em grande parte do modo, com que é declamado; porque o tom do Orador influe sempre poderosamente na impressão, que intenta produzir: mas este interesse tambem depende muito da composição do discurso; advertindo ao mesmo tempo, que para prégar de um modo interessante, não são requisitos essenciaes uma linguagem escrupulosamente apurada, e descripções elegantes; mas que este grande segredo consiste principalmente em falar ao coração, e em fazer que os ouvintes applicuem a si o, que é dito a todos, de maneira que cada um julgue, que o prégador só com elle fala.

§. 7. O prégador alcançará este fim: 1.º Evitando os raciocinios complicados, as proposições geraes e meramente especulativas, e as regras praticas enunciadas por um modo abstracto, em uma palavra, encaminhando o mais possivel o discurso directamente aos seus ouvintes: — 2.º Não perdendo nunca de vista a differença das idades, dos characteres, dos estados, e accommodando a estas differentes classes de ouvintes os conselhos, e as exhortações, que lhes são dirigidas; na certeza de que interessará sempre áquelle que sente, que tudo, quanto se lhe

disser, tem relação com o seu character, e com a sua situação.

§. 8. Para se descobrirem estas relações, faz-se indispensavel o estudo da vida, e do coração humano; pois o entrar no mais intimo dos corações, fazer patentes a um homem as suas proprias fraquezas, mostrar-lhe o seu character debaixo do verdadeiro ponto de vista, é sem duvida meio infallivel de produzir grandes effectos: — Consequentemente exemplos tirados dos factos historicos, e dos successos reaes da vida, muitos dos quaes nos são subministrados pelos livros, e sôbre todos pelos da SAGRADA ESCRITURA, serão propriissimos, quando forem bem escolhidos, para fixarem a attenção dos ouvintes; porque estes exemplos corrigem até certo ponto o defeito da prégação, atrás apondado, de falar não das pessoas, mas das qualidades em abstracto; dão peso ás verdades religiosas, fazem sentir a sua realidade, e as apresentam da maneira mais accommodada para obrar a persuasão.

R E G R A VI.

§. 9. É dedicada esta regra para obstar ao perigo, em que pode cahir o Orador, de conformar-se no seu modo de prégar com os caprichos da moda, ja querendo que na prégação predomine o modo poetico, ja o philosophico, umas vezes querendo que tudo seja pathetico, outras que nella nada appareça,

que não sejam provas de razão, &c. — **B** de advertir, que todos estes modos, quando passam a extremo, são igualmente viciosos; por isso a unica cousa, que sôbre esta materia pode dar a lei, é o gosto universal dos homens sensatos, o qual não está sujeito ás variações da moda: Ora este gosto nunca de certo prescreverá outro modo de prégação, que não seja o, que se funda simultaneamente na natureza do homem, e no principio da utilidade; modo de prégar que se deriva da justa idea, que todos devemos fazer de um Sermão, isto é, de um discurso sério e persuasivo, dirigido a muitos homens com intento de os melhorar; porque a verdade, e o bom senso fundão-se em uma base solida, na qual se mantêm com firmeza; e o capricho, e a moda são fracos, e vacillantes. — Não siga portanto o prégador com demasiada confiança a um só modelo, antes pelo contrario observando muitos exemplares, tome de cada um o, que fôr mais util; podendo, não obstante, dever-lhe algum delles a preferencia; mas tendo sempre presente, que a servil imitação suffoca o genio, ou antes prova a inteira falta delle.

REGRA VII.

§. 10. Pelo que pertence ao estilo, a primeira qualidade, que a eloquencia do Pulpito requiere, é a mais perfeita clareza. — Além disto como os discursos deste

Genero tem por fim a instrucção, e mais que tudo a persuasão de todas as classes de ouvintes; deve em taes discursos reinar muita simplicidade, fugindo em todo o caso, o Orador de palavras desusadas, pomposas, ou que cheirem a empoladas, e mais particularmente ainda das que forem inteiramente poeticas, ou philosophicas. — Não ha duvida, que o Pulpito exige muita dignidade na expressão, não admittindo cousa alguma baixa e rasteira, assim como nelle não são de maneira alguma toleraveis frases, ou palavras despreziveis e vis; porém é também indubitavel, que uma tal dignidade é muito compativel com a simplicidade: consequentemente podem quantas palavras se empregarem ser simples, de facil intelligencia, e de uso commum; e todavia o estilo ter ao mesmo tempo dignidade e valentia.

§. 11. Accrésce, que a eloquencia do Pulpito demanda tambem um estilo vivo e animado; sendo por isso que a commoção, que o Orador deve sentir em si mesmo, a grandeza e importancia dos assumptos por elle tratados, justificação, e até muitas vezes exigem expressões cheias de calor e de fogo: — É por igual razão que elle pode usar não só de Similhanças, e de Metaphoras; porém ainda, quando a occasião o pedir, de Apóstrophes, de Prosopopeias de cousas inanimadas, de Exclamações, e em geral de todas as Figuras ainda as mais apaixonadas: advertindo em todo o caso, como regra es-

sencial, que nunca deverá usar de Figuras fortes, e de estilo pathetico, senão quando o assumpto o exigir, ou quando o Orador se sentir arrastado pela vivacidade do sentimento, que o animar.

R E G R A VIII.

§. 12. A linguagem da SAGRADA ESCRITURA, sendo convenientemente empregada, é um dos grandes ornatos da Eloquencia do Pulpito, podendo o Orador servir-se della ou por meio da citação, ou da allusão : as citações directas, com que apoiar o que proposer, darão autoridade aos seus preceitos, e imprimirão no discurso um character mais respeitavel ; e as allusões a certas passagens, ou a certas expressões notaveis da ESCRITURA SAGRADA, quando forem trazidas a proposito, produzirão sempre um feliz effeito ; pois ellas subministrão ao prégador grande numero de expressões metaphoricas, de que carecem outros generos de composição ; servindo ao mesmo tempo para variar o estilo, e para communicar-lhe vivacidade : é necessario porém, que estas allusões sejam naturaes, e faceis ; que, do contrario, se forem um pouco forçadas, merecerão talvez antes a denominação de *trocadilhos de palavras*.

REGRA IX.

§. 13. Convêm que em um Sermão nunca appareça cousa alguma, que se assemelhe a subtilezas, ou a trocadilhos de palavras, nem expressão alambicada, ou qualquer especie, que seja, de affectação; porque todos estes defeitos são incompatíveis com a dignidade do Pulpito, e dão ao Orador um ar de presumpção, a qual elle nunca evitará com sobejo cuidado: o seu estilo deve ser antes forte, que brilhante: ——— advertindo ao mesmo tempo, que commetterá um grande erro o Orador, que chegar a persuadir-se, de que dará energia ou fôrça ao seu estilo, multiplicando os epithetos; por ser certo, que, embora os epithetos dêem frequentes vezes muita graça, e fôrça ao discurso; se porêm sobrecarregão todas as frases, accumulando-se grande numero delles sobre um só objecto, em logar de communicarem fôrça ao estilo, embaraço-no, enfraquecem-no; e de mais disto, bem longe de esclarecerem a imagem, pelo contrario a fazem mais confusa.

§. 14. Em remate desta regra recommendaremos ao prégador, que evite o uso de expressões, que vulgarmente se denominão *vaidas* ou *mimosas*; por ser isso um indício de affectação, a qual desagrada sempre a quem ouve. ——— Pelo contrario, todas as vezes que no seu discurso houver alguma expressão

de grande brilho, e cuja belleza se faça notavel, deve pôr cuidado em que ella não appareça mais do que uma vez; pois de outra sorte daria a conhecer um vão desejo de brilhar, ou muita esterilidade de invenção.

R E G R A X.

§. 15. Sôbre se será conveniente, que o prégador escreva inteiros os seus sermões, e os entrégue perfeitamente á memoria; ou se será bastante, que se contente apenas com estudar a sua materia e pensamentos, reservando, ao menos em parte, para o acto da declamação o cuidado de servir-se da expressão apropriada; julgâmos, que não é cousa facil o dar-se regra alguma infallivel: temos antes por mais acertado o deixar ao prégador a escolha do methodo, que vir mais convêm ao seu genio. — É fóra de duvida, que as expressões, que nascem, e sáhem cheias de fôgo na occasião mesma, em que são propaladas, tem pelo ordinario mais graça e energia, do que as meditadas no silencio do gabinete: com tudo o espirito ainda mais prompto não pode sempre contar com estas expressões, quando tem de as empregar; e até muitas pessoas ha, que nunca dellas são soccorridas, quando tem de falar na presença de um auditorio respeitavel. — Por isso sômos de parecer, que ao menos no principio do exercicio da prégacão, o Orador escreva todo o seu discurso o

mais perfeitamente, que o poder fazer; o que será utilissimo até para chegar a adquirir a facilidade, e o habito da correccão, tanto da parte da linguagem, como dos pensamentos, mais que tudo tratando de assumptos rigorosamente pertencentes á Religião: sendo que esta mesma pratica será da maior utilidade não só para o principio, como ainda para a continuação do exercicio do Pulpito.

REGRA XI.

§. 16. Observaremos a final, que o uso de ler os sermões, em vez de os declamar de cór, o qual se acha em vóga em alguns paizes, é provavelmente um dos grandes obstaculos para se conseguirem os fins deste Genero de eloquencia; porque parece cousa impossivel, que um discurso destinado para persuadir tenha, sendo lido, igual força á que teria, se fosse declamado de cór: o mesmo pôvo o conhece, e a aversão, que mostra a esta prática, tem o seu fundamento na Natureza. — Além de que, segundo o que entendemos, o que se ganha com isso pelo lado da correccão, não compensa nunca o, que se perde pelo da persuasão, e da força. Podem portanto os pregadores, cuja memoria lhes não permite o retêr a totalidade de um discurso, ajudar-se de certas notas ou apontamentos, que terão diante dos olhos no acto da declamação; e por meio dellas ser-lhes-ha facil o conservar, ao menos em

grande parte; o desembaraço tão necessário em taes occasiões.

CAPITULO XXVIII.

OBSERVAÇÕES TENDENTES A' PERFEIÇÃO DA
ELOQUENCIA.

SECÇÃO I.

A VERDADEIRA ELOQUENCIA DEPENDE
ESSENCIALMENTE DO PERFEITO CONHECIMENTO
DA LINGUA, EM QUE O ORADOR HA DE
FALAR, OU ESCREVER.

§. 1. Quando começámos a tratar da Elocução, ja desde lá indicámos, como requisito indispensavel ao Orador, o conhecimento mais perfeito, que ser possa, do idioma, em que elle houver de exprimir os seus pensamentos, conhecimento tanto mais difficil, quanto mais rico em vocabulos, e variado em frases éesse mesmo idioma, como acontece com o Portuguez. — Insistindo agora sôbre um tão importante assumpto, mais que tudo á vista do abandono, em que o vemos jazer vergonhosamente entre nós; sem a menor hesitação podemos asseverar, que uma das principaes razões, por que não temos Eloquentia verdadeiramente digna deste nome, é porque não estudâmos, como con-

vinha, a nossa Lingua, contentando-nos com o escacissimo, e as mais das vezes imperfeito, e vicioso conhecimento, que della adquirimos na infancia, ouvindo-a falar a nossos pais, e domesticos; e, depois de mais crescidos, na communicação de outras pessoas, que nunca se derão ao trabalho de a estudar.

— Resulta daqui, que no meio de tantas e tão brilhantes riquezas, como as que a Lingua Portugueza em si encerra, vivemos em extrema penuria de meios para exprimir com elegancia, com graça, e com valentia as nossas ideas; e esse mesmo pouco, que della sabemos, é acompanhado de tantas torpezas de Barbarismos, e de Solecismos, que causão nôjo a quem, com melhor conhecimento do Idioma patrio, ouve o que dizemos, ou lê o que escrevemos.

§. 2. O que é mais, desprezando o instruir-nos com o estudo do que é propriedade nossa, aliás tão abundante, e formosa, e da qual a todos os instantes nos vemos precisados a fazer uso, dedicamo-nos a aprender idiomas estrangeiros, e alguns delles sem duvida muito menos perfectos, harmoniosos, e energicos, do que o Portuguez, no que consumimos o tempo precioso, que deveramos empregar na cultura deste: Sem advertirmos, que não ha hoje, nem houve nunca nação alguma verdadeiramente polida, que não fizesse, ou faça consistir o ponto fundamental de uma educação liberal, e cidadã, no apurado conhecimento da sua propria lin-

guagem. — As consequencias, que daqui se derivão, são : — Que nunca falâmos, ou escrevemos com perfeição nem a nossa, nem as linguas estrangeiras: — Que mesclâmos sem necessidade a locução nacional com frequentes palavras, e frases dos alheios idiomas, concorrendo assim para que se corrompa de dia em dia cada vez mais uma das Linguas mais perfectas, que tem sido inventadas pelos homens : — E que, tendo-nos sido legada esta Lingua pura, e bella pelos nossos antepassados, a transmitâmos aos nossos vindouros despida da sua nativa pureza, correcção, graça, e valentia ; tal, em uma palavra, que nem de longe mostre o que fôra nos seus dias de ouro.

§. 3. Com tão depravada maneira de falar, e de escrever o proprio Idioma, como poderá jamais esperar-se, que haja verdadeira Eloquencia entre nós !. — O circulo das palavras, e das frases verdadeiramente Portuguezas, de que fazemos uso, é por extremo limitado ; de grande parte dessas mesmas não temos noções exactas, isto é, ignorâmos quaes sejam as ideas, de que ellas são sinaes ou ja proprios, ou ja translatos ; não formâmos conceito das que merecem a qualificação de synonymas, e entre estas é-nos desconhecido qual seja a face, que as identifica, e qual aquella que as faz discrepantes, afim de as empregarmos com a devida escôlha, e propriedade ; finalmente até ignorâmos as regras capitaes de Syntaxe, seguin-

R

do-se daqui o cahirmos em frequentes Solecismos : ——— Em tal estado pois seremos, como effectivamente sômos, grandes faladores; mas nem por sombras poderemos aspirar á nobre graduacão de homens eloquentes, e nem ainda á de exactos e bons pensadores; pois, como diz mui judiciosamente Voltaire, tudo quanto deprava a lingua, deprava igualmente o bom gosto; visto andarem na Litteratura tão intimamente ligadas as ideas com o estilo, que a arte de pensar jamais existe, sem que exista juntamente com ella a arte de falar, e de escrever.

§. 4. O meio unico, que se nos offerece para obstar a esta torrente de depravação litteraria, ja se deixa ver, que não é outro se não o sahirnos do nosso estado de inacção, e de indifferença ácerca de um objecto de tamanha importancia; imitando nisto, bem como o fazemos em tantas outras cousas, as nações mais civilizadas, quero dizer, estudando com séria applicação os principios philosophicos da Grammatica universal, e depois os da Grammatica do nosso proprio Idioma; cavando com mão nocturna, e diurna nas ricas minas dos nossos bons Classicos, particularmente os do seculo de Quinhentos, sem desprezarmos aos, que no seculo seguinte escrevêrão ainda com pureza de frase, e com gravidade de estilo; e finalmente aos mesmos, que do meado do seculo passado para cá se desvelárão por imitar os nobres modelos dos seculos do bom gosto.

§. 5. Pelo que pertence aos Quinhentistas apontaremos, como principaes exemplares dignos de judiciousa imitação, entre os que escrevêrão em prosa, a um *João de Barros*, a um *Lucena*, a um *Fr. Luiz de Sousa*, a um *D. Fr. Amador Arraes*, a um *Fr. Heitor Pinto*; e entre os poetas, a um *Luiz de Camões*, a um *Francisco de Sá de Miranda*, a um *Antonio Ferreira*, a um *Diogo Bernardes*. — Passando aos do seculo de Seiscentos, sem embargo de que nelle começou, logo desde o principio, a fazer-se bem claramente sensível a corrupção da lingua-gem, e a degeneração do bom gosto, podem ser lidas com proveito as obras de *Diogo do Couto*, de *Fr. Bernardo de Brito*, de *Fr. Antonio Brandão*, de *Jacinto Freire de Andrada*, e sôbre todos do grande *Antonio Vieira*; e pelo que respeita aos poetas, os poemas de *Gabriel Pereira de Castro*, de *Vasco Mousinho de Quebêdo*, de *Francisco de Sá de Menezes*, e as poesias e prosas delidadissimas de *Francisco Rodrigues Lôbo*. — Finalmente, do meado do seculo passado para cá, as composições poeticas, e prosaicas dos *Arcades de Lisboa*, as *Memorias da Academia Real das Sciencias da mesma Cidade*, muitos dos escriptos do *Padre Antonio Pereira de Figueiredo*, as traducções do *Capitão Manoel de Souza*; e falando particularmente dos poetas, *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, *Pedro Antonio Corrêa Garção*, *Domingos dos Reis Quita*,

Nicoláo Tolentino de Almeida, Manoel Maria de Barboza du Bocage, Francisco Manoel do Nascimento, Antonio Pereira de Sousa Caldas, Antonio Ribeiro dos Santos, José Agostinho de Macedo, e outros que seria muito longo o enumerar.

SECÇÃO II.

MEIOS PARA FAZER PROGRESSOS NA ELOQUENCIA.

Daremos fim a este Epitome de principios geraes sôbre a Eloquencia, offerecendo algumas observações relativas aos meios, que o Orador deve empregar para fazer progressos na arte de falar em publico; e indicando ao mesmo tempo os estudos mais necessarios para o conseguir.

ARTIGO I.

§. 1. Daquelles meios o principal, e que por isso merece ser posto na frente de todos, é o character e merecimento pessoal do Orador : — Quer isto dizer, que, para ser eloquente, e para assenhorear-se da persuasão dos seus ouvintes, precisa antes de tudo o mesmo Orador ser homem virtuoso. Esta máxima, que foi geralmente reconhecida, e approvada pelos antigos, é extremamente satisfactoria; pois faz ver a intima relação, que existe entre a virtude e uma das mais

nobres faculdades, e artes liberaes : ——— De mais disto ella é fundada sôbre a Verdade ; e ao mesmo tempo sôbre a Razão ; porquanto que cousa mais propria para gerar a persuasão, do que o bom conceito, que formamos da pessoa, que nos fala, da sua probidade, do seu desinteresse, da sua candura, e de todas suas qualidades moraes ? Com effeito estas virtudes communicão peso a tudo quanto uma tal pessoa diz ; e até lhe acrescentão uma verdadeira belleza ; dispondo-nos por consequencia a escutal-a com attenção, e com gosto, e dando-nos uma especie de tendencia a pensar, e a sentir como ella : ——— Pelo contrario todas as vezes que no Orador suspeitamos astucia, cavillação, ou um character corrompido e desprezível, toda sua eloquencia desaparece, e fica sendo de nenhum effeito. Além de que, a verdadeira virtude é que pode dizer-se a fonte de todos os sentimentos capazes de tocarem os corações ; visto que, por mais corrompidos que sejam geralmente os homens, sempre a virtude conserva sôbre elles o seu imperio ; não sendo nunca uma virtude contrafeita capaz de produzir taes commoções.

§. 2. Segue-se do que fica exposto, que cousa nenhuma é mais necessaria aos, que aspirão a distinguir-se na Eloquencia remontada, como seja o trabalhar por contrahir habitos virtuosos, e dar aos seus sentimentos moraes todo o desenvolvimento, de que elles são susceptíveis, cultivando particularmente

as disposições, que passámos a indicar, a saber : amor da justiça, e da ordem, junto com o sentimento de indignação contra a insolencia, e contra a oppressão; adherencia á probidade, e á verdade, e simultaneamente odio á fraude, á baixeza, e á corrupção; alma grande e animosa; amor da bem entendida liberdade, da patria, e do bem publico; zelo ardente por todas as empresas honrosas, e uteis; finalmente respeito aos homens heroicos, e virtuosos. — Com estas virtudes másculas e fortes deve no Orador andar de companhia uma compaixão ardente pelos males dos seus semelhantes, que o lêve a tomar parte em seus soffrimentos, e a sentir as injurias que lhes forem feitas; em uma palavra, um coração susceptivel de todas as impressões honradas, prompto a embeber-se dos sentimentos alheios, e a collocar-se no logar daquelles, cujos interesses se encarrega de discutir, &c.

ARTIGO II.

§. 1. Depois das qualidades moraes o primeiro requisito essencial ao Orador é a instrução sufficiente; por serem o bom senso, e a instrução os verdadeiros fundamentos da Eloquencia; e por isso que não ha arte alguma, que possa ensinar a bem falar sôbre um assumpto, ácerca do qual se não tenham adquirido luzes sufficientes. — Assim que todo o homem, que se proposer a

advogar no Fôro, deve adquirir um conhecimento profundo da Jurisprudencia tanto Natural, como Positiva; e beber na fonte das Sciencias, e da experiencia todas as luzes, que poderem servir á sua profissão, ou seja para defender uma Causa, ou seja, falando em geral, para convencêr os juizes. — O que aspirar á eloquencia do Pulpito, cumpre que faça aturado estudo da Theologia theorica, e pratica, da Historia ecclesiastica, da ESCRITURA SAGRADA, das obras dos Santos Padres, da Ethica philosophica, &c.; afim de encontrar em si ácerca de todos os pontos, que se lhe offerecerem a tratar, um thesouro abundante de instrucção, e de persuasão. — Aquelle que pretender pôr-se em estado de occupar dignamente o emprego de Orador legislativo no Supremo Congresso da sua Nação, ou em qualquer outra assemblea publica deliberativa, deve estudar com esmêro todos os assumptos, sôbre que podem occupar-se essas assembleas; importa-lhe depois conhecer as formalidades da assemblea, de que aspira a ser membro; e dar finalmente a attenção mais séria a tudo quanto nessas differentes assembleas pode offerecer-se á deliberação.

§. 2. De mais destes conhecimentos, que são indispensavelmente essenciaes a cada um dos Oradores dos tres generos de eloquencia publica hoje cultivados, convêm que tanto uns, como outros indistinctamente empreguem as suas horas desoccupadas na cultura de to-

dos os ramos das Bellas-Letras, da Poesia mais particularmente, a qual lhes servirá para aformosearem o seu estilo, subministrando-lhes vivas imagens, e agradaveis allusões : — sôbre tudo porém poderão colher grandes fructos do estudo da Historia ; por isso que o conhecimento dos factos, dos caracteres illustres, e da marcha dos acontecimentos, é de emprego frequentissimo na Oratoria em geral,

ARTIGO III.

§. 1. A terceira recommendação, que julgâmos conveniente fazer ao Orador, é que se esforce por contrahir o habito da applicação, e do trabalho ; por ser este o meio unico de levantar-se acima da mediocridade em todo e qualquer genero de eloquencia. Para chegar a ser advogado, prégador, finalmente Orador célebre, não basta um estudo passageiro, ou alguns annos de ligeira e mal attenta preparação ; mas por meio de trabalho assiduo, convertido em longo habito, e prompto a entrar em actividade, é que o Orador poderá satisfazer dignamente aos deveres da sua profissão : Tal é a lei da Natureza ; e deve ter bem remontada opinião do seu talento, todo aquelle que chegar a persuadir-se, de que é uma excepção a esta lei geral,

ARTIGO IV.

§. 1. Advertiremos em quarto lugar, que uma das cousas, que favorece muito os progressos da Eloquencia é o estudo dos grandes modelos. — É certo, que todo o homem, que se propõe a falar, ou a escrever para o publico, deve trabalhar por adquirir um modo de dizer, que lhe seja proprio, e que caracterise as suas composições; porque a imitação servil extingue o genio, ou antes mostra a sua falta: Mas, por outro lado, não ha genio, por mais original que seja, que não possa aproveitar-se, e ajudar-se do estudo dos bons modelos, ou seja pelo que respeita ao estilo, ou ja pelo que pertence á Invenção, á Disposição, &c.; porquanto uns taes exemplares servem para nos indicar novas maneiras de dizer, para ampliar e apurar as nossas, para animar os pensamentos, e sobre tudo para despertar a nossa emulação. — Todavia nunca devemos perder de vista, que nem tudo é digno de ser imitado ainda nos melhores modelos; convindo por consequencia que trabalhemos por formar idea exacta das bellezas, que são proprias de cada um dos escriptores, ou de cada um dos Oradores, para delles imitarmos isso unicamente. Não sigamos com exclusão a um só modelo; porque, fazendo-o, cahiremos em uma imitação affectada, e por consequencia viciosa: Pelo contrario, de todos elles a-

proveitemos o que nos offerecerem de mais perfeito.

§. 2. Quanto á imitação do estilo de algum autor da nossa preferencia, importa muito o fazer a observação seguinte, a saber : que ha uma differença essencial entre a linguagem escripta, e a linguagem falada ; por ser cousa patente, que estes dous meios de communicação das nossas ideas não são os mesmos : — um livro, que lemos, e um homem, que escutámos, tem cada qual seu estilo proprio ; nos livros requêre-se correcção, precisão, nada de repetições ou de redundancias, e uma linguagem apurada ; os discursos pronunciados permitem mais abundancia, e facilidade, e sujeitão, quem fala, a menor numero de estorvos ; exigem até muitas vezes certas repetições, e nelles não parece mal, que os pensamentos sejam apresentados debaixo de differentes pontos de vista : — A razão de tudo isto é, porque os ouvintes achão-se na precisão de formar conceito de passagem do que ouvem, e não têm, como os que lêem, a commodidade de tornar a ler, e de demorar-se sobre todo e qualquer ponto, que lhes custe a comprehender. — Com tudo é bom observar, que em certos discursos, como, por exemplo nos do Pulpito, os quaes podem ser preparados de antemão, e com todo o euidado, o estilo dos livros parecerá menos improprio, do que naquelles, em que não deve mostrar-se preparação, &c.

ARTIGO V.

§. 1. Em quinto lugar, independentemente do estudo dos bons modelos, é de grande e imperiosa necessidade para a perfeição da Eloquencia o frequente exercicio de compôr, e bem assim o de falar em publico; sem nunca se perder de vista, que a composição mais util é sem duvida aquella, que tem relação com a profissão, a que cada qual se dedica. — Mas o que importa recomendar igualmente a todos, é que evitem o compôr negligente e desattentamente; pois todo o homem, que aspira a falar, e a escrever com perfeição, deve ainda nas menores composições, em uma carta particular, na mesma conversação, por exemplo, esmerar-se o mais possivel por observar tudo quanto as regras do bom gosto prescrevem. — Não queremos dizer nisto, que deva escrever, ou falar sempre em um estilo trabalhado, e que inculque artificio; que isso seria o verdadeiro meio de cahir em violencia, e affectação, defeitos peores mil vezes, do que a negligencia extrema: mas é de indispensavel necessidade o advertir, que para todos os assumptos ha um modo de dizer conveniente, e outro mal amanhado, e ridiculo.

§. 2. Para facilitar o uso de falar plausivelmente em publico, julgâmos proveitosas as reuniões pouco numerosas, compostas de jovens estudantes da mesma, ou de classes

proximas de estudos, e que sigão a mesma carreira litteraria, os quaes se juntem sem barulho, e apparatus; a fim de mutuamente se ajudarem em seus trabalhos scientificos, e de se prepararem para desempenhar um dia com honra funcções graves e importantes. — Quanto porêm a essas sociedades publicas, e heterogeneas, compostas de grande multidão de individuos de todas as jerarchias, e profissões, que não tem outro enlace commun, senão um inepto furor de falar em publico; e outro fim, senão o fazer admirar os seus suppostos talentos, taes instituições não só as reputâmos inuteis, como até as declaramos decididamente nocivas ao fim proposto.

ARTIGO VI.

§. 1. Resta ultimamente examinar até que ponto o estudo dos autores, que tem tratado da Critica, e da Rhetorica, pode favorecer os progressos da Eloquencia. — É fóra de duvida, que esta especie de estudo não deve ser desprezada, sem embargo de que ella não seja só por si sufficiente para formar o perfeito Orador: Em todo o caso porêm os Tratados, que sôbre este assumpto nos forão deixados pelos antigos, são os primeiros, e os principaes, que merecem ser consultados, por serem os mais abundantes em sãos e luminosos documentos theoreticos, e praticos ácerca dos differentes ramos da

Arte Oratoria, e da Critica; merecendo por isso uma preferencia decisiva á generalidade dos compostos nos tempos modernos, em que a Eloquencia não tem sido reputada objecto de tão séria e importante applicação, como nos antigos. — A razão de não haver sido cultivada modernamente com iguaes desvelos, com que o fôra entre as nações Grega, e Latina, talvez seja porque se lhe não tem visto produzir entre nós os mesmos prodigiosos effeitos, de que ella foi frequentes vezes a causa naquelles antigos Estados populares. — Como quer que seja, nós o repetiremos, os autores antigos e originaes, que tratarão da Arte Oratoria, são principalmente os que devem ser estudados por todos quantos desejão fazer-se distinctos como eloquentes; o mostrar-se hospede nos escriptos dos quaes autores, nunca pode deixar de ficar desairoso ao homem encarregado do alto emprego de falar em publico.

§. 2. Deixando porém de parte os escriptores Gregos, temos por cousa supérflua o recommendar a lição das obras de Cicero sobre a Rhetorica; visto que tudo, quanto um tão abalisado Orador escreveo sobre esta Disciplina, não pode deixar de despertar a attenção dos que se propõem a trilhar a estrada da Eloquencia: Todavia a mais importante de todas suas obras sobre este assumpto é a intitulada *De Oratore*, e depois della o seu *Orator ad Brutum*: Mas, falando em geral, tudo quanto Cicero escreveo sobre a

Rhetorica, tem por fim o dar da Eloquencia a idea maior e mais sublime, o formar o gosto, e o inspirar a favor desta faculdade um nobre enthusiasmo, feliz presagio dos mais gloriosos resultados.

§. 3. Não obstante o que fica dito, de todos os autores antigos, que escrevêrão sôbre a Arte Oratoria, o mais instructivo, e o mais util é sem contradicção alguma Quintiliano; podendo asseverar-se com toda a segurança, que ha poucos livros mais abundantes em bom senso, e nos quaes se descubra um gosto mais puro, e mais exacto, do que são as *Instituições Oratorias* deste autor.

§. 4. Entre os modernos a obra, que pode ser lida com maior proveito, e que em a nossa opinião merece ser consultada; e estudada com toda a applicação, e desvelo, é a do illustre Rhetorico e Critico Escocêz Hugo Blair, tantas vezes indicada, e não poucas até mesmo copiada neste Epitome, a qual tem por titulo *Curso de Rhetorica e de Bellas Letras*, dividido em XLVII. Lições: O seu merecimento é hoje universalmente reconhecido, como o comprovão as muitas traducções, e extractos, que desta Obra tem sido feitos em quasi todas as Linguas da Europa; e effectivamente nella se encontra não só quanto de melhor escrevêrão os antigos ácerca da Eloquencia na sua accepção mais ampla, como as mais ajustadas applicações dos seus preceitos á Eloquencia dos tres Generos de Assembleas; que ao Orador actual-

mimento se offerecem para theatro dos seus talentos oratorios.

Quem si non tenuit ; magnis tamen excidit ausis.
(Ovid. Metamorphos. Lib. II. V. 328.)

Embora ao desempenho o assumpto exceda ;
É grande , é util a intentada empresa.

E X E M P L O S

CITADOS NO DECURSO DESTAS LIÇÕES.

I. (Capitulo XII. §. 19.) « Andei estes dias cuidadoso em buscar varão que governasse o Estado da India , e não duvidava podelo achar na familia dos Castros , de cujo tronco os Senhores Reys , meus antecessores , tirarão sempre Generaes para os exercitos , Regentes para os povos : assi me prometto , que de tão valerosa raiz não pode degenerar o fructo ; mormente se medir as futuras acções pelas passadas , as quaes vos tem dado justo nome na opinião do Reyno , e estimação na minha : Pelo que confiadamente vos encomendo o governo da India , aonde espero procedais de maneira , que possa dar vossas acções por Regimento aos que vos succederem. » (Jacinto Freire de Andrade , Vida de Dom João de Castro Liv. I.).

II. (Capitulo XII. §. 20.) « Antre as partes , que o bom vassallo ha de ter , muito poderoso Senhor , a principal ha de ser a leal-

dade, e fidelidade a seu Rey; e como nella houver esta virtude, logo se seguem a ella amor, zelo de seu serviço, esforço, prudencia, segurança e todas as mais cousas semelhantes a estas; o que tudo falece ao que falta huma virtude tão principal, porque logo tem odio, e aborrecimento ao serviço do seu Rey, logo fica tímido e acovardado, pouco seguro, melenconizado, e sôbre tudo imprudente. E como eu pelas muitas e grandes mercês que tenho recebidas d'elRey vosso tio (cujo sangue está diante de Mafamede pedindo vingança dos Portuguezes, que debaixo de fé e amizade o mataram,) desejo de se me não enxergar ingratição a ellas, e não ser tachado de desleal, como pretendo mostrar nos grandes serviços, que espero fazer a V. A., até sacrificar esta vida e a de minha mulher e filhos sendo necessario, com muito gosto; porque com o direito do Reyno ficastes herdando as mesmas obrigações, que lhe todos tinhamos, principalmente eu, que me recolheu, honrou, e fez rico. Pelo que se até agora me não vim apresentar ante vossos pés, não foi por haver em mim alguma duvida em vosso serviço, se não por desejar de me desarreigar de todo dos Portuguezes; porque pelos penhores, que na Ilha de Dio tinha, me era necessario dissimular, e fingir-me, até buscar modo, como fiz, pera me sahir della com minha mulher, filhos e fazenda, pera mais desembaraçado, e com mais cabedal servir Vossa Alteza, pera o que

estou prestes com tudo o que tenho, por que pera isso trabalhei de o salvar. — E pois já estou em vosso poder, pelo muito que vos devo, como a meu Rey e Senhor, vos lembro as razões que tendes para vingardes a morte d'elRey vosso tio, e de tornardes a cobrar a Ilha de Dio, que he a melhor peça de vosso Reyno, e as portas e chaves delle : que, em quanto estiver em poder dos Portuguezes, vos hão de ter hum pé no pescôço, e haveis de perder o trato e commercio do Estreito de Méca, com o que vossas rendas hão de vir tanto a menos, que do mais rico Rey do Oriente fiquéis o mais pobre e fraco delle. E sôbre tudo affrontada nossa religião, e impedida a romagem da casa do nosso Profeta; porque não tinheis em vosso Reyno outro pôrto melhor, nem mais continuado, que aquelle de Dio. E se haveis de acudir a estas cousas, não sei tempo mais accomodado, e accezonado que este; que a fortuna vos offerece tamanha occasião, como he a pouca gente que naquella fortaleza fica, a fraqueza della e de seus baluartes, e sôbre tudo nenhuma agua; porque a cisterna, que o Governador Nuno da Cunha mandou fazer, está imperfeita; e os Portuguezes não tem donde beber senão dos pôços da Ilha, que, tanto que lhos tomarem, não tem outro remedio senão entregarem-se-vos: e o inverno he entrado, e não podem ser soccorridos de nenhuma parte; e pois tudo está tanto da vossa, não dilateis este negocio,

S

por que sem duvida vos será muito facil tornardes-vos a senhorear daquella Ilha, e lançardes della tamanhos inimigos. — E pera mais vos assegurardes neste negocio, vos affirmo que na entrada de Setembro tereis em vosso favor huma grossa Armada de Turcos; por que tenho cartas d'elRey de Zebit, que se ficão preparando em Suez com muita préssa. E espero em Mafamede, que desta vez havemos de lançar estes homens fóra da India; pera que a navegação della fique livre e desembaraçada, como dantes. E por que V. A. veja, que lhe não aconselho cousa, em que eu haja de ficar de fóra, me offereço pera esta jornada com mil de cavallo, e tres mil de pé, pagos á minha custa. E sôbre isto todo o mais dinheiro, que fôr necessario; por que tenho muito, e todo haverei por bem empregado no serviço de V. A. »
(Diogo de Couto Decada V. Liv. II. Cap. 9.)

III. (Cap. XVIII. Art. 2.º §. 1.)

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastôr inerte estar diante,
Só com pedras e esfôrço apercebido;
Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco môço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana,
Quanto mais pode a fé, que a fôrça humana.
Desta arte o Monro páfido despreza
O poder dos Christãos; e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrífico se rende:
Com ella o Castelhana e com destrêza

De Marrocos o Rei commette , e offende ;
O Portuguêz , que tudo estima em nada ,
Se faz temer ao reino de Granada .

(*Lusiad. Cant. III. Est. 111 e 112.*)

Qual contra a linda moça Polixena
Consolação extrema da mãe velha ,
Por que a sombra de Achilles a condena ,
Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha :
Mas ella os olhos , com que o ar serena ,
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãe postos , que endoudece ,
Ao duro sacrificio se offerece :

Taes contra Ignêz os brutos matadores
No collo de alabastro , que sostinha
As obras , com que amor matou de amores
Aquelle , que depois a fez Rainha ,
As espadas banhando , e as brancas flores ,
Que ella dos olhos seus regadas tinha ;
Se encarniçavam térvidos e irosos ,
No futuro castigo não cuidados .

(*Id. o mesmo Cant. Est. 131 e 132.*)

IV. (Capitul XXI. Secção 1.ª Art. 1.º §. 2.º,
no fim.)

Pois de ti , Gallo indigno , que direi ?
Que o nome Christianissimo quizeste ,
Não para defendel-o , nem guardal-o ,
Mas para ser contra elle , e derribal-o .
Achas , que tens direito em senhorios
De Christãos , sendo o teu tão largo e tanto ;
E não contra o Cinypho e Nilo , rios
Inimigos do antigo nome santo ?
Alli se hão de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto :
De Carlos , de Luiz o nome e a terra
Herdaste , e as causas não da justa guerra ?
Pois que direi daquelles , que em delicias ,
Que o vil ócio no mundo traz consigo ,
Gastão as vidas , logram as divicias ,
Esquecidos do seu valor antigo ?

S. 2

Nascem da tyrannia inimicias ,
Que o povo forte tem de si inimigo ;
Comtigo , Italia , fallo , ja submersa
Em vicios mil , e de ti mesma adversa.
Ó miseros Christãos , pela ventura
Sóis os dentes de Cadmo desparzidos ,
Que huns aos outros se dão a morte dura ,
Sendo todos de hum ventre produzidos ?
Não vêdes a divina sepultura
Possuida de cães , que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra ,
Fazendo-se famosos pela guerra ?
(*Lusiad. Cant. VII. Est. 6 , 7 , 8 e 9.*)

V. (Capitulo XXI. Secção 1.ª Art. 2.º §. 4.)

Está do fado ja determinado ,
Que tamanhas victorias , tão famosas ,
Hajão os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas :
E eu só , filho do Padre sublimado ,
Com tantas qualidades generosas ,
Hei de soffrer , que o fado favoreça
Outrem , por quem meu nome se escureça ?
Ja quizeram os deuses , que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder , que tudo submettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte.
Mas ha-se de soffrer , que o fado dêsse
A tão poucos tamanho esforço e arte ,
Que eu , co'o grão Macedonio e co'o Romano ,
Dêmos lugar ao nome Lusitano ?
Não será assi ; porque , antes que chegado
Seja este Capitão , astutamente
Lhe será tanto engano fabricado ,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra , e o indignado
Peito revolverei da Maura gente ;
Porque sempre por via irá direita
Quem do opportuno tempo se aproveita.
(*Lusiad. Cant. I. Est. 74 , 75 e 76.*)

VI. (Capitulo XXI. Secç. 1.ª Art. 2.º §. 4.)

- » Amigos , companheiros , que o Destino
 - » Fez do meu mal e bem participantes ,
 - » O caso sabereis mais execrando ,
 - » Que até hoje no Mundo se tem visto.
 - » O Deão... » (E aqui dando um gran'soluçõ,
 - Em pranto as negras faces todas banha ,
 - Suspensio um pouco fica , e logo torna)
 - » O soberbo *Deão* , que , sempre attento
 - » Ao meu alto decoro , o santo *Hyssope*
 - » Vinha trazer-me á porta do Cabido ,
 - » Hoje não só deixou de vir render-me
 - » (Ah ! que não sei de nõjo como o conte !)
 - » Este obsequio devido ao Real sangue ,
 - » Que nas veias me pulsa heroicamente ;
 - » Mas , na sua cadeira empantufado ,
 - » Os Psalmos entoava , em mim fitando
 - » A carrancuda vista ; de tal sorte ,
 - » Que mostrava insultar-me com desprezo.
 - » A raiva e o gran'furor , que a alma me occupam,
 - » Me tem fóra.de mim : não sei que faça
 - » Para vingar tam grande e atroz delicto.
 - » Vós conselho , vós artes , vós maneira
 - » (Pois a vós tambem chega a grande affronta)
 - » Me dai para punir este atrevido. »
- Disse : e um grande Lacaio da liteira ,
Famoso *Rodomonte* das tavernas ,
A voz tomando a todos , desta sorte
Seo conselho propòz : » Tam grande caso ,
» Senhor , se leva a páo : eu tenho um raio
» De sége , ha muito ja exp'rimetado
» Em funções semelhantes , eu com elle
» De sua Senhoria tal vingança
» Hoje espero tomar , que de escarmento
» A todos sirva... ». Aqui o grande *Almeida* ,
Gentil-homem da Câmara , e da Boca ,
Homem de Gabinete e de Conselho ,
Bom poeta , orador , *Petrus in cunctis* ,
Que goza do Prelado a confidencia ,
O discurso lhe atalha deste modo :
» Se este horrendo , execravel attentado ,

- » Ao vê-lo , digno de que o Sol brilhante ,
 - » Os rubidos cavallos affastando ,
 - » Corrése a mergulhar-se eternamente
 - » Nas voragens da noite mais espessa ,
 - » Se houvesse de levar por força e armas ;
 - » Eu armas , coração e forças tenho :
 - » Mas violentos remedios só se applicam
 - » Em mal desesperado ; isto suppôsto ,
 - » Astucia e mais astucia se precisa ;
 - » Que , onde reina a *Prudencia* , nada falta.
 - » Vossa Excellencia conta no Cabido
 - » A muitos parciaes e lisongeiros ;
 - » Estes pois , sendo a Cónclave chamados ,
 - » Poderão sustentar o seo partido ,
 - » E obrigar , que o *Deão* faça por força
 - » O que fazer recusa voluntario. »
- A estas vozes , babando-se de gosto ,
 O Prelado exclamou : » Ó raro engenho !
 » Meo poder , minha força e meo conselho !
 » O teo voto me pras ; segui-o quero.
 » Chamem-me logo logo o douto *Andrade* ,
 » O *Gran' Penitenciario* , o sêcco *Marques* ;
 » E o jantar se prepare promptamente. »
 (*O Hyssope Cant. III. Vers. 32 &c.*)

VII. (Capit. XXI. Secç. 1.ª Art. 2.º §. 4.º)

Eternos moradores do luzente
 Estellifero polo e claro assento ,
 Se do claro valor da forte gente
 De Luso não perdeis o pensamento ;
 Deveis de ter sabido claramente ,
 Como he dos fados grandes certo intento ,
 Que por ella se esqueção os humanos
 De Assyrios , Persas , Gregos e Romanos.
 Já lhe foi , bem o vistes , concedido
 C'hum poder tão singelo e tão pequeno
 Tomar ao Mouro forte e guarnecido
 Toda a terra , que rega o Tejo ameno :
 Pois contra o Castelhaño tão temido
 Sempre alcançou favor do Ceo sereno ;
 Assi que sempre em fim com fama e gloria
 Teve os tropheos pendentes da victoria.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
 Que co'a gente de Romulo alcançaram,
 Quando com Viriáto na inimiga
 Guerra Romana tanto se affamaram:
 Tambem deixo a memoria, que os obriga
 A grande nome, quando alevantaram
 Hum por seu capitão, que, peregrino,
 Fingio na Cerva espirito divino.

Agora vedes bem, que commettendo
 O duvidoso mar n'hum lenbo leve
 Por vias nunca usadas, não temendo
 De África e Nóto a fôrça, a mais se atreve:
 Que havendo tanto ja que as partes vendo,
 Onde o dia he comprido, e onde breve;
 Inclinão seu proposito e porfia
 A ver os bêrços, onde nasce o dia.

Promettido lhe está do Fado eterno,
 Cuja alta lei não pode ser quebrada,
 Que tenham lóngos tempos o governo
 Do mar, que vê do Sol a rôxa entrada:
 Nas aguas tem passado o duro inverno,
 A gente vem perdida e trabalhada;
 Ja parece bem feito, que lhe seja
 Mostrada a nova terra, que deseja.

E porque, como vistes, tem passados
 Na viagem tão ásperos perigos,
 Tantos climas e ceos exprimentados,
 Tanto furôr dos ventos inimigos;
 Que sejam, determino, agasalhados
 Nesta costa Africana, como amigos;
 E, tendo guarneçada a lassa frota,
 Tornarão a seguir sua longa rota.

Estas palavras Jupiter dizia:
 Quando os deoses por ordem respondendo,
 Na sentença hum do outro differia,
 Razões diversas dando e recebendo.

(*Lusiad. Cant. I. Est. 24.... até 30.*)

VIII. (Capit. XXI. Secç. 1.ª Art. 2.º §. 4.)

Composto o gran'rumôr e socegado

Assim do alto do throno o *Genio* falla :

- » Illustres moradores deste excelso
- » Magnifico Palacio , bem sabido
- » Ja ha muito tereis o quanto deve
- » O meo augusto *Genio* , a nossa Côrte
- » Ao gran'Prelado , que as ovelhas pasce
- » Dos Elvenses redis : notorio a todos
- » Sem duvida vos he , como pospondo
- » Das funções mais piedosas o cuidado
- » As nossas bagatellas , só se emprega
- » Em cousas vãs , ridiculas e futeis.
- » A corrupta , mas Real Genealogia ,
- » O rôxo terciopêlo dos sapatos ,
- » As pedras , que lhe esmaltão as fivellas ,
- » A preciosa saphira , a linda caxa ,
- » Onde (sôbre *Amphitrite* , que tirada
- » De escamosos *Delphins* n'uma aurea concha
- » Os verdes campos de *Neptuno* undoso ,
- » Cercada de *Tritões* nua passêa)
- » Do famoso *Martin* o verniz brilha ;
- » Seo emprego só são , e seo estudo.
- » Em fim entre os mortaes não ha quem renda
- » Á minha Divindade maior culto.
- » Agradecido pois ao grande empenho ,
- » Que mostra em nos honrar , tenho disposto
- » Dar á sua vaidade um nôvo pasto :
- » Que a uma escusa porta o *Deão* saia
- » Co'o *Hyssope* a esperal-o determino.
- » Deste meo parecer quiz dar-vos parte ,
- » Não so para escutar os vossos votos ;
- » Mas para que saibais , e fiqueis certos ,
- » Que a côrte não fazeis a um Nume ingrato. »

Acabou de fallar ; e confirmando

Todo o sabio Congresso o seo dictame ,
 Um sussurro no Cónclave se espalha ,
 Ao *Zephyra* em tudo semelhante ,
 Quando , nas frescas tardes suspirando ,
 A bella *Flora* segue , que travessa
 Cá e lá , entre as flôres se lhe furta.

- Mas a vã *Senhoria*, que se lembra,
 Que em casa do *Deão* sempre encontrára
 A mais benigna, a mais certa guarida;
 Que seo nome na bôca do laçao,
 Do cusinheiro, dâ ama andava sempre;
 A cabeça movendo descontente,
 Tres vezes escarrou, e a voz açando,
 Desta sorte fallou ao gran' Despôta:
- » Soberano Monarcha, que tu queiras
 - » Premiar a quem te honra, empreza digna
 - » He do teo coração: eu mesmo approvo,
 - » E mil vezes dictára este conselho:
 - » Mas que, para o fazer, hoje pretendas,
 - » Que um *Deão* de *erescnte* e curta vista
 - » A dignidade abata, e a esperar saia
 - » N'uma porta de escada o seo Prelado;
 - » Nem justo me parece, nem louvavel.
 - » Se tu queres honrar sua Excellencia,
 - » Outras maneiras ha de conseguil-o:
 - » Na mesma Igreja de *Blvas* e Cabido
 - » Ha um *Bastos*, um *Souza*, dous *Aporros*
 - » Que, juntos com os *Pittas*, podem todos
 - » Inda á mesma commûa acompanhal-o,
 - » Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
 - » Lavar-lhe o medio cû, e até beijar-lh'ô.
 - » Estes e outros d'esta mesma estôffa,
 - » De que o Bispado quasi todo abunda,
 - » As costas vão buscar o gôrdo Bispo,
 - » Que, inda que um pouco pésa, vem seguro;
 - » Que são Cavallos mestres e possantes.»
- Mais queria dizer o vão Dynasta,
 Quando do seo assento, esbravejando,
 Se levanta impetuosa a *Excellencia*:
 O furôr, que lhe inflamma o grave aspecto,
 As palavras lhe côrta; principia
 Cem vezes o discurso, e logo pára:
 Até que n'estas descompostas vozes
 Finalmente atroou a grande sala:
- » Como! E he possivel, que haja quem se atreva
 - » Neste Congresso a oppôr-se cara a cara
 - » Aos obsequios, que Tu, ó Nume, ordenas
 - » A uma Reverendissima Excellencia?
 - » Um *Deão* co'o seo *Bispo* comparado.

» Um cominho não he? Se Tu , ó Nume ,
 » O teu grande projecto não sustentas ;
 » Eu so... » E nisto bate o pé na casa.
 Ao rijo som da bestial patada
 Tremêo o régio solio e o pavimento :
 Assentos e assistentes assustados
 Caírao pela terra. Então o *Genio*
 Alçando um pouco a voz : » Basta (lhe disse)
 » Eu disputas não quero em meo Conselho ,
 » Minha resolução está tomada ;
 » Eu a escrevi , eu mesmo em meo canhenho ,
 » E o , que escrevo uma vez , nunca mais borro. »
 (*O Hyssope Cant. I. F. 98. &c.*)

IX. (Capit. XXI. Secç. 1.ª Art. 2.º §. 4.)

Este , que era o mais grave na pessoa ,
 Desta arte para o Rei de longo brada :
 Ó tu , a cujos reinos e corôa
 Grande parte do mundo está guardada ;
 Nós outros , cuja fama tanto vda ,
 Cujá cerviz bem nunca foi domada ,
 Te avisámos , que he tempo , que ja mandes
 A receber de nós tributos grandes.
 Eu sou o illustre Ganges , que na terra
 Celeste tenho o berço verdadeiro :
 Est'outro he o Indo Rei , que nesta serra ,
 Que vês , seu nascimento tem primeiro.
 Custar-te-hemos com tudo dura guerra ;
 Mas , insistindo tu , por derradeiro
 Com não vistas victorias , sem receio ,
 A quantas gentes vês porás o freio.
 (*Lusiad. Cant. IV. Est. 73 e 74.*)

X. (Capit. XXI. Secç. 1.ª Art. 2.º §. 5.)

Choráráo-te , Thomé , o Gange e o Indo ;
 Chorou-te toda a terra , que pizaste ;
 Mais te chorão as almas , que vestindo
 Se lião da sancta Fé , que lhe ensinaste :
 Mas os Anjos do Coo cantando , e rindo ,

Te recebem na gloria, que ganhaste;
 Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos favoreças.
 (*Lusiad. Cant. X. Est. 118.*)

XI. (Capit. XXI. Secç. 1.^a Art. 2.^o §. 8.)

Como da gente illustre Portugueza
 Ha de haver, quem refuse o Patrio marte?
 Como desta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte,
 Ha de sair quem negue ter defeza,
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhum respeito
 O proprio reino queira ver sujeito?
 Como? Não sôis vós inda os descendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira
 Do grande Henriques, féros e valentes
 Vencêrão esta gente tão guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes
 Puzêrão em fugida, de maneira
 Que sete illustres Condes lhe trouxeram
 Presos, afora a presa, que tiveram?
 Com quem fôrão contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz e seu filho, sublimados,
 Senão co'os vossos fortes pais e avós?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados
 Fernando em tal fraqueza assi vos pôz,
 Torne-vos vossas fôrças o Rei nôvo;
 Se he certo, que co'o Rei se muda o pôvo.
 Rei tendes tal, que se o valôr tiverdes
 Igual ao Rei, que agora alevantastes,
 Desbaratareis tudo o, que quizerdes,
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não moverdes
 Do penetrante mêdo, que tomastes;
 Atai as mãos a vosso vão receio;
 Que eu só resistirei ao jugo alheio:
 Eu só com meus vassallos, e com esta
 (E dizendo isto arranca meia espada)
 Defenderei da fôrça dura e infesta
 A terra, nunca de outrem subjugada:

Em virtude do Rei , da patria mesta ,
Da lealdade ja por vós negada ,
Vencerei , não so estes adversarios ,
Mas quantos ao meu Rei forem contrarios.
(*Lusitadas Cant. IV. Est. 15.... 19.*)

XII. (Capit. XXI. Secç. 1.ª Art. 2.º §. 8.)

Mas das potencias recobrando o uso ,
Que o subito desgosto lhe embargára ,
Escumando de raiva entre si disse :
» Pois não querem a paz haverá guerra.
» Vós , santos Ceos , e Tu , Astro brilhante ,
» Que o dia trazes , e que o dia levas ,
» E que eu nascêr não vejo ha longos annos !
» Vós testemunhas sôis , se eu pretendia
» Mais , que em paz desfrutar minha Prebenda,
» Comer , jogar , dormir e divertir-me.
» Mas ja que tu , ó *Bispo* revoltoso ,
» E Tu , infame , adulador Cabido ,
» A mudar me obrigais com vis cabálas
» De tão santo proposito , — até onde
» Chegão dos *Laras* o valor e o brio
» Desta vêz provareis. »
(*O Hyssope Cant. IV. v. 24 &c.*)

XIII. (Capit. XXI. Secç. 3.ª §. 1.)

Se ja nas brutas feras , cuja mente
Natura fêz cruel de nascimento ;
E nas aves agrestes , que somente
Nas rapinas aerias tem o intento ;
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento ,
Como co'a mãe de Nino ja mostráram ,
E co'os irmãos , que Roma edificáram :
Ó tu , que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem fôrça , só por ter sujeito
O coração a quem soube vencêl-a) ;
A estas criancinhas tem respeito ,
Pois o não tens é morte escura della :
Môva-te a piedade sua e minha ,

Pois te não move a culpa , que não tinha.
E se , vencendo a Maura resistencia ,
A morte sabes dar com fogo e ferro ;
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem , para perdê-la , não fêz êrro :
Mas , se to assi merece esta innocencia ,
Poem-me em perpetuo e misero destêrro ,
Na Scythia fria , ou lá na Libya ardente ,
Onde em lagrimas viva eternamente :
Poem-me , onde se use toda a feridade ,
Entre leões e tigres , e verei ,
Se nelles achar posso a piedade ,
Que entre peitos humanos não achei :
Alli co'o amor intrinseco e vontade
Naquelle , por quem mouro , criarei
Estas reliquias suas , que aqui viste ;
Que refrigerio sejam da mãi triste.

(*Lusiad. Cant. III. Est. 126... 129.*)

XIV. Ibidem :

» E muitos outros cahirão nesta conta : d'onde vierão a deixar as Cidades , e ir-se a suas quintas e lugares apartados , aonde cada hum andava communicando comsigo mesmo , pretendendo abalisar-se na Philosophia. E caso que buscassem sombras , ribeyras graciosas , valles amenos , altos álemos , sombrios freyxos , suaves cantos das aves , o saudoso tom dos quebrados das agoas , o rugido dos ventos , que zunião nas concavidades das altas rochas : tudo isto fazião , não somente pera seu gosto , mas tambem pera que estas cousas os excitassem ao sossêgo do animo e tranquillidade da vida. »

(Fr. Heytor Pinto, *Imag. da Vida Christãa*
Part. II. Dialogo da Tranquillidade da Vida
Cap. 16.)

F I M.

INDICE DAS MATERIAS

CONTIDAS NO PRESENTE VOLUME.

- EPIGRAPHERS, Pag. 2.
PREFAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO, 3.
PREFAÇÃO DA SEGUNDA EDIÇÃO, 7.
ADVERTENCIA, 11.
CAPITULO I. *Definições de Eloquencia e de Rhetorica: Em que se differença uma da outra*, 13.
CAPITULO II. *Historia da Eloquencia e da Rhetorica*, 15.
CAPITULO III. *Partes da Eloquencia e da Rhetorica*, 35.
CAPITULO IV. *Assumptos da Eloquencia*, 37.
CAPITULO V. *Meios, que a Eloquencia emprega para chegar aos seus fins*, 38.
CAPITULO VI. *Questões controvertidas em Eloquencia*, 39.
CAPITULO VII. *O que seja Estado em Eloquencia, e a quantas especies podem ser reduzidos os Estados*, 40.
CAPITULO VIII. *Grãos e Generos diversos da Eloquencia*, 41.
CAPITULO IX. *Partes do Discurso Oratorio regular, e sua deducção*, 44.
CAPITULO X. *Do Exordio*, 46.
CAPITULO XI. *Da Narracão*, 54.
CAPITULO XII. *Da Confirmação*, 59.

- CAPITULO XIII. *Da Peroração*, 71.
- CAPITULO XIV. *Da Disposição Oratoria em particular*, 81.
- CAPITULO XV. *O que seja Elocução Oratoria, sua difficuldade, excellencia e perfeição*, 83.
- CAPITULO XVI. *Virtudes e Vicios da Elocução*, 85.
- CAPITULO XVII. *Do Ornato Oratorio, sua excellencia, virtudes e vicios*, 89.
- CAPITULO XVIII. *Dos Grãos do Ornato : Das Pinturas, primeiro Grão do Ornato*, 92.
- Artigo 1.º *Das Enarguecias*, 93.
- Artigo 2.º *Das Similhanças*, 95.
- Artigo 3.º *Das Parábolas*, 97.
- Artigo 4.º *Das Imagens*, 99.
- Artigo 5.º *Dos Bosquejos*, 100.
- Artigo 6.º *Das Emphâses*, 101.
- CAPITULO XIX. *Dos Conceitos Oratorios, segundo Grão do Ornato*, 102.
- Artigo 1.º *Dos Conceitos fortes*, 103.
- Artigo 2.º *Dos Conceitos agudos ou sentenciosos*, 111.
- CAPITULO XX. *Do Adorno Oratorio, terceiro Grão do Ornato*, 115.
- Artigo 1.º *Da Meláphora*, 117.
- Artigo 2.º *Da Allegoria*, 120.
- Artigo 3.º *Da Ironia*, 122.
- Artigo 4.º *Da Metonymia*, 124.
- Artigo 5.º *Da Metalépse*, 127.
- Artigo 6.º *Da Antonomásia*, 128.
- Artigo 7.º *Da Onomatopéa*, 130.

Artigo 8.º *Da Hypérbole*, 131.

Artigo 9.º *Da Synédoche*, 133.

Artigo 10.º *Do Epíteto*, 137.

Artigo 11.º *Da Períphrase*, 139.

Artigo 12.º *Do Hypérbaton*, 142.

CAPITULO XXI. *Das Figuras Oratorias*, 143.

SECÇÃO 1.ª *Das Figuras de pensamento*, 144.

Artigo 1.º *Figuras de pensamento para provar*, 144.

Artigo 2.º *Figuras de pensamento para mover*, 150.

Artigo 3.º *Figuras de pensamento para recréar*, 159.

SECÇÃO 2.ª *Das Figuras de palavras*, 160.

Artigo 1.º *Figuras por accrescentamento de palavras*, 160.

Artigo 2.º *Figuras por diminuição de palavras*, 167.

Artigo 3.º *Figuras por consonancia, symmetria, e contraposição de palavras*, 169.

SECÇÃO 3.ª *Do uso dos Trópos e das Figuras*, 173.

CAPITULO XXII. *Da boa Collocação das palavras no Discurso Oratorio*, 175.

CAPITULO XXIII. *Do Estilo Oratorio*, 183.

Artigo 1.º *Divisões do Estilo*, 184.

Artigo 2.º *Regras geraes do Estilo*, 196.

CAPITULO XXIV. *Do Decoro Oratorio*, 200.

CAPITULO XXV. *Da Pronunciação, e Gestos ou Acção, como requisitos essencialissimos para o bom desempenho da Eloquencia*, 205.

CAPITULO XXVI. *A cultura da Memoria é da*

primeira necessidade para o exercicio da Eloquencia, 210.

CAPITULO XXVII. *Regras, que devem ser particularmente observadas nos Discursos dos tres Generos de Eloquencia de apparato, 212.*

SECÇÃO 1.ª *Eloquencia das Assembleas populares, 213.*

SECÇÃO 2.ª *Eloquencia do Fóro, 225.*

SECÇÃO 3.ª *Eloquencia do Pulpito, 236.*

Artigo 1.º *Regras geraes deste genero de Eloquencia, 238.*

Artigo 2.º *Regras particulares, 243.*

CAPITULO XXVIII. *Observações tendentes á perfeição da Eloquencia, 255.*

SECÇÃO 1.ª *A verdadeira Eloquencia depende essencialmente do perfeito conhecimento da Lingua, em que o Orador ha de falar, ou escrever, 255.*

SECÇÃO 2.ª *Meios para fazer progressos na Eloquencia, 260.*

EXEMPLOS, *citados pelo Autor nestas Lições, 271 até 285.*

TABELLA DAS CORRECÇÕES.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erratas.</i>	<i>Emendas.</i>
32	23	Erskind	Erskine
62	11	della	delle
64	17	conhecer	conhece
127	penult.	Lusitana	Lusitania
144	24	convencer	provar
ib.	26	convencer	provar
159	8	deleitar	recrear
ib.	9	deleitar	recrear
ib.	13	deleite	recreio
161	3	e outros	e n'outros
180	14	que como se vão	que se vão como
198	ultim.	belleza	bellezas
201	17	tirara	tirá
234	7	representar-lhe	representar-lhes
265	4	gran-	grandes
275	22	Capitul	Capitulo
285	7	desterro,	desterro

36240

830603

Olisipio
5.8.83
£ 4.37



